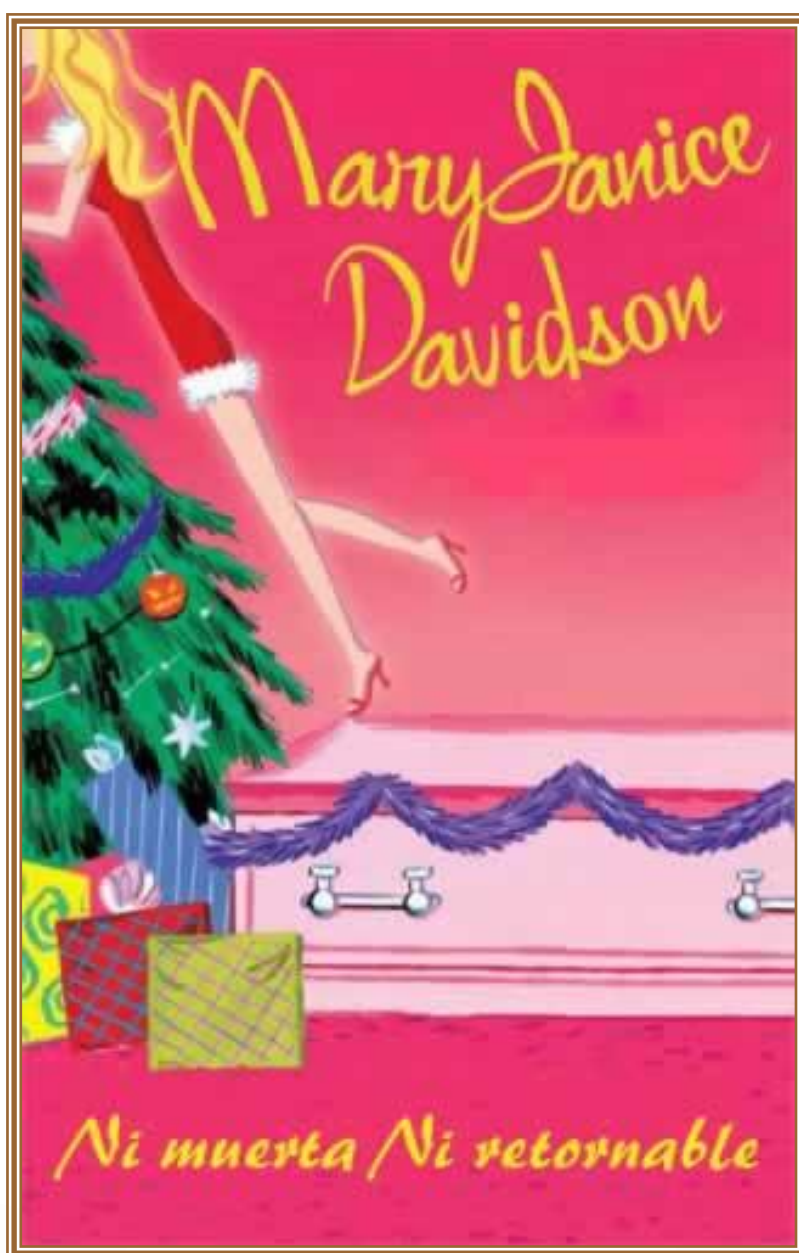


Vampira que não retorna

TRADUÇÕES E REVISÕES RTS

SÉRIE BETSY 04

VAMPIRA QUE NÃO RETORNA



Mary Janice Davids





Tradução: Jossi

Revisão: Sílvia Helena

Formatação:



SÉRIE Queen Betsy - RAINHA BETSY

1. Undead and Unwed (2002) - VAMPIRA E SOLTEIRA

1.0 - GAROTAS MORTAS NÃO DANÇAM

2. Undead and Unemployed (2004) - VAMPIRA E DESEMPREGADA

3. Undead and Unappreciated (2005) - VAMPIRA E DEPRECIADA

4. Undead and Unreturnable (2005) - VAMPIRA QUE NÃO RETORNA

4.0 - UM DEMÔNIO NECESSITADO

5. Undead and Unpopular (2006) - VAMPIRA NÃO-POPULAR

6. Undead and Uneasy (2007) - VAMPIRA E INTRANQUILA

7. Undead and Unworthy (2008) - VAMPIRA E INDIGNA

8. Undead and Unwelcome (2009) - VAMPIRAS NÃO SÃO BEM-VINDAS



Sinopse:

Ainda que ela seja a rainha dos vampiros, Betsy Taylor atua como uma princesa. Nas novelas de Mary Janice Davidson, esta soberana caprichosa e exigente finalmente começa a conformar-se com seu novo status.

Eles dizem que o Natal é um tempo para os amigos e a família. Mas com uma meio-irmã que é a filha do diabo, uma malvada madrasta, um demônio que vive em seu sótão, diferentes tipos de espíritos, assassinos ficando loucos e um casamento na primavera que tem que planejar com o antigo causador da ruína de sua existência, Eric Sinclair. Betsy não tem certeza de que irá sobreviver às férias.

Ah, é verdade. Ela já está morta...

PRÓLOGO

Del St. Paul Pioneer Press
15 de Dezembro de 2005

ENCONTRADA UMA TERCEIRA MULHER ASSASSINADA. Minneapolis, Minnesota.

O corpo de uma residente da Edina foi encontrado esta manhã aproximadamente às seis e meia da madrugada. **Cathie Robinson**, de 26 anos, foi encontrada no estacionamento do Wal Mart do Lago Street. Os forenses afirmam que foi estrangulada. Denunciaram seu desaparecimento em 13 de Dezembro. Acredita-se que é a terceira vítima do até então chamado Assassino do Caminho de Entrada, ao que lhe imputaram por agora três vítimas locais.

O detetive Nick Berry, que está trabalhando com o FBI desde a aparição da segunda vítima, Martha Lundquist, que foi encontrada em 23 de Novembro, afirma que a investigação está seguindo várias pistas. Esta é nossa prioridade máxima - disse Berry. Nada mais se coloca a frente.

O desaparecimento da Senhora Lundquist foi denunciado em 8 de Novembro, e seu corpo foi encontrado no estacionamento do Armazém White Bear, no Lago Target em 10 de Novembro.

O FBI fez um perfil do assassino, que parece estar escolhendo mulheres altas e loiras de olhos claros e cabelos curtos. Embora a detenção deste assassino seja "iminente", Berry adverte às mulheres de Minneapolis que tomem precauções quando saírem de seu trabalho.

Acredita-se que o Assassino do Caminho de Entrada atacou também em Iowa, Missouri e Arkansas.

O FBI e a polícia local acreditam que a primeira vítima foi Katie Johnson, de 27 anos, cujo desaparecimento foi denunciado em 28 de Outubro e o corpo foi encontrado em 4 de Novembro no estacionamento do McStop de Lakeville.

Del Star Tribune,
17 de Dezembro de 2005

NASCE, filho de Antonia Taylor e John Peter Taylor de Edina, Minnesota, um menino, Jonathon Peter Taylor II, às 12:05 da manhã em 15 de Dezembro no Fairview Ridges, Edina.

CAPÍTULO 1

Assim diz minha lápide sepulcral:

Elizabeth Anne Taylor

25 de Abril 1974 - 25 de Abril 2004

Nosso coraçãozinho, apenas descansa.

- Isto é tão deprimente - observou sua melhor amiga, Jéssica Watkins.
 - É estranho - Minha irmã, Laura Goodman, estava olhando fixamente - Isto é muito, muito estranho.
 - Nosso coraçãozinho, apenas descansa? – perguntei -. Que demônios isso significa?
 - Eu acho agradável - disse minha irmã, um pouco em dúvida.
- Parecia o sonho de um velho verde com seu cabelo comprido, loiro quase da cor de caramelo, com grandes olhos azuis e jaqueta vermelha. Sabe como os filhos de sacerdotes algumas vezes ficam selvagens quando finalmente se afastam de seus pais? Laura era a filha do diabo (não, não de verdade), assim que sua forma de se rebelar era ser tão agradável e doce quanto possível. Um plano covarde.
- É algo diferente. A maioria das pessoas diria um versículo da Bíblia, mas sua mãe certamente não o fez.
 - Dado como acabaram as coisas - replicou Jess, passando a mão por seu cabelo negro encaracolado - é um pouco profético, não acha? - Como era habitual, quando seu cabelo estava preso, o puxava para trás tão firmemente, que o arco de suas sobranceiras a fazia parecer constantemente assustada. Se bem que fosse possível, considerando onde estávamos de pé, que estivesse realmente assustada.
 - Acredito que estar de pé diante de minha própria tumba é o último lugar no qual quero estar no dia 17 de Dezembro, isso é o que acredito - Depressivo e horripilante. Como deveriam ser as festas.
- Jéssica suspirou de novo e descansou a testa em meu ombro.
- Pobre Betsy. Não posso superá-lo. Era tão jovem!
- Laura sorriu um pouco.
- Como se chegar aos trinta não fosse um trauma suficiente. Pobre Betsy.
 - Tão jovem!
 - Podem recuperar a compostura, por favor? Estou aqui mesmo – Coloquei as mãos nos bolsos de meu casaco e me mostrei contrariada -. Quanto graus estamos, dez abaixo de zero? Estou me congelando?
 - Sempre está congelando. Saiu sem as suas luvas, então não reclame. E estamos a trinta e cinco graus, criança.
 - Quer meu casaco? - disse Laura -. Na verdade eu não sinto o frio.

- Outro de seus poderes sinistros - disse Jéssica -. Acrescentarei este à lista com as armas feitas de fogo infernal e o fato de ser sempre capaz de calcular uma gorjeta de 22 por cento. Agora Bets, volte a explicar para mim... como é que sua lápide está finalmente aqui?

Expliquei, se tivesse sorte seria a última vez. Eu morri, é obvio, na primavera. Tinha-me elevado nas primeiras horas da madrugada do dia de meu funeral e saí correndo como não-morta. Já que meu corpo tinha desaparecido, o funeral se cancelou.

Mas minha mãe, que teve uma enorme briga com meu pai e minha madrastra sobre quanto gastar em minha lápide de mármore, apressou-se a encomendar a coisa. Quando tudo terminou, funeral, sem missa, nem enterro, (Minha família sabia a verdade sobre o que era eu, e também Jéssica. Aos demais, meus colegas de trabalho e amigos, lhes disseram que o funeral tinha sido uma brincadeira, uma brincadeira de muito mau gosto).

De qualquer forma, minha lápide esteve guardada nos últimos seis meses. (Minha madrastra tinha votado por um puro e barato granito, com minhas iniciais e as datas de minha morte e nascimento, um penique economizado era um penique ganho, aparentemente. Meu pai, como sempre fazia quando minha mãe e Antônia estavam envolvidas, ficava à margem).

Depois de uns meses, a funerária entrou em contato cortesmente com minha mãe e perguntou o que queria fazer com minha lápide. Mamãe tinha a parcela e a lápide paga, assim fez com que a colocassem antes de ontem, e o mencionou no almoço de ontem. Já sabem algo assim como: "Garçom, quero sopa de tomate com parmesão, e por certo, céus, ontem pedi para que colocassem sua lápide no cemitério.

Jéssica e Laura estavam com uma curiosidade mórbida para vê-la, e concordou. Que demônios, era uma pausa com os preparativos do casamento e os cartões de natal.

- Sua mãe - comentou Jessica - é um modelo horripilante de eficiência.

Laura sorriu abertamente.

- OH, a Doutora Taylor é tão agradável.

- E quando pensa que sua madrastra não pode ser mais inepta... sem ofender, Laura. - Ant era tecnicamente a mãe biológica de Laura. Uma larga história.

- Não me ofendo - replicou ela alegremente.

- Já viram o suficiente degeneradas?

- Espera, espera. - Jéssica encasquetou com um ramo de lírios cor creme em minha tumba. Quase chiei. Eu tinha assumido que os tinha pegado para uma das oitenta mil mesas de nossa casa. Não para minha tumba. - Vamos.

- Inclinem as cabeças - sugeriu Laura.

- Não. Estão as duas fodidamente doentes.

- Olha a língua - replicou gentilmente minha irmã.

- Não vamos rezar sobre minha tumba. Já é bastante repugnante só o fato de estar aqui. Esse seria um passo final e extremamente estranho.
- Não sou eu quem está à base de uma dieta líquida, nem sou a Rainha dos Vampiros. Bom, se não irão rezar, vamos.

CAPÍTULO 2

- Boa noite, Sua Majestade.
- Tina, querida - chamei, colocando mais creme em meu chá -. Sente-se. Pegue uma xícara.
- Quanto tempo está acordada?
- Duas horas mais ou menos - disse, tentando não parecer presunçosa. Deus tinha respondido minhas preces e ultimamente me levantava por volta das quatro da tarde. Claro, vivia em Minnesota em Dezembro, assim estava tão escuro as quatro como as oito.
- Mas... não viu o jornal? - Tina sentou-se na minha frente com o Tribune dobrado sob o braço. Colocou-o perto dela e ignorou o bule. - Ainda não?
- Eu não gosto como soa isso. Nem um pouco. - Tina duvidou, e se abraçou a si mesma. Tina era uma vampira velha, ridiculamente bonita como a maioria dos vampiros, totalmente devota a Sinclair e, em menor medida, a mim. Ela tinha transformado Sinclair, tempo atrás, e nos tinha ajudado, a ambos, ganhar nossas coroas recentemente, nos protegendo, vivendo conosco (não assim, ewwww!)... era como um mordomo, só que pequena e bonita. Assim acredito que seja uma menordomo.

Seus cabelos eram compridos de cor castanha, que usualmente recolhia em um coque eficiente, e enormes olhos escuros. Grandes sobrelhas castanhas escuras animavam seus olhos. Embora apenas chegassem ao queixo, davam uma aparência quase nobre. Como a Ellen, a mãe de Escalarta O'hara, nunca tinha visto os ombros de Tina tocar o encosto de nenhuma cadeira, nunca a tinha visto sequer em uma má postura. Também era enlouquecedoramente correta e nunca esquecia nada. Teria sido uma rainha muito melhor que eu, para falar a verdade.

De qualquer modo, o caso era que dirigia com vigor todo tipo de situações que a maioria deixaria clinicamente loucos ou ao menos irritáveis. E estava duvidando. Estava nervosa.

Senhor me ajude a ser forte.

- Acredito que será melhor me contar isso. - Desdobrou silenciosamente o jornal e me ofereceu ele. Nascimentos e mortes. Li o anúncio -. Huh - disse sem me

surpreender -. Meu irmão nasceu faz dias, e não se incomodaram em me dizer isso. O que você acha?

Tina estava de fato encolhendo-se de medo em sua cadeira e abriu os olhos de par em par ante meu comentário.

- Isso... Isso é tudo? Esse é seu único comentário?

- OH, vamos. Cresci com essas pessoas. Este não é um comportamento exatamente atípico. Suponho que será melhor ir até lá e apresentar meus respeitos. Vejamos... acho que deveríamos nos encontrar com a florista esta noite, mas duvido seriamente que Sinclair se importe isso passe para outro dia... e Jess e eu temos um jantar mais tarde programado, mas ela não irá querer que eu perca isso... sim, irei ver o bebê esta noite.

A testa perfeita e lisa de Tina estava enrugada de surpresa.

- Devo dizer Majestade, que está encarando isto muito melhor do que eu esperava.

- Estava esperando. Fiquei atenta aos anúncios de nascimentos... só que não tive a oportunidade de comprová-los hoje. O bebê é prematuro... não achei que Ant tivesse o bebê até Janeiro.

- Pode ser que fizeram uma confusão com as datas - sugeriu Tina -. É possível que calculasse mal a data de sua última menstrua...

- Ei, estou tentando suprimir minha sede ímpia aqui - lhe recordei.

- Sinto muito.

Olhei novamente para o jornal.

- Assim que, irmão Jon. Sabe, o último bebê que teve Ant foi a filha do diabo. Pergunto-me como vai ser você?

CAPÍTULO 3

- Seu pai não está aqui - disse Ant. Embora estivesse com olheiras, seu cabelo cor de abacaxi estava em perfeita forma. Estava segurando uma babá eletrônica entre seus dedos ásperos, e um pranto monótono saía dele -. Não voltará até amanhã

- Estou aqui para ver o bebê, Antônia. Já sabe, meu irmão - Felicidade, por certo.

Ainda estava pendurada na porta, me mantendo firmemente nos degraus dianteiros.

- Não é bom momento, Betsy.

- Não o é nunca. Em realidade, para nenhuma das duas. Está com um aspecto terrível - disse alegremente.

Fulminou-me com o olhar.

- Agora estou ocupada, assim terá que voltar em outro momento.

- Olhe Antonia, como quer fazer isto? Posso continuar telefonando e vindo por aqui e você pode continuar me despachando, e eu posso me queixar com meu pai que cedo ou tarde se cansará de estar no meio e fará com que me deixe ver o bebê, ou pode me deixar entrar esta noite e acabar com isto.

Abriu a porta de par em par.

- Estupendo, passa.

- Muito obrigado. É muito amável. Ganhou uma tonelada de peso ultimamente? - perguntei, tirando o casaco. Então me lembrei que sentia frio constantemente e que não iria ficar muito tempo e voltei a colocá-lo. Não é que pareça, já sabe, bem.

- Tenho que olhar a Jon - disse, franzindo o cenho para a babá eletrônica -. O médico disse que é cólica. Seu pai me deixou com ele.

- Sim, esse é o tipo de coisas que lhe cai bem.

- O chamamos assim por causa de seu pai - acrescentou orgulhosamente, e estupidamente.

- Mas o nome de papai é John. Com o H. O nome do bebê é Jon, que, como tenho certeza que sabe, sendo sua mãe, é uma abreviatura de Jonathon, que se escreve de forma totalmente diferente -. Meus lábios estavam se movendo, ela poderia me entender? Provavelmente era o momento de tirar as Crayolas.

Olhou-me furiosa.

- Bastante. É Jon Peter, como seu pai.

Me rendo.

- Em que quarto colocou o menino?

Apontou para o sul ao final do corredor para o alto das escadas... o quarto mais afastado do principal. Surpresa. Subi às escadas, e ela foi atrás.

- Será melhor que não lhe morda - grunhiu - o que não considere digno de resposta.

Ant sentia (e dizia, ruidosamente, todo o tempo) que tinha sido muito insensível da minha parte não ficar morta, e que meus companheiros vampiros eram maus elementos. Essa última era algo difícil de rebater -. Melhor que não. De fato, talvez não devesse tocá-lo absolutamente.

- Prometo, não estou resfriada - Abri a porta... podia ouvir o bebê uivando através da madeira... e entrei no quarto infantil, que estava cheio do Winnie do Pooh. Ech, ao menos que fosse o Pooh original.

- Redecoraremos na próxima semana - replicou ela ausente, olhando para o berço -. Com tudo da pequena sereia que aparece no EBay.

Diabo não me surpreendia que o pirralho estivesse chiando. Olhei e não vi nada especial: a cara vermelha típica de um recém-nascido com uma moita de cabelo negro, olhos pequenos fechados em duas gretas, boca aberta no "EeeeeYAH eeeeeYAH eeeeeYAH" sustentado de um pequeno bebê zangado.

Estava vestido com um desses saquinhos, como uma ervilha, de um verde pálido que fazia que o pobre pirralho parecesse positivamente amarelo. Suas pequenas extremidades não tinham muita gordura; eram como raminhos. Seus pequenos punhos eram do tamanho de nozes.

Pobre pirralho. Dentro desta casa excessivamente grande com um tema Walt Disney, a Ant como mãe, e roupa verde. Era muito para qualquer um, mesmo para quem estava no planeta a mais de uma semana. Se pudesse chorar para ele, o teria feito.

- Pegue - disse Ant, e me ofereceu um pequeno pote com higienizador.

Revirei os olhos.

- Não tenho nada contagioso.

- Está morta.

Pensei em discutir, mas depois me rendi e lavei minhas mãos rapidamente. Bebê Jon gemia todo o momento. Sentia-me um pouco com vontade de gemer eu mesma quando devolvi o pote.

Não perguntei se podia lhe pegar; só o fiz, lhe segurando cuidadosamente a cabeça. (Recordava muito meus dias de babá). Terminou um "EeeeeYAH!" final e ficou ali, com a boca aberta.

- Não quero que o... - começou Ant e olhou a seu filho. Meu Deus é a primeira vez que deixa de chorar em horas.

- Acho que gosta de mim.

- Me devolva.

Ofereci o bebê Jon e logo que saiu de meus braços começou a chorar de novo. Ant me devolveu ele apressada e ele calou.

Desculpe... não pude evitar. Um novo poder vampiro! Os recém-nascidos faziam minha malvada vontade. Inclusive melhor, Ant parecia tão verde como a roupa do bebê Jon.

- Bom – disse em voz muito alta, porque o havia devolvido outra vez e tinha que me fazer ouvir sobre os gritos -. Já vou.

- Espera!

Heh.

CAPÍTULO 4

Abri de repente a porta da cozinha e praticamente caí no meio do chão.

- Voltei! - gritei.

- Sim, eu também - disse Jéssica. Ainda com seu casaco cor caramelo, um casaco de homem que lhe chegava quase aos tornozelos, e tinha seu trabalho de ponto em uma mão e suas luvas na outra. Ninguém mais levantou o olhar. Talvez tenha

que fazer uma entrada mais dramática; muita gente já a tinha usado -. Obrigado por cancelar nosso jantar, sua puta maldosa.

- OH, vamos, como se te importasse muito que fosse ali e chateasse a Ant. E cancelei o de amanhã também, por que... - Fiz uma pausa para o impacto dramático - vou cuidar de meu irmãozinho.

Jéssica ofegou.

- Vai o que?

Tina e Sinclair de fato levantaram o olhar.

- Não entendemos isso, querida - me disse Sinclair.

- Entenderam todos. Ouviram exatamente o que disse. - Tirei as mãos frias dos bolsos e as soprei, o que fez com que fosse abaixo de zero -. Sim, isso. Vou ficar de babá. O bebê gosta, e embora Ant não, está desesperada para sair de casa. Assim vou voltar amanhã a noite.

- Voltar... para a casa de sua madrastra.

- Sozinha com o bebê - esclareceu Tina.

- Eu sei! É um milagre de natal!

- Bom, irei também- decidiu Jéssica. - Acompanharei você. E eu gostaria de ver a... John, verdade?

- Jon. Sim. Será divertido! Estranho. Mas divertido. Podemos fazer pipocas e "as esquecer" no fundo de seu armário. - Joguei minhas chaves sobre o mostrador e cruzei a habitação. - No que estão trabalhando, meninos?

Eric Sinclair se encostou para trás para poder me olhar. Era o rei dos vampiros, meu amante, meu namorado, minha nênese, e meu companheiro de quarto. Este ano, por assim dizer, foi suavemente interessante.

Como sempre, fiquei tão distraída pelo atrativo essencial de Sinclair, que quase esqueci olhar o livro no qual estavam tão concentrados. Estava tão... bom, bom.

Bom e bonito e alto e de ombros largos e tão tão bonito. Bonito de deveria-ser-contra-a-lei. Mãos grandes. Grande sorriso. Grandes dentes. Grande tudo. Ulalá. Depois de meses lutando contra minha atração por ele, já não tinha que fazer isso mais, e garota, era insaciável. Ambos éramos. É agradável não ter que lhe olhar pela extremidade do olho todo o tempo. Iríamos nos casar. Estávamos apaixonados. Assim era correto que babássemos incontrolavelmente um pelo outro.

Tirei uma mecha de cabelo escuro da testa, tentando não olhar emboada para seus olhos negros, deixando que minha mão vagasse para baixo de sua lapela, e finalmente olhei de volta para a mesa. Em meio segundo, meu bom humor se evaporou como o sabor da Ant em uma venda de degustação.

- Que demônios está fazendo isso aqui?

- Querida, está me espremendo... - Coloquei a mão na cintura e gentilmente se soltou, porque estava lhe retorcendo a lapela no peito e, e conhecendo ele, estava

menos preocupado pelo estrago em sua traquéia que por medo de arruinar sua roupa.

- Não fique irritada - começou Tina.

- Ahhhh! Ahhhh! - Continuei, assinalando.

- Um tipo do UPS o trouxe - continuou ela.

Jéssica e eu a olhamos.

- Não, de verdade - disse.

- Um tipo do UPS trouxe isso? chiou Jéssica, apontando também para o Livro da Morte.

- E um pacote de sua mãe - acrescentou Tina servicial.

- Jesus, dá medo olhar que há no outro pacote!

- Acreditava que havíamos... - Jéssica olhou para Sinclair, que estava tão sério como sempre, embora seus olhos negros brilhassem de um modo que fazia que os pêlos de meus braços se arrepiassem - Acreditava que tinha desaparecido.

- Merda, merda, merda - murmurei. Estava aberto... aberto!... e o fechei de repente. - Merda! Não o olhem. Merda! Por que estão olhando isso?

- OH, bom, para planejar o que fazer com tudo isso. - Sinclair sorriu, mas não parecia especialmente feliz. - Melhor sorte a próxima vez, e com isso quero dizer, que não se atreva a voltar a fazê-lo.

Para abreviar: li o Livro da Morte mais ou menos no Halloween e fiquei mal por um momento. Realmente mal. Tanto como para morder e perseguir meus amigos. Inclusive agora, três meses depois, ainda me sentia desesperadamente envergonhada pelo modo como tinha atuado, e apenas podia pensar nisso. Castiguei-me a mim mesma calçando sapatos de lona Kmart durante um mês, mas nem sequer isso era uma forma correta de penitência.

A parte boa era que agora podia sair de meu profundo e escuro sonho ao entardecer, em vez de estar nocauteada desde o amanhecer ao anoitecer. Mas para mim não tinha sido um trato o bastante bom, e tinha atirado o Livro ao Rio Mississippi, e dado adeus.

Sinclair ficou friamente furioso, e Tina não estava especialmente contente comigo tampouco. Documento histórico, de valor incalculável superior ao dos rubis, ferramenta de adivinhação, blá, blá, blá. Ele não tinha me expulsado de sua cama, mas em todo o momento que tínhamos estado fazendo amor essa noite, não tinha parado de chamar minha atenção. E em sua cabeça (posso ler sua mente, embora ele não saiba... ainda) ficou realmente louco. Isso tinha sido uma grande e horrível descoberta. Mas nesse momento, eu acreditei que era um pequeno preço a pagar por ter me livrado do livro.

E agora estava de volta.

- Merda - disse de novo, porque não podia pensar em nada mais.

- Bom - disse Jéssica, olhando fixamente o Livro. - Eu tenho algumas boas notícias.

- Que isto é uma falsificação realmente boa?
 - Não. Acabo de terminar minha última aula de crochê. Agora posso ensinar ao George outro ponto.
 - OH. – Dei um jeito de tirar meus olhos do Livro. - Bom isso é uma boa notícia. Realmente... boa.
 - Que tal sua lápide? - perguntou Tina cortesmente.
 - Não mude de assunto.
 - Mas é tão tentador.
 - O que vamos fazer com isso?
 - Jessica já mudou de assunto. Eu acredito que devemos levar de volta à biblioteca.
 - Onde pertence, e de onde nunca deveria ter saído em primeiro lugar.
 - Ei, minha casa, minha biblioteca, meu livro.
 - Com muita dificuldade - soprou ele.
 - Além disso, é nossa casa - disse Jéssica, o qual foi muito amável, porque ela pagava a hipoteca. Sinclair pagava uma mísera renda, e eu não pagava nada. Tínhamos utilizado os ganhos da venda de minha velha casa infestada de térmitas para fazer um pagamento parcial pela mansão.
 - É perigoso – disse, inutilmente porque já sabia que tinha sido derrotada.
 - É uma ferramenta. Como qualquer ferramenta, depende de como se usa. - Sinclair começou a levantar-se. - Levarei isso para biblioteca.
 - Nãaaooo. – coloquei minha mão em seu ombro e empurrei. Foi como tentar mover uma rocha. - Vamos, sente-se já. Eu o colocarei na biblioteca. Prometo não jogá-lo no rio pelo caminho.
- Depois de um longo momento, sentou-se. Recolhi torpemente o Livro (tinha sessenta centímetros de comprimento, e seis polegadas de largura) e me estremeci; estava quente. A Bíblia vampiresca, encadernada com pele humana, escrita com sangue, e cheia de profecias que nunca se equivocavam. O problema era que se lesse essa coisa por um tempo, ficava louco. Não louca de "estou tendo um mau dia e me sinto mal", ou louca como a síndrome pré menstrual. Louca do tipo "cometerei delitos maiores como assaltar meus amigos e violar meu noivo".
- Vou ao porão - disse Jéssica depois de um longo silêncio. - Vou ensinar ao George um novo ponto.
 - Espere. - grunhi, levantando o Livro.
 - Vamos, quero ensiná-lo agora, para poder praticar.
 - Disse para esperar, idiota. Supõe-se que não deve ficar sozinha com ele lembra?
 - Ele nunca me machucou. Nunca olhou em minha direção. Não desde que o mantém cheio com seu repulsivo sangue real.

- Não obstante - disse Sinclair, livre do livro e agora pegando o Wall Street Journal. - Não pode ficar sozinha com ele, Jéssica. Nunca. Ela franziu o cenho, mas estava franzindo para o jornal, que agora estava diante da cara de Sinclair. Quase me ri. Despachada. Fazia isso comigo o tempo todo.
- Deixe-me colocar na biblioteca. - disse, cambaleando para a porta... era difícil carregar isto e não ficar como uma tonta tropeçando todo o tempo. - E irei contigo. Qualquer coisa melhor que isto.
- Essa é uma declaração atrevida - observou Tina, mexendo seu café. Especialmente quando esteve recentemente com sua madrastra.
- Ah! - exclamei com sarcasmo, e fui para a biblioteca.

CAPÍTULO 5

- Bom – disse alegremente, descendo as escadas. - Esta foi a coisa mais repugnante de toda minha vida.
 - E você bebe sangue toda semana.
 - Ugh, não me recorde isso. George? Céu está aí?
- Fomos até o final do porão (o lugar era enorme; tinha a longitude da mansão e, entre outras coisas, tínhamos corpos decapitados aí em baixo e também um tio bom) e encontramos George em seu quarto, fazendo crochê concentrado no final de um fio interminável. Azul céu, esta vez.
- Levantou o olhar alerta quando entramos em seu quarto e depois voltou para seu ponto. O mais horripilante de George era quão normal estava começando a parecer.
- Era alto e magro, com uma constituição de nadador, de cabelo castanho dourado até os ombros, e olhos marrom escuros. Quando tinha sido mais feroz, era difícil ver o homem sob todo o barro. Agora que estava à base de uma dieta regular de meu sangue, era difícil ver o vampiro feroz sob o homem.
- Estava muito magro, mas tinha o melhor traseiro que eu tinha visto nunca, sem importar que meu coração pertencesse a Sinclair (e a seu traseiro). Seus olhos eram da cor de barro úmido, e ocasionalmente um brilho de inteligência brilhava até mim. Ou talvez fosse eu que desejasse ver isso.
- Parecia que só gostava de mim, o que era justo, já que eu era a única que não quis lhes cravar uma estaca e a seus companheiros Demônios. Os outros estavam em uma mansão em Minnetonka, aos cuidados de outro vampiro. Ao contrário de George, os outros Demônios não tinham desejos de fazer nada exceto engatinhar por aí a quatro patas e beber sangue de copos.

Eu não estava realmente segura do que fazer com os Demônios, além de seguir minha grande e toda compassiva política "vive e deixa morrer". A cúpula anterior estava acostumada a utilizar aos vampiros para um amplo leque de experimentos... já sabem, como os nazistas. E outra de suas afeições favoritas era matar de fome a vampiros que se elevavam pela primeira vez.

Além disso, os Demônios: ferozes, desumanos, e não muito bons para falar. Nem caminhando. Nem... em nenhuma outra coisa. Eram monstros, mas isso não era culpa sua... o autêntico monstro era quem os tinha criado.

Tudo o que eu podia fazer era me ocupar deles... e manter George entretido. Ao contrário de outros, George gostava de beber meu sangue em alguns dias. Ao contrário dos outros, George estava caminhando.

Era muito estranho.

- Olhe pequeno, - disse Jéssica, tirando sua própria agulha de crochê e mostrando-lhe. Depois me olhou. - Uh, comeu esta semana, verdade?

- Infelizmente, sim. - Olhei para meu pulso que já estava cicatrizando. Eu só gosto de compartilhar sangue com Sinclair, o resto do assunto me adoecia. Eu só o fazia com o Sinclair em momentos íntimos.

Tristemente, meu sangue (o sangue da rainha, suspiro) era a única coisa que fazia melhorar George. Há três meses, estava coberto de barro, nu, uivando à lua e comendo ocasionalmente à força. Estar fazendo crochê em meu porão e concordar em usar Jockeys vermelhos (uma marca de cuecas) era uma maldita grande melhora.

- Assim - estava dizendo Jéssica, lhe mostrando o que parecia, ao menos para mim, um ponto incrivelmente complicado. Mas bom, eu me livrei de meus padrões de ponto cruz aos dezesseis anos depois de declarar que eram muito difíceis. Fazer crochê e tecer... yurrrgh.

Minha mãe tinha tentado me ensinar a tecer uma vez, e tinha sido algo assim: "Certo, farei-o realmente lento para que possa segui-lo". Então as agulhas relampejaram e já tinha tecido meio cachecol. Foi então quando perdi o interesse por tudo os cachecóis.

- E depois... - Jess estava murmurando? Através do laço... assim.

Ele cantarolou e continuou o trabalho.

- O que é o seguinte na agenda de casamento?

- Ou... - fechei os olhos e pensei. Minha agenda estava lá em cima, mas sabia de cor quase todos os detalhes do casamento. - Flores. Eu ainda insisto em íris púrpura e lilás e astromeria amarelas, e Sinclair ainda prefere que não nos casemos.

- Quando é a nova data?

- 15 de Setembro.

Jéssica franziu o cenho.

Isso é uma terça-feira.

Olhei-a fixamente.

- Como sabe isso?

- Porque é a data em que morreram meus pais, assim tento ir ao cemitério nesse dia. E lembro que no último Setembro foi uma quarta-feira.

- OH. Não falávamos da morte dos pais de Jessica. Nunca. - Bom, qual é a diferença? Como se Sinclair se importasse? Como se a outros vampiros se importassem? OH, que, todos têm que levantar-se cedo para trabalhar na manhã seguinte?

- Quantas vezes mudou a data? Quatro?

- Possivelmente - disse a contra gosto. Tinham sido, respectivamente, 14 de Fevereiro (sei, sei, e me concedam um pouco de crédito, desprezei a idéia ao final), 10 de Abril, 4 de Julho, e agora 15 de Setembro.

- Não entendo por que não o fazem logo, céu. Desde quando deseja isso? E Sinclair está de acordo com tudo isso. Quero dizer, que demônios passa?

- É só que não tenho tempo para me ocupar de todos os detalhes. Estive resolvendo assassinatos e algumas outras façanhas. - me queixei. - Por isso sigo trocando a data. Não temos suficientes horas no dia. Noite.

Jéssica não disse nada. Graças a Deus.

- Olhe! - assinalei. George estava tecendo o novo ponto justo como tinha ensinado. - Uau, conseguiu.

- Seguinte passo: fazer o ponto.

- Pode descansar alguma vez? Deixa que o tio faça uma manta ou algo.

- E depois disso. - disse confidencialmente, - vamos começar leituras e matemática.

- OH, menino.

- Já sabe. Seguro. Só é uma questão de lembrar.

- Sim, só isso.

Ignorou isso.

- E que mais? Flores? E depois o que? Pegou o vestido?

- Sim. Peguei a semana passada. O gracioso de estar morta é que a roupa ajusta muito melhor.

- Bom, já estamos. Que mais?

- A degustação do cardápio.

- Como vai resolver isso?

- Vinho para eles, suco e coisas assim para o resto de nós. - Ouvi a mim mesma dizer e me perguntei: Quem acredita que é "nós"?

- OH. Bom trabalho. E?

- O bolo. Não para nós. - Aí estava de novo essa palavra! - Mas haverá algumas pessoas normais ali. Você, Marc, meus pais.

- E Ant?

- A convidei.

- De verdade? Bom, possivelmente tenha um lifting facial nesse dia. Voltei-me a animar.
- Possivelmente. Você acredita? De qualquer modo, eu me inclino pelo chocolate com recheio de framboesa, talheres de chocolate, talheres de morangos. E, já sabe decorado com caramelo cor marfim.
- Basta, está me dando fome.
- E estive tentando levar Sinclair para comprar um smoking.
- Por quê? Tem milhões deles.
- Sim, mas este é o smoking. A mãe de todos os smokings. O smoking do dia de seu casamento. Necessita algo especial.
- Talvez de um agradável azul claro? - sugeriu.

Ri.

- Ou amarelo canário. Imagina? Não morreria sem mais?
- De novo. Na verdade, parece bastante próximo de fazê-lo. Ele, uh, não parece muito interessado nos detalhes. Quero dizer, mais que a maioria dos tios. O que é estranho, dada sua exacerbada metro sexualidade.

Não tinha ouvido esse termo exato (eu era a pessoa mais na moda do ano antes, mas agora estava tristemente defasada) aplicado a Sinclair, mas só tive que refletir meio segundo sobre isso antes de compreender que ela tinha razão. Era um grande sedutor, adorava as mulheres, não lhe importava chutar aos tipos maus, insistia em redecorar todas as salas, era um esnobe com o chá. Ah, o amor de minha vida. Genial na cama e só bebia chá de folha, não de saquinho. Quem o teria pensado?

Sentei-me em uma das cadeiras e observei George tecer diligentemente. Falando de metros sexuais. Já tinha feito quatro polegadas.

- Agora que o diz. Sinclair tem uma espécie de tick, se põe tão cabeça dura. "Estamos casados pela lei vampiros, uma cerimônia é redundante, blá, blá, blá."
- Isso é duro - disse Jess compassivamente. Estava escavando em sua bolsa artesanal e atirando mais novelos de lã a George. Um arco íris voava pelo ar: vermelho, azul, amarelo, púrpura. - Mas sei que não é questão de amor. Sabe?
- Suponho...
- Vamos, Bets. Haviam esclarecido as coisas no Halloween. Te adora. Faria qualquer coisa por você. Faz qualquer coisa por você. E não é culpa sua que considere que estão casados durante os últimos oito meses.
- Mmm. Sabia que nosso casamento vai ser o primeiro casamento monárquico vampiro na história dos não-mortos?
- Algo para o diário. Casamento monárquico vampiro?
- Umm. Porque os vampiros se casam a três por quatro. E um casal vampiro/humano pode casar-se... como Andrea e Daniel. Mas suponho que já que o Livro da Morte afirma que já estamos casados, nunca se foi feito realmente.

- E?

- Exatamente - disse firmemente - Exatamente! Quem se importa com uma merda que nunca foi feita antes?

Jéssica estalou em gargalhadas.

- Acabo de compreender. Se o fizesse, você seria Sink Lair. (nota: trocadilho; sink significa ralo e Lair guarida. No primeiro livro da saga, Betsy estava acostumada a burlar-se continuamente de Sinclair pronunciando assim seu nome, dando a entender mais ou menos que vivia caindo na merda).

- Nem o mencione.

- Melhor não mencionar a ele. É muito tradicional.

Exatamente isso o que me preocupa ultimamente.

CAPÍTULO 6

Um dos fantasmas veio me chatear enquanto estava escrevendo em meu diário. Não sei por que me incomoda. Escrevo a todo vapor por uma semana aproximadamente e logo perco totalmente o interesse. Tenho meu armário cheio com noventa diários com apenas as quinze primeiras folhas escritas.

Marc acabava de sair depois de me rogar, uma vez mais, para que escolhesse um bolo de cenoura em lugar de um de chocolate. O muito maníaco. Tivemos um intercâmbio de palavras e logo se zangou e se foi. Jéssica dormia (eram as duas de madrugada). Tina estava fora da cidade, provavelmente alimentando-se (Por tato não pergunte). Sinclair andava em algum lugar da casa.

E o fantasma estava de pé diante de meu armário me dando as costas, inclinado para frente como um mordomo fazendo uma reverência dobrando-se pela cintura, com a cabeça atravessando a porta. Nem sei por que me virei. Ela não tinha feito ruído, ou melhor, dizendo, tanto quanto poderia fazê-lo uma bateria morta. Só o fiz. E ali estava ela.

Sentei-me ali um momento e tomei fôlego para me acalmar, ignorando o instantâneo enjôo. Isto me ocorre às vezes. É parte de ser Rainha. A primeira vez me assustou tanto que fiz nas calças. Ironicamente, as coisas mortas me aterrorizam.

Não é que me tivesse acostumado exatamente, mas ao menos não passava a vergonha de sair correndo da habitação até a porta de entrada.

- Um - disse.

Ela tirou a cabeça e me olhou, assombrada.

- Tem muitos sapatos.

- Obrigado

- Mais que Payless.

Reprimi um calafrio.

- Obrigado. - Olhamo-nos fixamente uma à outra. Era pequena, o cabelo era de um laranja claro, de aproximadamente 1.50m, levava o cabelo preso em um rabo, no estilo “Minha Bela Gênio”. Tinha olhos azuis, uma quantidade de sardas cor caramelo um sua cara e mãos. Vestia um jeans gasto e um suéter de gola alta tartaruga cor verde. Uns maltratados sapatos sem salto negros, não usava meias.

- Sinto, ah, te incomodar. Mas acredito... eu acre...acredito que posso estar morta.

- Realmente lamento te dizer isto, - respondi, - mas está morta

Sentou-se no chão e chorou durante aproximadamente dez minutos. Eu não sabia o que fazer ou dizer. Não podia ir, embora este fosse meu primeiro impulso... lhe proporcionar um pouco de privacidade. Mas temia que ela levasse a mal.

Não podia tocá-la... minhas mãos atravessavam fantasmas, e era horrível. Como introduzir os braços em um banheiro gelado. Por isso um tapinha de apoio ou um abraço estavam fora de questão. Um "Vamos, vamos" soava incrivelmente pouco convincente. O mesmo poderia dizer-se de retornar à escrever em meu diário. Por isso fiquei sentada na cadeira de meu escritório observando-a e esperei.

- Perdão. - Disse-me ao momento.

- Está totalmente em seu direito.

- Eu sabia, sabe. Eu só... esperava estar equivocada. Mas ninguém... é a única... ninguém pode me ver. Os da ambulância não puderam me ver, nem o pessoal do necrotério, nem meu noivo.

- Como chegou até aqui?

- Eu... não sei.

- OK. - Demônios! Se os fantasmas sabiam, ninguém o estava difundindo. Não sabia se havia um cartaz em sua casa “Esta casa vê pessoas morta” que só os mortos podiam ver, ou sabe se o que. Não é que isso fosse fazer muita diferença. Mas me sentia intrigada.

Suspirou.

- Esperava que pudesse me fazer um favor

- Certo, - disse em seguida. Sabia por experiência que seria mais fácil (e rápido) lhes dar o que queriam. De outra forma, acossavam-me e falavam nos momentos mais inoportunos. Alguma vez foi interrompido por um fantasma quando estava lavando o cabelo ou praticando sexo oral com seu noivo? Embaraçoso. - Que posso fazer por ti?

- Bom o último que lembro... a última vez que alguém pôde me ver... acabava de sair correndo de nosso edifício de apartamentos. Meu e de meu noivo. Tivemos uma grande discussão, bastante agressiva porque acreditava que eu o enganava, mas juro que não o estava fazendo!

- Certo.

- Se só pudesse... ir lhe ver? E lhe explicar? Só jantei duas vezes com esse tipo. Não ia fazer nada. Eu amo Denny. Estou tão furiosa por não ter compreendido antes de correr diretamente até... enfim. Odeio a idéia... odeio a idéia, de que Denny pense até o fim de seus dias que a última coisa que fiz foi enganá-lo. Quer dizer, estou tão preocupada por isso que não posso dormir. - fez uma pausa. - Não é que realmente pudesse dormir. Acredito. Mas de verdade este pensamento esta me incomodando. Muito.

- Estaria encantada de ir lhe ver. Farei isso amanhã na primeira hora da noite.

- Vivo no Eagan, - disse. E me explicou precisamente a forma de chegar ali, o qual anotei em meu diário.

- Nenhum problema. Considere-o feito.

- MUITÍSSIMO obr... - Logo pareceu muito surpreendida e se desvaneceu. Isto não me surpreendeu. Era como que se desafogassem do que fora que lhes incomodasse e logo pudessem ir-se... aonde seja.

Pobre garota. Estava atraindo a fantasmas de todo tipo. Ao menos ela não se sentia mal por ter roubado, nem por uma mãe morta, nenhuma agressão criminal ou alguma coisa espantosa desse estilo.

Voltei para meu diário e me dei conta de que não me havia dito seu nome... e eu não tinha me incomodado em lhe perguntar. Isto me preocupava muito... estaria me testando? Obviamente sim, mas até que ponto?

Demônios.

CAPÍTULO 7

Na noite seguinte, retornei a casa depois de levar a cabo meu pequeno recado. O noivo... Denny. tinha estado chorosamente receptivo a minhas novidades. Está era a parte mais estranha sobre todo esse assunto dos fantasmas... não só eles se sentiam melhor logo depois de me explicar o que queriam, mas sim a quem quer que lhe levasse a mensagem também se sentia melhor. Acreditavam, sem me questionar. Nada desse cepticismo de Whoopi Goldberg no Ghost. Não, sempre ia acompanhado de "Muito obrigado, graças a Deus que me contou isso, agora posso seguir com minha vida, está segura de que não quer um café?". Muito estranho. Mas imagino que era a melhor alternativa.

Havia uma brilhante Caminhonete Dodge vermelha mal estacionada na entrada, uma de suas rodas estava de fato sobre a grama. Não tinha idéia de quem demônios poderia ser... ninguém que eu conhecia conduzia uma caminhonete vermelha... duvidei, me perguntando se realmente queria entrar.

Vê, as coisas começavam de uma forma totalmente inocente... um visitante, um comentário, me inteirar de uma nova regra de vampiros... e quando me dou

conta, estou metida até as tetas em política de não mortos, tentativas de revolução ou cadáveres.

Tinha piorado tanto que desconfiava de algo novo, não importava quão pequena fora. E essa era uma Grande Caminhonete. Nada menos. Com uma super cabine. Poderia facilmente ter trazido cinco novos bagunceiros a meu lar.

Olhei meu relógio. Eram só seis e meia. Isso significava pelo menos, que Tina e Sinclair já teriam se levantado. Por isso se fosse algo irritante, ao menos teria ajuda. Provavelmente poderia lhes delegar todo o assunto.

Merda, talvez nem sequer tivesse nada que ver comigo!

Nah.

Cheguei à porta dianteira a tempo para ouvir uma rouca voz masculina de adolescente gritar

- Irei se Betsy quiser que vá, assim assimila-o, Sinclair!

Reconheci essa voz aguda, querendo-ser-uma-voz-profunda-mas-sem-conseguir. Jon Delk, antigo chefe dos Blade Warriors, atualmente uma moléstia para mim. Depois de que os Warriors se dispersaram no verão passado, ele tinha retornado à fazenda de sua família. Depois não tive mais notícias dele. Que demônio tinha feito para que voltasse? Nada bom com certeza.

- Tina, - escutei dizer despreocupadamente Sinclair, e como conhecia esse tom, comecei a correr, - acompanha a nosso amiguinho para fora.

- Adiante, vampiro. Tente colocar um de seus dedos mortos sobre mim.

- Certo, - disse Tina alegremente e então entrei na cozinha.

-Alto! Seja o que for que tragam entre as mãos, joguem tranquilos, vagos.

- Betsy - Sua jovem, saudável e ridiculamente bonita cara se iluminou quando me viu, e me sorriu tão amplamente que lhe formaram covinhas? Hey. Estou feliz de te ver. Está genial. É realmente... uh...

- Genial? -grunhiu Sinclair, recostado contra o mostrador com os braços cruzados. Suas pernas estiradas diante dele como estavam, pareciam de uma milha de comprimento.

Sua escuridão em contraste com o Jon resultava estranha... Refiro-me a que absolutamente tudo a respeito do Eric era escuro. As roupas, a atitude. Inclusive a forma em que se comportava como se fosse cair em cima a qualquer momento. Enquanto isso, Jon estava praticamente tremendo pelo esforço que fazia para ficar quieto, passando continuamente as mãos por seu cabelo loiro, o qual não conseguia alisar. Estava continuamente em movimento, enquanto que Eric poderia ter estado imitando a uma estátua já que conseguia parecer uma.

Os olhos azuis de Jon nos olhavam ansiosos, mas podia cheirar azeite de pistola e couro, assim soube que ocultava uma pistola em algum lugar... provavelmente em sua axila. Os meninos adoram as cavas, embora minha mãe me ensinasse que é o pior lugar para levar uma arma. Nunca podia tirá-la a tempo.

E provavelmente levaria ao menos uma faca com ele. Parecia um provinciano de dezenove anos... e era. Mas também era certo que tinha se aliado a uma banda de inadaptados e tinha matado a mais vampiros dos que a maioria das pessoas veria em sua vida.

Por sorte, ele gostava de mim, e isso tinha arruinado seu gosto para matar vampiros. Não estava segura do por que já que a maioria dos vampiros eram uns idiotas, mas não iria queixar. Estendi minha mão, e Jon me estreitou com sua úmida palma.

- Me alegro de te ver outra vez.

-Passa algo mau?

- Suponho que isso depende - me respondeu, fulminando com o olhar ao ajeitado Sinclair sobre seu ombro, - de quem pergunta.

- Entretanto não há, uh, mais gente morta. Verdade?

Negou com a cabeça.

- Nada disso. Betsy posso falar contigo em privado? Em seu quarto talvez?

- Nosso quarto, - corrigiu Sinclair, e sorriu quando Jon se ruborizou.

- OH, assim que finalmente decidiu trocar suas coisas? Só te levou dois meses.

Alegrei-me de ver que isso terminou com seu sorriso, e certamente não deveria ter dito, mas não podia suportar ver meter-se com o moço. Parecia que tínhamos voltado para a quinta série outra vez.

- A Rainha tem muitas obrigações, - acrescentou Tina, parecia presunçosa movendo suas pernas enquanto as tinha cruzado sobre o colo - Não acredito que tenha tempo para...

- Deixe Tina. E Eric... basta. Olá... um hóspede em nosso feliz lar?

- Um hóspede não convidado, - murmurou Sinclair

- Quer sair? - desafiou-lhe Jon. - Porque eu estou disposto, companheiro. Quando quiser.

- De fato, sim quero, - disse Sinclair, se levantando do mostrador com um movimento tão abrupto, que nem sequer eu pude vê-lo.

- Não, não. Tios! Jesus - Encarei Jon, que tinha uma mão fora da vista sob a jaqueta. - Não se atreva a tirar uma arma em minha cozinha. Eu sou a única pode empunhar uma arma em minha cozinha. Vamos para cima. Homens! Como ratos brigando por um hambúrguer, juro-te que... Conte-me tudo... o que seja. Perguntávamos para onde tinha ido quando se foi.

Ele era suficientemente jovem como para não sentir-se estúpido mostrando a língua... mas menino, realmente foi ridículo. Tina revirou os olhos, mas Sinclair o olhou como uma serpente a um ovo. Eu me mordi a língua, considerando que por hoje, Jon já tinha tido suficiente merda.

CAPÍTULO 8

Falando de ações infantis, deixei que ficasse a minha frente nas escadas. Não pude evitar; tinha um traseiro bonito. Preferia os jeans gastos e cinturões grandes, botas pesadas e camisetas. Parecia com um anúncio do Wheaties.

Tínhamos apenas chegado ao primeiro patamar quando se virou, me pegou pelos ombros, e estalou,

- Betsy, não pode.

Sobressaltada, agarrei-lhe pelos punhos.

- O que?

- Não pode se casar com ele.

- É por isso que está aqui?

Quer dizer, uma coisa era que eu gostasse dele, mas por todos os céus.

- Betsy, não pode fazer isso. - Tentei gentilmente afrouxar os dedos de meus ombros, mas ele se aferrava como um envoltório de plástico. - Conheço-te, e nunca funcionaria. Você é boa e ele não é. Realmente não é. Não pode se casar com ele.

- Jon... meu Deus - teria por acaso que quebrar seus dedos?? Espaço pessoal Jon.

Deixou-me ir. Ieh.

- Me desculpe.

- Escute Jon. Sei que Sinclair teve sua boa parte de...

- Atos repugnantes relacionados com chupar sangue e assassinatos?

- Uh... assuntos questionáveis, mas em realidade não é tão mau. Quero dizer, Nostro era mau. Monique era má. Ele simplesmente tenta se adaptar.

- Betsy, essa é a coisa mais tonta que ouvi em minha vida. É um homem mau. Se isto fosse um filme de faroeste, ele interpretaria o personagem que usa chapéu negro.

- Jon, você não tem nem idéia do que significa ser mau - disse o mais amavelmente possível. - Se soubesse se daria conta de que Sinclair não é. O mundo dos vampiros, igual ao nosso, não é só branco e negro... há toneladas de zonas cinzas. Às vezes tem que fazer uma má eleição para poder levar a cabo uma boa ação. Ele tem feito de tudo por mim... inclusive morreu por mim, e me salvou a vida. Acredito que me salvou a vida. Quero dizer, assumindo que eu pudesse... não importa, estamos nos afastando do assunto.

- Betsy. - Jon colocou as mãos até os punhos nos bolsos dianteiros. - Às vezes um tipo faria coisas por... por uma mulher bonita. Não estou dizendo que eu acredito que, uh, ele não se importa.

- Está dizendo que sou muito boa para ele.

- Bom...

- Isso foi realmente lindo. - E sinceramente se sentia assim. Era o elogio do mês. Era o tipo de coisa da qual se lembraria quando fosse uma velhinha. - Mas sei o que estou fazendo. Eu o amo. Aposto que era o último que queria ouvir, mas é a verdade. E como posso deixar de me casar com a pessoa que amo?

Fez uma careta e ainda não me olhava nos olhos.

- Talvez seja um truque.

- Como um conjuro de vampiros ou algo assim? Só parece que lhe amo, mas em realidade só gosto de seus dentes e seu pênis?

Isto fez com que reagisse; fulminou-me com o olhar, me olhando direto nos olhos, e se ruborizou.

- Não fale assim. Isso não foi o que eu quis...

- Porque, acredite, resisti ao lado escuro tanto como pude. Logo me dei conta de que realmente não o era. Mau, quero dizer. Bom, não tão mau. - Soava como se estivesse inventando desculpas para ele? Não tinha essa intenção. Só que era... difícil expressá-lo com palavras. O que sentia por ele. O que ele significava para mim. Merda, só fazia três meses que tinha admitido para mim mesma que lhe amava. - E ele custou um pouquinho a acostumar-se a isso.

- Betsy, não estou dizendo que não acredito que seja uma boa pessoa... embora, não acredito.

Agora estava confundida.

- Assim está dizendo que não acredita que ele seja uma boa pessoa? Verdade?

Infelizmente, continuou. Adiante a toda velocidade e condenados sejam os torpedos.

- Acredito que não é um bom homem. Para ninguém.

- Ah, então se fosse se casar, digamos, com Tina, você teria vindo a adverti-la?

Guardou um obstinado silêncio.

- Jon, realmente veio do Vale até aqui para tratar de impedir meu casamento? Porque teve meses para fazer isso, sabe.

- Ani passou por ali e ela... se poderia dizer que nos pusemos ao dia sobre os acontecimentos recentes. E...- Se calou, mas eu sabia aonde queria chegar. - E assim que soube que iria se casar subi na caminhonete de meu pai e vim.

OH, Deus. Pobre Jon. Os apaixonados eram piores. Quase preferiria morrer novamente. Sentia-me como se estivesse morrendo outra vez, quando se inteira de que a pessoa que adora por cima de tudo, nunca, jamais, tinha pensado em ti dessa maneira, e provavelmente nunca o fizesse.

- Jon, vou me casar. Em... - Por um terrível momento não pude recordar a nova data... - 15 de setembro. Eu adoraria que pudesse assistir. Todos os B são bem-vindos.

Sorriu. Bom, seus lábios se moveram. Ambos fingimos não nos dar conta de que seus olhos estavam úmidos e que estava sorvendo pelo nariz como se estivesse se resfriado naquele instante ou fosse viciado em cocaína.

- Esse estúpido nome.
 - Ei, quer falar de nomes estúpidos? Que me diz dos Blade Warriors? Sinto-me ridícula inclusive ao dizer isso a você. Tem sorte que só use a primeira letra. Blade Warriors. Por favor. Como se minha vida não fosse o suficientemente ridícula. No verão passado se juntou um grupo de meninos... sim, é verdade, nenhum deles podia beber álcool legalmente... e começaram a caçar vampiros. O que tem isto de aterrador? Que tiveram um incrível êxito (os vampiros eram notoriamente complacentes). Que é ainda mais aterrador? Que eu lhes convenci para que não voltassem a fazê-lo. Os B (eu tentava não usar esse estúpido nome) dispersaram-se e se foram cada um para seu lado e agora um deles tinha voltado, quase literalmente para meu colo.
 - Não sei se poderei vir, - disse, mudando de assunto... embora não de todo.
 - Bem, como quiser. Eu me conformo com que venha alguém que tenha pulso.
 - Virá um montão de vampiros?
 - Sim e não. Meu casamento não é uma ocasião para levar a cabo uma investigação, está claro? É para atirar arroz e beber. Não, você é muito jovem para beber. Mas pode atirar o arroz. Tome um Shirley Temple. Se divirta. Se despenteie.
 - Assim será um casamento, casamento?
 - Claro.
- Repensou sobre isto uns segundos.
- Nunca antes tinha ouvido sobre isto.
 - Bom não comece. Sinclair já me enche o suficiente.
- Tirou vantagem disto.
- De verdade? É que não gosta de todos esses sinos e assobios?
 - OH, já sabe. Diz que como somos consortes não há necessidade de ramo, dama de honra, brinde do padrinho, e tudo isso.
 - Sério? - disse mostrando suas covinhas novamente. Eram estranhas as coisas que deprimiam ao menino e as que o animavam novamente. - Você... uh, necessita um pouco de ajuda?
 - Refere-se à organização? Ou em geral? Porque a resposta a ambas as perguntas é, não sei, falta muito para setembro.
 - Bom... - Passeou o olhar pelo vestíbulo e logo olhou para baixo. - Não tenho que voltar imediatamente...
 - Tem um lugar onde ficar?
 - Na verdade não. Iria passar pela Igreja, para ver se o Padre Markus poderia me alojar umas poucas noites...
 - Supõe-se que isso é uma indireta? Porque parece. Porque simplesmente não me dá um empurrão para que aterrisse? Seria mais sutil.
- Pôs-se a rir.
- Sim, fui bastante frouxo. Posso dormir aqui?

- É obvio que pode. Temos mais quartos que o Hilton. - Em minha mente já podia ver a reação de Sinclair. Provavelmente não haveria sexo esta noite, isso como pouco.

Bom, a merda com isso. O menino já teve hoje um dia o suficientemente asqueroso. Não iria deixá-lo na rua.

- Isso é genial. ...eu gostaria de ficar aqui. – Olhou ao redor da antiga escada. Parece interessante. Como algo saído de um velho livro.

- Sim, interessante. Espero que você goste de pó. Mas escute, temos um vampiro assassino sem domesticar vivendo no porão, assim não desça ali. Ah, e se tomar leite, tem que repor.

- O que?

- Já sei, mas olhe, todos gostamos de leite com o chá, e quando ficamos sem é realmente...

- Disse vampiro assassino sem domesticar?

- Sim, sim. Mas tudo vai bem com ele. Só se mantenha afastado do porão. Não te quero tramando coisas que tenham a ver com suas antigas manhas.

- Algo mais?

- Sim. Me alegro de te ver.

- Eu também me alegro de te ver.

Sorriu-me fazendo ver que o dizia de coração.

Malditas covinhas.

CAPÍTULO 9

Cruzei a sala nas pontas dos pés e bati brandamente na porta do dormitório-armário de Sinclair. Este deveria ser seu dormitório, exceto pelo fato de que ele não dormia ali; dormia comigo. Mas aqui guardava sua roupa e seus acessórios. E estava certa de que isso significava algo, mas agora não iria me preocupar com isso.

- Eric? - sussurrei, sabendo perfeitamente que podia me escutar. Mas queria que o bate-papo que tínhamos pendente se mantivesse o mais privado possível.

- Sim? - sussurrou.

- Posso entrar?

- Para que?

Girei-me. Estava no corredor, sorrindo e carregando em seus cabides uma pilha de roupas limpas da lavanderia e recém dobrada. Cabides de madeira. Aonde quer que tenha ido, deveria ter lhe custado uma fortuna.

Sabe que odeio, odeio, odeio quando chegas às escondidas até mim. Sabe verdade?

- É possível que o tenha mencionado antes. - inclinou-se para passar a meu lado, abriu a porta e passou ao lado e me deixou entrar. - Em que assunto desagradável estive envolvida desde que nos separamos há quatro horas? Não posso imaginar que outra coisa poderia fazer você vir a meu quarto. Finalmente cedeu a seu impulso primário de matar Antônia?

- Tomara.

- Provavelmente tenha raptado o Bebê Jon para seu próprio bem, e agora está aqui para me dizer que sou pai.

- Tomara que fosse assim. - Fiz uma pausa. Melhor terminar com isso de uma vez. - Convidei Jon dos B para ficar conosco.

Estava tirando cada um de seus trajes escuros de suas capas de plástico e examinando-os cuidadosamente antes de pendurá-los em uma espécie estranha de árvore de roupas, e no meio do ritual começou a rir.

- Que coincidência. Eu convidei ao novo papai para tomar café da manhã.

- Não, sério...

Jogou-me uma olhada e franziu o cenho. Era um cenho leve, mas ao desvanecer-se seu sorriso praticamente todo o sol e a alegria tinham sido sugados para fora do quarto.

- Elizabeth.

- Já sei, já sei.

- Elizabeth. Não fez isso.

- Na verdade, eu fiz.

Suas sobranceiras se juntaram a toda pressa para converter-se em uma enorme e desaprovadora uni celha.

- Bem, tenho certeza, de que já que o convite foi feito de maneira tão fácil e desconsiderada escorregando-se de sua doce língua, pode igualmente desconvidá-lo facilmente.

- É só por pouco tempo. Só até que lhe esclareçam as idéias.

- Ah, assim seriam uns vinte anos, então? - soltou. Tratou de chegar até mim, mas havia bolsas de lavanderia por toda parte e se viu momentaneamente apanhado. Mastigando o interior de minhas bochechas, olhei para ele fixamente com os olhos bem abertos enquanto avançava tropeçando até mim. Não ria, não ria, não ria.

Seus olhos negros se estreitaram, e pisou com força em uma bolsa no caminho, que se desinflou com um triste whooooooooooffff.

- Esta sorrindo garota?

- Não, Eric. - Garota? Essa era nova. - Me escute, dificilmente poderia deixá-lo na rua.

- Por que não?

- Vamos Eric! Olhe lhe compensarei isso.
- É claro que sim - murmurou me agarrando pelos cotovelos.
- Somente transará comigo não é? Não me fará passar uma escova por todos seus trajes ou algo igualmente horrível, verdade?
- Cale-se.

Puxou-me para me dar um beijo selvagem e logo me lançou em cima da cama e aterrissou sobre mim como um gato. Em um segundo, uma de suas mãos estava debaixo de minha saia, tirando minhas meias, e a outra estava desabotoando suas calças. E enquanto estava ocupado com tudo isso, sua língua estava em minha boca. Tentei de ajudar, de me mover, mas ele controlava tudo, assim fiquei ali e, como quem diz pensei na Inglaterra. Exceto que na verdade estava pensando em seu grande membro e babando pelo que faria comigo.

Empurrou dentro de mim e eu não estava preparada, mas não me importou nada. Os dois gememos enquanto tratávamos de forçar a fricção onde não havia nenhuma. Tinha deixado de me beijar e seu rosto estava enterrado em minha garganta, minhas pernas se envolviam ao redor de sua cintura. Sua camisa continuava abotoada, e ambos tínhamos as meias três - quartos postas.

Finalmente se deslizou todo o caminho a casa e fui capaz de empurrar contra ele, encontramos uma espécie de ritmo. Era melhor, muito melhor, muitíssimo melhor... era fantástico. Adorava a forma em que se sentiam suas mãos sobre meu corpo, fortes e frenéticas, e a forma em que sua voz soava em minha cabeça: Nunca aceite ninguém mais, nunca, nunca é minha, minha, minha, MINHA, MINHA

Resumindo, foi totalmente frenético. Logo se endureceu contra mim, e embora eu estivesse a milhas de distância de acabar, não me importou. Sabia que ele passaria a próxima hora me compensando por isso. – Sinto muito, Eric. Realmente foi uma boa lição a que me deu. Considere-me castigada. Aliás, amanhã também se mudam os Minnesota Vikings.

Gemeu novamente.

- Está tentando me matar. Deveria se sentir profundamente envergonhada.
- Ah! - Envolvi minhas pernas ao redor de sua cintura e lhe fiz cócegas detrás da orelha, em um ponto em que sabia era sensível. - Preparado para repetir?
- Mate-me - murmurou, desabotoando lentamente a camisa, mas sem poder ocultar o brilho de seus olhos, ou o súbito, ah, incremento de seu interesse. - Sabe, o Estado de Minnesota se irrita quando se encontra ante um caso de assassinato premeditado.
- O Estado de Minnesota se irrita praticamente com tudo o que acontece nesta casa. Tirei minhas meias cor framboesa e as lancei no ar. Cavalguemos companheiro!
- Provavelmente não deve ter uma boa opinião do suicídio tampouco - grunhiu, mas já estava me beijando outra vez, e perdi completamente o resto.

- Ouça que é o que se supõe que deva fazer? - sussurrou Jéssica
- Já lhe disse isso, três vezes. Jeez, se desconecta de mim frequentemente?
- Sua vida é tão ocupada que devo ser seletiva
- O que sou eu, as notícias das seis?
- Exatamente - disse se recusando a sentir-se ofendida - Às vezes é difícil recordar o que é importante e o que não é.
- Muito bonito! Aqui. Um - dez, um - onze, um - doze. - Fizemos uma pausa em frente à porta fechada, que, como todas as portas de residências para idosos, tentavam parecer caseira com cartões e coisas desse estilo, mas não conseguia. Não importava o que fizesse com elas, viam-se, sentiam-se e cheiravam como hospitais.
- Golpeei brandamente e, quando não houve resposta, empurrei a porta. Esta se abriu com um bufo de dobradiças pneumáticas, e pude ver uma senhora mais velha sentada no extremo mais afastado da cama.
- Quando nos viu, sorriu, suas gengivas pareciam iguais as do Bebê Jon.
- Uh, olá - disse me movendo tão sigilosamente como um ladrão, com Jéssica justo atrás de mim. - Sou Betsy. Ela é Jéssica.
- Colocou uma mão entreaberta sobre um de seus ouvidos. Se parecia com quase todas as pessoas mais velhas de Minnesota que tinha visto em minha vida, isso queria dizer que tinha o cabelo branco, olhos azuis e estava magra e enrugada. Usava um par dessas meias para idosos que se enrolavam nos joelhos e um vestido amarelo desbotado, fechado até o pescoço.
- Hmm? - perguntou.
- Ah, genial. Inclinei-me sobre ela até que estivemos à distância de um beijo. Cheirava profundamente a suco de maçã. O que me trouxe desagradáveis lembranças de meus dias como voluntária no hospital. E só Deus sabia a que cheirava eu. Provavelmente como o Anjo da Morte. - Envia-me Annie! - Gritei - Pediu-me que lhe dissesse...!
- Ela se reclinou mais perto. Agora estávamos a uma fração de polegada de nos beijar de fato.
- Hmm?
- Annie, me pediu que lhe dissesse que nunca houve um mapa! - gritei, ignorando, as risadinhas de Jéssica. Genial! Talvez alguma das enfermeiras do primeiro andar não tivessem escutado a primeira parte desta extremamente privada conversa. Mas havia uma conta corrente, e aqui está toda a informação que necessita para poder acessar ela! - Entreguei um pedaço de papel dobrado.
- Não sei... - sacudiu sua cabeça. - Não sei, não sei*.

- Ah, pelo amor de Deus - resisti ao impulso de chutar a cama pela janela. - Annie nunca mencionou isto.

Jessica estava deitada na outra cama, agarrando o estômago em um ataque de riso.

- Mais alto, mas alto! Não sei!*

- Pode levantar sua bunda daí e me ajudar, por favor?

- Eu estudei francês. Já sabe.

- Obrigado por nada. Obrigado por nada de nada. É, sem lugar a dúvidas, a pior companheira na história dos duetos. E agora o que?

Por sorte, a idosa..., devia recordar que era uma pessoa, tinha um nome, Emma Pearson, não era “a idosa”. De qualquer forma, enquanto estava gritando com Jéssica, Emma tinha desdobrado o pedaço de papel que eu tinha entregado, e sua cara mostrou um enorme sorriso sem dentes. Disse algo excitada em espanhol, só tive um ano de espanhol na escola secundária e quão único recordava era: onde está o banho?*, e tomou minha mão.

- OH, obrigado – disse- Muito, muito obrigado*. Agradeço tanto. Obrigado.

- Uh... de nada*. OH, quase me esqueço... Annie está muito, muito arrependida por ter roubado o dinheiro, e espera que você se divirta muito com ele. Ela... uh, sente muito*. Annie sente muito por... uh... por* roubar? O dinheiro?*

Emma assentiu ainda sorrindo. Eu rezava para que fizesse alguma idéia do que lhe estava falando. Se não se desse conta, Annie me visitaria novamente.

Depois ficamos ali simplesmente nos olhando. Para romper o novo e incômodo silêncio, perguntei

- Onde está o banho?*

Deu-me umas indicações bastante complicadas, o que não importava porque de qualquer forma eu não precisava ir, e depois de agitar a mão várias vezes e gritar uns quantos adeus nos fomos.

- Não parece que entendeu nada do que disse - observou Jéssica, recuperando seu talão de cheques da carteira, tateando em busca de uma caneta, e rabiscando algo. - Mas parecia estar a par da conta corrente.

- Talvez leia melhor em inglês do que fala. Ou talvez entenda as palavras First National Bank e seu próprio nome.

- Talvez - disse arrancando um cheque - observei que era de \$ 50.000- e em nosso caminho para o automóvel o deixou cair casualmente dentro da caixa de sugestões. Este lugar de verdade necessita uma nova pintura. Quem pode ter escolhido o verde musgo?

- Pergunta para mim? Este lugar é como meu pior pesadelo. Olhe para todos estes pobres desgraçados. Perambulando por aí, praticamente esperando para morrer.

- Havia algumas pessoas no quarto de jogos - disse Jess defendendo-o - Parecia que se estavam se divertindo montando esses grandes quebra-cabeças.

- Por favor.

- Bom, parecia. Contente agora? Eu não gostaria de terminar aqui, admito.
 - Um problema que nunca vai ter pedacinho de mel.
 - Bem isso é certo. E tampouco você o terá.
- Alegrei-me um pouquinho. Não, uma coisa que definitivamente não estava em meu futuro era passar meus últimos dias me deteriorando pouco a pouco, usando sapatilhas do Wal Mart e comendo purê de maçã.
- Recorda essa vez quando estávamos na escola secundária e você foi voluntária no Burnsville Manor, e só agüentou um dia porque aquele menino golpeou seu joelho quando tratou de fazer com que acabasse seu...
 - Deixemos de falar por um momento - sugeri, e a vaca estava soltando risadinhas por todo o caminho de volta à mansão.

CAPÍTULO 10

- Sinto muito, sinto muito, - ofegou dez minutos depois. Não podia acreditar que seguisse dando bola por uma história antiga. - É só que foi ali com altas intenções morais, e não durou nem um dia. E mancou durante uma semana!
- Os ricos nunca deveriam criticar a classe operária, - exclamei.
- Ei, eu trabalho cinquenta horas por semana no The Foot. - Maldição, tinha razão. Sempre tinha sido um mistério para mim o porquê se dava ao trabalho. Ela fingia que as ONG's eram um refúgio tributário e que necessitava a bonificação da fazenda a cada 15 de abril, mas todos sabiam que era mentira. A questão no fundo era que gostava de ir ali, gostava de ver que como o dinheiro de seu pai ajudava a mãães de bem a operar computadores e conseguir bons trabalhos. O lugar sempre tinha um pessoal diferente, e eu. Eu tomava conta da contabilidade quando estava entre administradores. Não é que não me importasse nada o trabalho, mas não vivia e respirava por ele como fazia Jess.
- Dava a impressão de ser uma senhora agradável.
- Jess! Não nos disse nem cinco palavras em todo o momento. Poderia ser uma psicopata lesma, pelo que sabemos.
- Acredita que alguns dos fantasmas são tipos maus? E que lhe pedem que ajude a outros tipos maus? Como se já não tivesse coisas suficientes para me preocupar. - Pensamento atroz! Um que imediatamente tirei a empurrões de minha cabeça.
- Sinto muito. Só era uma idéia. Acredita que existem psicopatas idosos?
- Certo. Nem todos são homicidas, já sabe. É um problema de psicologia, como a esquizofrenia. Não é só para trintões. Os que não conseguem escapar provavelmente envelheçam como qualquer um de nós.

- Li em alguma parte que não há tantos psicopatas... sociópatas? Aí fora como os meios de comunicação querem que acreditemos. Algo assim como dez por cento da população é um sociópata.
 - Caramba, bem. Como se os vampiros não fossem o suficientemente maus. Todos eles parecem psicopatas para mim.
 - Isso é difícil de discutir, - admitiu.
 - Tem razão! Parece como se cada livro, filme, e mini-série de TV fosse sobre uma moça jovem e valente... sempre uma psiquiatra ou uma agente do FBI... seguindo a pista de um assassino em série que misteriosamente se fixou nela. Ou em sua família. Ou em seu cão. E ela, junto com o herói valente, a sós deve confrontar a ameaça do louco baboso...
 - Vidas Alheias não era tão ruim.
 - OH meu Deus! - Chiei, quase batendo com um pare. - Esse é o pior filme da história! Quase perdi a esperança com a Angelina Jolie depois dessa.
 - Muito cerebral?
 - OH, venha, realmente cerebral. Jolie faz amor com um tipo que pode ou não pode ser o vilão – Hum, isso não soava como a alguém a quem conhecia, verdade? Argh. Empurrei esse pensamento para uma diminuta esquina de meu cérebro onde guardava todos os maus pensamentos: Prada entrando em cena, Sinclair voltando a ter prudência e me deixando, eu deixando ele, Antônio mudando-se para casa - Jess te adoro, mas...
 - Certo.
 - Seu gosto para filmes é péssimo. Sinto muito, mas é certo.
 - E isso diz a mulher que comprou Blade IV no DVD.
 - Isso foi investigação!
 - OH, investigação, que nada! Tem uma queda por Wesley Snipes.
 - Primeiro, que nada. - E segundo, não tenho nada com o Wesley Snipes. - Tinha estacionado em nosso caminho de entrada, e estávamos simplesmente sentadas em meu Stratus discutindo, quando adverti que além da caminhonete de Jon, havia um Ford Escort azul marinho em minha calçada.
- Polícia.
- Detetive Nick Berry, para ser mais exatos. Não precisava olhar para todas essas barrinhas de Milky Way no chão do lado do passageiro para saber que era ele. Tinha o mesmo carro desde que lhe conhecia.
- O que está fazendo ele aqui? - perguntou Jess.
- Deixei cair a cabeça tão rápido sobre o volante, que o carro deu um buzina.
- E agora? - gemi.
 - Hmm, outro que está desesperadamente apaixonado por ti e se deixa cair por aqui sem avisar -disse Jéssica com fastidiosa alegria. - Deve ser terça-feira.
 - Isto é um problema sério.

- OH, tenha piedade de mim, por favor? “Sou Betsy e sou uma rainha eternamente bonita e jovem com o tio mais frio do universo transando comigo todas as noites, e que se cansar, outros tipos ficam em fila para tomar seu lugar. Buaaaaaa!”

Lancei uma olhada.

- Às vezes – admitiu - é difícil de sentir empatia por seus problemas. Como se não me pisoteavam já o bastante para chegar a ir a ti quando estava viva.

- Isso não é certo! - disse surpreendida.

- Que é mais irritante... ser invisível, ou que não tenham nem idéia de seu efeito nos homens?

- Jess, pare. A última palavra que escolheria para te descrever é invisível. Saiu com senadores, pelo amor de Deus.

Descartou o Democrata de longos cabelos com um ondeio de sua mão recém arrumada. – Caça fortunas.

- Bom esse tipo, não é brincadeira. OK, talvez houvesse três ou quatro. Mas eu sozinha digo que ter a esses tios aparecendo de repente é um problema sério. E recorda... a metade das vezes nem sequer sou eu, é meu estranho poder de vampiro o que lhes atrai. Como dizem, só porque não tenham aparência de problemas não quer dizer que realmente não o sejam. Os problemas, digo. Por exemplo, eu gostaria de ter seus problemas tributários...

- Não, você não gostaria.

- Certo, não. Mas só estou dizendo. Há coisas em sua vida que eu desejaria na minha. Como a comida. Mastigar. Os amanheceres.

- Normalmente estou na cama então, - confessou.

- Bom, pois não deveria. Desfrute enquanto pode. - Não era próprio de mim me mostrar tão séria em nenhum tema em particular, e penso que ela entendeu, porque simplesmente assentiu e não fez brincadeiras.

- Antes de ficar presa no novo inferno que seja, por favor, não deixe que me esqueça de que supostamente ficarei de babá do Bebê Jon amanhã de noite.

- Jon o B, Bebê Jon o bebê. Como se isto não fosse já bastante confuso. E não esqueça seu pai, John o Eternamente Molesto.

- Não me dê nada novo para me preocupar, suplico-lhe isso.

- Eu? Não sou eu, carinho.

Saí para confrontar o novo problema. Talvez Nick estivesse ali só para acabar com meu casamento. Que triste que esse fosse o pensamento alegre ao que me aferrei.

CAPÍTULO 11

- Sou o responsável local da equipe que trabalha no caso do Assassino do Caminho de Entrada - explicou Nick, aproximando-se com seu café e o colocando na mesa diante dele.

- Assassino do Caminho de Entrada?

- O que pega essas pobres mulheres justo em seus caminhos de entrada, estrangula-as, e depois joga os corpos nus a um estacionamento público?

- OH, esse Assassino do Caminho de Entrada. - Era embaraçoso admitir, mas nunca via as notícias e nunca lia o jornal. Nem antes de morrer, nem depois. (Bom, olhava os anúncios de nascimentos, mas só desde que Ant esteve de oito meses, e nunca depois de que Bebê Jon chegasse mugindo ao mundo). De verdade, sério. Por que se incomodar? Nunca, era nada bom. Inclusive em Minnesota, que tinha uma taxa realmente baixa de criminalidade, inclusive aqui só queriam falar do que era mau. Só o mau. Se quisesse ficar deprimida, era só ler uma seleção de Oprah.

Quero dizer, já nem sequer comprovava os relatórios meteorológicos. E seguro como merda que não via televisão; eu era uma garota DVD.

Assim enquanto Nick parecia assombrado de que eu pudesse viver no mesmo estado com cobertura multimídia (é que tinha de outro tipo?) sobre um assassino, Jéssica só assentia. Minha tremenda ignorância sobre os acontecimentos recentes não era nada novo para ela.

- Sim, tenho lido sobre ele.

- E quem não? - perguntei.

Ignoraram-me, o qual merecia.

- E está na equipe?

- Sim.

- Para pegar um assassino em série.

- Sim.

Tentou amortecê-la, mas lhe escapou uma risada de todos os modos. Eu sabia o por que... pelo que tínhamos estado falando justamente há dez minutos. Era ridículo.

Mas não para Nick, que estava piscando rapidamente e, podia vê-lo, estava a ponto de perguntar a Jéssica que maldito problema havia com isso. E sem importar que ela fosse a pessoa mais rica do estado.

- É tarde - disse. - Está cansada. Todos estamos cansados. Um dia comprido.

- Uh... sim - Comprovou seu relógio. Já passam das dez.

- Sinto muito - disse Jéssica rapidamente. - Não estava rindo de você, e não estava rindo dessas pobres garotas.

- Não - mentiu Nick. Não acreditei que estivesse. - virou-se para mim. - De qualquer forma, Betsy sinto vir tão tarde, mas sei os horários que tem ultimamente, assim aproveitei a oportunidade para passar por aqui.

- É bem-vindo, Detetive - disse Sinclair da soleira da porta.

Nick, no ato de levantar sua taça, derramou seu café... só um pouco, mas o suficiente para danificar o artigo do último mês da Lucky. E claro não lhe culpava; Sinclair era tão ruidoso como um gato morto.

- Jesus! Assustou-me. O qual não é algo que os detetives de gatilho fácil de Minneapolis gostemos de admitir - brincou, tentando encobrir o fato de que seu pulso tinha passado de b-dump.... b-dump... b-dump ao BADUMP B-DUMP BADUMP BADUMP!

Desculpe-me. Nicholas Berry, verdade?

- Nick. Sim.

Jéssica me lançou um olhar enquanto eles se estreitavam as mãos e se mediam o um ao outro. Nick era musculoso como um nadador... compacto, com linhas marcantes e grandes pés. Seu cabelo estava dourado pelo sol... gostava de fazer escaladas e mergulhar no Little Cayman... e tinha adoráveis rugas de risadas na comissura de seus olhos.

Sinclair era maior e mais alto, e muito mais velho, mas Nick tinha uma arma, por não mencionar que tinha a juventude estava de seu lado. Assim nunca se sabia.

O problema do cortês aperto de mãos e o "Prazer em conhecê-lo" era que já se conheceram antes. De fato, Nick tinha ido a mim justo depois de que me elevasse como vampiro. Em um momento de extrema debilidade, havia (quase) me despido com ele e isso havia lhe deixado louco.

Sinclair teve que intervir e arrumar as coisas, e tinha utilizado seu poder de vampiro para fazer com que Nick esquecesse tudo sobre essa noite. Que eu estava morta, que Nick e eu nos tínhamos visto um ao outro (quase) nus, e que tinha ficado mau quando não o tinha mordido novamente, nem comia, nem dormia. Nada.

O problema era (um dos problemas), que Nick continuava aparecendo em minha vida nos momentos mais estranhos. Tina suspeitava que soubesse mais do que contava. E honestamente eu não sabia o que pensar. Mas não era exatamente algo que pudéssemos sacar a luz e lhe perguntar.

Assim que nos sentamos e fingimos que ele não sabia que éramos vampiros. E não sabíamos se estávamos todos fingindo. Normalmente Sinclair e Tina podiam cheirar uma mentira a centenas de milhas de distância, mas Nick era polícia. A mentira era sua forma de vida.

- Sou o noivo de Betsy - explicou Sinclair. - Eric Sinclair.

- OH - A cara de Nick caiu um pouco, e Jéssica me lançou outro olhar. Senti vontade de me atirar o chá na cara, só para ter um autêntico problema físico.

- Nos casamos em 4 de Julho.

- Em 15 de Setembro - disse rapidamente.

- Como dizia - continuou Sinclair sem se alterar - em 15 de Setembro. Esperamos que possa unir-se a nós.

- Uh, obrigado... Eu... obrigado. - Baixou o olhar para suas mãos durante um minuto e depois se voltou para mim. - De qualquer modo. A razão de vir aqui. Este assassino... se fixa em mulheres de seu tipo.

- Sericamente? - Estava mais que consternada. Um tipo? Demais!

- Loiras altas - disse Sinclair. - Com olhos azuis ou verdes. - Quando todos lhe olhamos, disse. - Alguns de nós lemos o jornal.

- Não é que sejam escassas em Minnesota - acrescentou Nick - e talvez seja só uma, já sabe, coincidência do tipo geográfico, mas ainda assim.

- O que diz disso o VICAP? - perguntou Sinclair

Nick se encolheu de ombros.

- Os federais não pegarão este tipo, sem importar quantos formulários metam no computador. Quem irá pegá-lo são os bons e antiquados policiais.

Esperava que o Vicap, fosse o que fosse isso, não ouvisse Nick desprezar o FBI. Por outro lado, isso é o que faziam eles, não? Apanhar psicopatas? Não é que duvidasse da habilidade de Nick. Mas me alegrava de que tivesse ajuda nisto. E realmente, realmente me alegrava de não estar envolvida.

- E só queria dizer para que vigiasse seu traseiro - estava dizendo Nick, uh-OH, a mim. Hora de voltar a sintonizar. - Não saia do carro até que tenha as chaves organizadas. Não se demore na porta de entrada, carregando comida e essas coisas. Vigie a porta de entrada. Comprove a grade quando a abrir. Este tio, estou seguro de que as pega enquanto estão distraídas. Nem sequer tiveram tempo de tocar a buzina. Na maioria das vezes, tinha gente na casa, esperando por elas. Assim fique alerta. Com atenção.

- De acordo, Nick - disse obedientemente. Claro, era ridículo e doce ao mesmo tempo. A última coisa sobre a qual tinha que me preocupar era com um assassino em série. Mas resultava adorável que tivesse vindo para me dar instruções.

A menos que estivesse brincando conosco porque sabia...

Não, não. Assim era como Sinclair olhava o mundo, como se fosse uma grande bola disposta a livrar-se dele. Jurei que sem importar quão velha fosse nunca assumiria o pior da gente. Tentaria, ao menos.

- Têm alguma pista?

- Entre nós?

- Bom, nós e o Pioneer Press.

Não sorriu ante minha piada má.

- Estamos na merda. Sem testemunhas, nem sequer alguém passeando com o cão. É realmente afortunado, o infeliz.

- O pegará – disse amavelmente. Rá, rá, rá, os policiais!

- Sim, faremos isso, a menos que se mude. Mas vai cometer um deslize antes. - As rugas de risada do Nick de repente se multiplicaram, e olhou para a revista manchada que havia sobre a mesa. E quando cometer um deslize...

- O pegarão – disse de novo. E foi, tenho que dizê-lo, foi muito amável por sua parte passar por aqui. Agradeço a advertência, e tomarei cuidado.

- Sim - disse Sinclair, caminhando para a porta em um gesto óbvio para que Nick saísse. Idiota!? Foi muito amável de sua parte passar e advertir minha noiva. Posso te assegurar que cuidarei dela.

Certo, se qualquer outra pessoa no mundo houvesse dito isso, pareceria amoroso e preocupado. Quando Sinclair o dizia, soava vagamente a ameaça. Indubitavelmente foi bastante estranho como para que Nick lhe dedicasse o olhar "sobrancelhas-arqueadas-de-policia-duro".

Depois se levantou (a contra gosto, pareceu-me) e disse.

- Acaba de mudar-se à zona, verdade, Senhor Sinclair?

- Não - replicou Eric. Notei que não tinha pedido a Nick que lhe chamasse Eric. Mas bom, exceto meus colegas de quarto, ninguém o fazia- vivo aqui há bastante tempo.

- OH, de acordo. Recorda o que te disse, Betsy.

- Farei isso, Nick. Obrigado outra vez por passar.

- Jess, sai comigo?

Ela pareceu sobressaltar-se, mas saltou para ficar em pé.

- Claro. Pode comprovar o caminho de entrada por nós.

- Já o fiz - disse, sorrindo para mim - quando entrava.

CAPÍTULO 12

Tinha a orelha tão firmemente pregada à porta entre o salão e o vestibulo, que provavelmente tinha lascas em minha cóclea. (É estranho como as coisas de minha aula de biologia do décimo ano, como a descrição do ouvido interno, ficaram gravadas para, bom, sempre)

- Obrigado de novo por vir, - disse Jéssica, que soava resignada. Imaginei por que. Nick estava a ponto de lhe dar a lata para que fizesse uma contribuição ao Baile da Polícia, ou o que fora. Senti-me mau... a devoção de Nick por mim era um pouco óbvia... Mas o que eu podia fazer? O que podia fazer ela?

- Eu também fiquei feliz em te ver acordada tão tarde - disse Nick. - Levo querendo falar contigo há um par de semanas, mas as coisas... já sabe. Trabalho.

- Claro - disse Jess. - O que posso fazer por você?

- Bom, o capitão mencionou que te viu na exibição do novo Walker, e sei que você está metida nesse assunto. Não sei se sabe, mas... provavelmente sabe... inaugura-se uma nova exibição de Matthew Barney este fim de semana, e me perguntava se você gostaria de ir.

Isso tinha sido realmente mmmm hmmmmm hmmmmm bmmmm.

- Bastante rude - comentou Sinclair.
 - Shhhh!
 - Bmmmm mmm hmmm mmm? - Merda! Estavam caminhando através da casa. Havia oito portas entre eles e eu e a porta principal.
 - Tesouro, aconteça o que acontecer, ela lhe contará isso no mesmo segundo em que volte.
 - Sim, sim. – Me virei. Sinclair estava em minha borbulha pessoal, como de costume, com aspecto divertido, também como de costume. - Só sentia curiosidade, isso é tudo.
 - Sei.
 - Investigando - insisti. - Como um repórter.
- Pôs as mãos sobre meus ombros e me levantou para um beijo. Meus pés estavam dançando ao menos seis centímetros do chão enquanto lhe devolvia o beijo, mas bem distraída por estar me perguntando sobre o que estavam falando os outros dois. Esfregou o nariz contra a base de minha garganta, mas não mordeu, o qual é o mais próximo a um gesto amoroso que um vampiro pode fazer.
- Suponho que soe romântico e tudo isso, e de certo modo era, mas era difícil, já sabem, estar pendurada ali. Assim espremi, manuseei e me afofeguei a ele até que meus tornozelos se cruzaram atrás de suas costas e meus braços lhe rodearam o pescoço.
- Que delicioso - disse. - Isto me traz a cabeça algo mais interessante que os acontecimentos do dia.
 - Perverso. Acredita que Nick simplesmente passou aqui para isso?
- A boca de Sinclair se apertou.
- Sim.
 - Não é encantador?
 - Sim. Encantador.
 - OH, supere isso. Sente-se ameaçado? Tolo, tome fôlego, olhe pela janela, e depois relaxe, vale?
 - Não te conquistei só para ver como se distrai com um pedaço de carne viva com uma placa brilhante.
- Ofeguei. Certo, sabia que Sinclair geralmente considerava que os vampiros eram superiores aos tios normais, mas... pedaço de carne viva com uma placa brilhante?
- Não me conquistou exatamente - foi o melhor que me ocorreu. - Não sou um ingresso de loteria.
- Frente a minha expressão, acrescentou.
- Sei que se sente atraída por coisas brilhantes. Se fosse um corvo, arrebataria essa placa e a meteria em seu ninho.

- Qu... uh... - Certo. Uma coisa de cada vez. - Certo, escute, a razão pela qual estava tentado ouvir, é só que... Jéssica disse uma coisa das mais estúpida vindo para cá. Que às vezes se sente invisível perto de mim.

- Quem diz isso?

- Muito divertido. Não credita que é uma tolice? Eu acredito que é uma tolice.

- Tolicie - estive de acordo.

Tentei lhe chutar, mas meus pés estavam, é obvio, atrás dele.

- Isto é sério! A) Não é certo, e b) é terrível que pense isso. Mas acredito que sei por que colocou uma idéia tão absurda na cabeça.

- Porque você é a eternamente jovem e bonita rainha vampiro e nenhum homem pode resistir a você?

- Não! – Aw. - Não tem um encontro em séculos, nem um noivo sério desde... Jesus, desde que rompeu com o Dave?

- Elizabeth.

Descansei o queixo em seu ombro e pensei.

- Isso foi antes ou depois de que meu pai montasse Ant na festa de aniversário no Windows? Porque ele... Dave... foi com ela a essa festa, mas esse foi um encontro do tipo "podemos seguir sendo amigos"? Ou realmente ainda viviam juntos naquela época?

- Dave?

- Sim, depois que romperam decidimos que não merecia nenhuma letra maiúscula, em seu nome. De qualquer modo, tenho que lhe arrumar um encontro. O problema é que vou por aí com tipos gays e vampiros.

- Isso é um problema.

- Ah. Assim está de acordo em que os vampiros são péssimos para sair com eles.

- Esse é um assunto para outro momento. Entretanto, acredito que este seria muito, muito bom para nós.

- O que? Apalpei sua testa - Encontra-te bem? Mas quase parece que não está seguindo isto absolutamente.

- Assim que nós, e por nós quero dizer você, temos que ser dos mais carinhosos e compreensivos.

- O que?

Ouvi passos que se aproximavam rapidamente, e Sinclair me desceu. Assim as coisas pareciam relativamente inocentes quando Jéssica entrou na habitação e chiou.

- Nick me chamou para sair!

Depois, semblante carrancudo.

- Sei que vocês dois estavam falando de mim.

CAPÍTULO 13

Recuperei-me rapidamente. O que quer dizer que gaguejei e resmunguei e Sinclair teve que me ajudar a sair do apuro.

- Podem acreditar? - disse ela alegremente.

- É obvio que sim, querida. Francamente, surpreende-me que não tenha havido uma disputa. É um prêmio digno de qualquer homem.

Ela sorriu.

- Aw, Eric. Passemos por cima do incrivelmente estranho que é e falemos em seu lugar do fato de que tenho um encontro.

- Surpreende-me de que te surpreenda - disse.

- Se são ricos, não tentam - explicou - e se não o são, assustam-se porque sou rica. É simplificar-lo muito, mas...

- Conheço vários homens que saltariam ante a oportunidade de te ver em reunião... social. - disse Sinclair. - Na verdade, querida, para que são... - outra pequena dúvida... os amigos? Deveria ter mencionado isto faz tempo.

- Bom, não sei. É difícil ficar com o amigo de um amigo... é tão incômodo se sair mau.

- Espera um minuto! - gritei. - Eric Sinclair! Sabia que quando voltasse para a habitação... pôde ouvir toda sua conversa?

- E isso é novo? - perguntou Jess. - Tios, vocês têm orelhas como de um puma. Fodidamente horripilante, isso é o que é.

- Pôde ter uma conversa comigo, tontear um pouco, e lhes escutar, mas não pode ir ver a florista porque tem uma conferência em Paris ao mesmo tempo?

- Acredito que o assunto a discutir aqui - disse Sinclair - é o que usará Jéssica no encontro.

Ela já estava saltando de um pé ao outro. Não a tinha visto tão excitada desde que seus impostos baixaram seis cifras de repente.

- Estava pensando em meu Danna Karan negro.

- Não, não. Primeiro todas as mulheres levarão o rigoroso traje negro.

- Bem dito - admiti momentaneamente distraída.

- Número dois, você tem uma maravilhosa cor que simplesmente deve mostrar.

Jess estava pendente de cada uma de suas palavras.

- Sério Eric?

- Querida, tem as maçãs do rosto de uma rainha egípcia. É uma Tiger Lily. Tem que ressaltar entre as pequenas margaridas insípidas de Minnesota.

- Olá! - disse uma das margaridas.

Ignoraram-me.

- Eric, isso é muito amável.

- Não é amável, querida. Agora voltemos para a questão que tínhamos entre mãos. - Começou a passear. Eu comecei a me perguntar por que tinha saído da cama essa noite. - Poderia ir com, digamos, o Tracey Reese laranja.
 - É esse que não tem costas? Acredita que é adequado para a exposição Walker?
 - Ou o Kay Unger cor papoula então - sugeriu ele.
 - Devo dizer Sinclair, que não teme à cor - comentei, tentando fingir um tom Sinclair e falhando. - Não é esse o das flores verdes por toda parte? O das flores enormes?
 - Não qualquer mulher pode vesti-lo - admitiu ele.
 - Custou uma arrepiante fortuna - disse Jess, lhe vendo rondar daqui para lá como uma enorme pantera – talvez coloque ele outra vez.
 - Caminhamos por uma linha precária - exortou Sinclair - entre vestir apropriadamente para seu encontro, mas não fazer com que o Detetive Berry se sinta em um plano inferior. O qual, dada a disparidade de seus ganhos, será difícil como mínimo.
- Estremeci. Havia tanto que objetar nessa declaração que apenas sabia por onde começar a me queixar.
- Assim que me vista bem, mas não como rica - disse Jess, ignorando o enorme engano em meio do qual estávamos.
 - Exatamente.
 - Me perdoem - interrompi. - Sinclair não me esqueci do assunto da florista/escutar às escondidas. E tem um interesse do mais estranho pelo encontro de Jéssica, com o qual tenho problemas ao redor de nove níveis diferentes. E Jess, tenho que dizer que... - O que? Que demônios ia dizer?
- Não posso acreditar que Nick te chamou sair. Para ser alguém que supostamente estava caído por mim, sobrepôs-se endemoniadamente rápido. Como pôde aceitar sair com ele quando está segura de que gosta de mim? Tentei encontrar uma forma agradável de resumir meu estranho humor em uma frase. Foi um trabalho duro, sendo uma amiga honesta. ...não tinha te visto assim tão, uh, excitada, em muito tempo.
- Não tenho um encontro desde antes de você morrer - Abraçou a si mesma e girou em um pequeno círculo. - E é tão bonito!
 - Extremamente bonito - animou Sinclair. - Muito mais que muito bonito.
- Suspeitei que aí tivesse algo. Sinclair nunca fazia nada sem nove agendas secretas. Queria a um poli na equipe. Terrivelmente conveniente. Claro, era só o primeiro encontro, mas se as coisas fossem bem...
- Eu achei que não saísse com tipos brancos - assinalei. Era um farol, claro, mas estava tão desesperada que me agarraria a algo.
 - E eu acreditava que havia dito que ele era preconceituoso, idiota, e do século vinte.

- OH, agora vai começar a me escutar? - Queixei-me. - Não vou dizer que não estivesse certo, mas seu sentido de oportunidade é um pouco estranho.
 - Agora que isso está decidido, temos que optar pela atividade apropriada pós-galeria.
 - Já que o Detetive Berry deu o primeiro passo, acredito que podemos assumir que irá querer te levar a qualquer que seja a diversão que escolher.
 - Intrometido. Está se metendo demais nisso. Planeja obsessivamente nossos encontros? Não é que tenhamos tido nunca um encontro de verdade...
 - Feche o bico, Betsy. Só desta vez, isto se trata de mim. Adiante, Eric.
 - Assim deve ser algo que agrade aos dois, que não seja terrivelmente caro, e que lhe anime a se encontrar com você de novo em um evento social, mas que não seja muito intimidatório ou que force uma falsa sensação de intimidade. Subi-me um cinturão imaginário.
 - Isso é pedir muito, xerife.
 - Jantar em qualquer lugar decente está descartado. Assim como voltar aqui para tomar uma taça; esta casa envia definitivamente uma mensagem. Sua idéia de comida rápida é Rede Lobster, assim descartamos as atividades que sejam, ah, de classe média. O que significa...
- Jess esperava. Eu esperava. Que demônios, sentia curiosidade. Ele poderia escrever um livro. Ninguém era bom com encontros. Todo mundo gostava de aconselhar sobre isso.
- Café e sobremesa em Nikola - decidiu depois de pensar um momento - O café é de primeira, a comida excelente, não ficará terrivelmente caro se não fizerem uma refeição completa, e o biscoito é caseiro.
 - Ooooooh. Sinclair acertou no alvo.
 - Sim - replicou satisfeito.
 - Agora sim que estou assustada - disse.

CAPÍTULO 14

Antes de poder levar à parte Sinclair e ler a cartilha por... bom, por tudo, e antes de poder levar à parte Jess e chegar ao fundo do assunto, soou o timbre.

- Jéssica, eu gostaria de muito continuar esta conversa - disse ele, mas tenho que te pedir que nos desculpe.
 - Ooooooh - replicou ela - Coisas de vampiros, uh?
- A noite tinha sido uma surpresa atrás de outra, porque não tinha ouvido tantos ooooooh em... bom, nunca.
- Quem é?
 - Ninguém - disse ele tranquilamente. - Quero que saia - inclinou a cabeça para a porta das escadas. - Por favor.

Não soube o que dizer, e pude ver que Jéssica tampouco. Depois de um longo par de segundos, ela encolheu os ombros e saiu trotando.

- Me dê um grito sobre esse assunto - disse ele, caminhando para a porta dianteira - depois.

Quase tinha medo de ver quem era, e como acontecia habitualmente, minha imaginação se desbocou, porque era uma idosa de aspecto realmente agradável (bonita, de verdade). Parecia uma bibliotecária com sua blusa de linho, sua saia cinza, meias cômodas e sapatos sem salto de cor negros. Eram de couro e antiderrapantes.

Parecia rondar os cinqüenta, com o cabelo negro com alguns fios de prata, e algumas rugas ao redor de ambos os olhos.

Seus olhos.

Havia algo estranho neles. Sinclair tinha olhos assim, algumas vezes. Quando estava como louco por algo acontecia (leia-se: quando outros vampiros tentavam me matar) seus olhos ficavam assim. Eram tão negros que não podia ver em seu interior, como esses óculos de sol que levavam os policiais de estrada. Olhava neles... é difícil de explicar... só parecia assim. A maioria das vezes eu podia ver seu lado mais suave, seu amor e preocupação por mim, sua diversão, as coisas boas. E quando não podia ver essas coisas, normalmente tinha as mãos muito ocupadas para me preocupar com isso.

Olhei-a fixamente, um pouco assustada, e ela fez uma reverência e disse algo (acredito) em um rápido francês.

Sinclair lhe dedicou um sorriso que parecia 85 por cento real.

- Boa noite, Marjorie.

- Suas Majestades.

- Me alegre de vê-la de novo.

- E eu de lhe ver, Senhor.

Sinclair se inclinou e lhe beijou a mão, ao estilo europeu, mas antes que alguém pudesse beijar a minha, estendi-a para um apertão. Ela me cumprimentou, sorrindo e quase deixei cair sua mão. Estava fria, o que era de esperar, e não podia ver nada em seus olhos exceto a mim, o qual não fiz.

Uma antiga decidi. Uma vampiro que tinha visto absolutamente de tudo... tudo. E já não dava uma merda por nada. Por nada. Compadecia-lhes tanto como lhes temia. E sentia bastante pena por eles.

- Encantada de conhecê-la - menti.

Inclinou a cabeça.

- Majestade. Já nos tínhamos visto antes.

- Não. - Nunca teria esquecido esses olhos. Nem sequer Nostro tinha olhos como esses. Não, não nos tínhamos visto antes. E depois de hoje, esperava não voltar a vê-la nunca.

- Eu estava em um grupo que chegou a prestar tributo depois do, ah, acidente de Nostro nos terrenos. Possivelmente não reparou em mim.
- Não, definitivamente não - depois, já que era possível que se sentisse desiludida (mas quem poderia dizê-lo? era um maldito robô), acrescentei. - Lamento não havê-la distinguido entre a multidão.
- Não importa minha rainha. Nesta ocasião você estava com... a agenda cheia. Ri relutante. O robô tinha sido programado para fazer brincadeiras!
- É uma forma de dizê-lo.
- Algo para beber? Temos um Chateau Leoville Poyferre que poderia lhe gostar.
- Temos?
- Meu rei, essa é a oferta mais tentadora que recebi em todo o ano, mas devo voltar para minhas obrigações. Só vim pedir um favor à rainha. De verdade? Ao menos estava falando em inglês.
- Bom - disse, - diga.
- Obrigado, minha rainha.

Para economizar tempo, fomos à sala que estava justo ao lado do vestíbulo principal, e a Marjorie pareceu bem.

- Como você sabe, sou a chefe da biblioteca central. Era bibliotecária! Fingi que já sabia, e assenti.
 - Estou começando um informativo para a comunidade vampiro.
 - Sério?
 - Foi idéia sua, minha rainha. "Não choraminguem, por que não fazem um informático ou algo assim, digo eu, demônios?". Sinclair sorriu abertamente
 - Isso tem autenticidade.
 - Quando eu disse isso?
 - Por ocasião de nossa primeira reunião, a qual não recorda.
 - Bom, desculpe, pode que tivesse umas poucas coisas na cabeça nesse dia! Se não vem e não se apresenta você mesma, não se queixe disso se não me recordo!
 - Desculpe-me de novo - disse Marjorie sem tom - por todos meus defeitos.
 - E está roubando frases de "E o vento levou!"
- Ao fim, o robô se soltava um pouco. Inclusive sorriu um pouco.
- Viu esse filme?
 - Só umas oito mil vezes. Não está no livro, mas é uma grande cena... na qual Rhett faz com que quase o expulsem, mas não começa a brigar porque sabe que pode acabar absolutamente com todos, e matar a Charles Hamilton seria ruim e um grande desperdício, assim somente faz uma reverência e sai.

- Eu acredito que isso é um assunto que toma grande parte do livro e o filme - disse Marjorie pensativamente, cruzando os tornozelos como uma dama. - Porque vemos o lado mau de Rhett freqüentemente, mas normalmente só vemos seu lado bom em relação a Escarlata.

- Sim, como quando lhe compra o chapéu depois do bloqueio, e rouba um cavalo para ela, para que possa ir à cidade e ver sua mãe. Que estava morta. Mas Escarlata não sabia isso.

Marjorie estava sorrindo pacientemente ante minha excitada interrupção.

- Mas teve oportunidade de disparar a um homem de sua própria e odiada classe colonial, de uma forma que é socialmente aceitável, e em vez disso, ele...

- Entra apressadamente na biblioteca, que é onde se encontra Escarlata e tudo passa.

- Amor. Morte. Guerra - suspirou. - Ah, aqueles dias.

Ignorei o extremo calafrio que produzia a bibliotecária psicopata e segui com a mesma, uh, veia.

- Sabe, nunca tinha pensado nisso! É muito sutil, ele era redimível.

Marjorie encolheu os ombros.

- Tenho estado lendo esse livro desde sua publicação, e a cada vez, encontro algo novo. Extraordinário!

Bom, merda! Ninguém a quem gostasse E o vento levou poderia ser tão mau. Verdade? Verdade.

- Escute, lamento muito que tenhamos começado com o pé esquerdo. Sou terrível com os nomes e as caras, e lamento muito não te recordar.

- Não importa minha rainha - disse, e esta vez pareceu que o dizia a sério - Como estou aqui para pedir um favor, dificilmente estou em posição de me zangar.

- Sim, bom. Nada me detém. O que é?

- Bom, como mencionei antes, sou a bibliotecária local.

Biblioteca local - É que havia mais de uma?

- Claro, claro. Lembro-me.

Sinclair me lançou um olhar, que fingi não ver. Não havia dito nenhuma palavra desde há alguns minutos, mas parecia aliviado de que não fôssemos tirar os olhos a arranhões uma à outra.

- E como disse, começarei um informativo online e só para vampiros que tenham a contra-senha apropriada, etcétera.

- Não se preocupa que alguém pirateie a entrada?

Sorriu finamente.

- Não.

- Certo. Bom, continue.

- Eu gostaria de sua contribuição, minha rainha.

- Contribuição?... quer dizer escrever algo?

- Sim, madame. Todo mês.

- Mas... vamos, Marjie...
 - Marjorie - me corrigiram Sinclair e Marj simultaneamente.
 - ... deve haver um milhão de pessoas que possam fazer isto para ti.
 - Essa não é a questão, minha rainha. Como você, claro, descobriu por si mesma, muitos dos nossos têm, ah, dificuldades para aceitar sua nova... posição.
 - Isso sim que é ter tato.
- Outro pequeno sorriso.
- Obrigado, minha rainha. Eu sinto, como muitos de meus conterrâneos, que esta seria uma forma de que a comunidade chegasse a te conhecer. Possivelmente chegar a apreciar as... mais finas qualidades que não são, ah, imediatamente aparentes.
 - Uau - Estava sacudindo a cabeça com total admiração. - Deveria trabalhar para as Nações Unidas. Sério. Quero dizer que quando se trata deste tema, simplesmente fico louca.
- Marjie inclinou a cabeça modestamente. Sinclair me lançou um olhar, mas ainda assim não fez nenhum comentário.
- O que quer que escreva?
 - OH, o que queira. Observações sobre a vizinhança, ensaios sobre a luta eterna entre homens e vampiros, os prós e os contra de manter uma ovelha...
 - Captei!
 - Ah, o tema das ovelhas. Admito, pode ser controvertido...
 - Deixe o assunto das ovelhas, Marj - Sinclair fez uma careta, mas me importou uma merda. - Não, vou fazer uma coluna Querida Betsy. O que é a única coisa que desejei ter desde que despertei já morta?
 - Uma ovelha?
 - Marjorie, basta! Não, desejei que houvesse alguém a quem pudesse perguntar sobre como é ser vampiro e não me dar diretamente com toda a merda. Não merda política, não "OH, está bem se mata pessoas enquanto esteja envolvido com este ou aquele". O assunto real. Será uma coluna "Querida Betsy". Ann Landers para vampiros! - Como diria Jess, - Ooooooh! - Apenas podia ficar quieta, de tão excitada que estava!
- Sinclair estava esfregando os olhos. Marjorie lhe olhou em busca de ajuda e, percebeu que não iria conseguir nada dele, voltou a olhar para mim.
- Ah... minha rainha. Admito que tinha em mente uma aproximação mais, ah, acadêmica...
 - Então garota, veio à casa equivocada. Nem sequer terminei a universidade.
 - OH.
 - Aposto que você sim.
 - Tenho quatorze doutorados.

- Cérebro pequeno hein - Ack! Quatorze! Não me surpreendia tê-la confundido com um robô. - De qualquer modo, voltando para mim. Para quando quer a primeira coluna?

- Ah... quando queira. O informativo será publicado de acordo com sua conveniência, é obvio, E...

- Ficará pronto para o final de semana. Não há tempo a perder! Pense, há novos vampiros caminhando por aí justo neste segundo que não têm nem idéia de como atuar!

- E você informará a todos.

- O que?

- Digo, parece que nos divertiremos muito. Voltarei para a biblioteca imediatamente E... me prepararei.

- Genial! - levantei-me de um salto. Sinclair ficou em pé lentamente, como um homem muito, muito velho. Marjorie ficou em pé do mesmo modo; era estranho. Ambos pareciam esmagados e resignados ao mesmo tempo.

Sinclair voltou a lhe beijar a mão.

- Obrigado.

- Meu rei, só cumpro com meu dever.

- Pela visita.

- Senhor, sou sua serva.

- Sim, obrigado - me intrometi, porque tinha a estranha sensação de que não estavam falando do que eu acreditava que estavam falando. - me envie sua direção de email, e te mandarei a coluna nos próximos dias. A minha é LaReina1@yahoo.com

Isso tinha sido um estremecimento? Não. Minha imaginação estava fazendo horas extras. E falando de horas extras. Podia ouvir o Marc estacionando seu carro e subindo pelo caminho. Como conservava sua energia depois de quinze horas de pé em Urgências estava além de meu entendimento.

Abriu de repente a porta principal e nos divisou no vestibulo. Cobriu a distância entre nós com meia de suas características pernadas largas, e seus olhos verdes brilhavam.

- Olá, tios!

Senti-me dividida. Por um lado, ele era geralmente um indivíduo depressivo com grandes problemas (gay, pai moribundo, calvície prematura). Sempre me alegrava de lhe ver feliz. Tínhamo-nos conhecido quando estava a ponto de se jogar do telhado do hospital no qual trabalhava muitas horas. Tirei-lhe a idéia de se jogar e lhe levei a casa. Tinha estado conosco depois disso. E nos passados meses, tinha colocado seu pai em uma grande residência... suponho que era uma residência, exceto que era uma casa privada, e a enfermeira que vivia ali só se ocupava de três pessoas. Assim não era como estar em um asilo. De qualquer modo, tinha colocado seu pai em algum lugar cômodo e lhe visitava com tanta frequência

como podia (suponho que era uma espécie de relação tensa), tinha um chefe novo no trabalho, seu cabelo estava crescendo, e teve cinco encontros nestas últimas cinco semanas.

Por outro lado, não o queria perto de Marjorie. Marc era como um cachorrinho ao redor de vampiros... não tinha nem idéia do aterrorantemente perigosos que eram em realidade.

- O que fazem? Que trazem entre as mãos? O que acontece? - Arf, arf, sniff, sniff, sniff.

As delicadas fossas nasais de Marjorie flamejaram.

- Sua mascote cheira a sangue.

- Sim, um pirralho caiu de sua casa da árvore e se machucou muito - disse Marc alegremente, ignorando... ou não ouvindo... sobre o "mascote"?. Sangrou todo sobre mim. Tive que colocar um novo uniforme, mas tio necessito uma ducha. Olá, - acrescentou, estendendo a mão. - Sou Marc Spangler. Vivo aqui com Betsy e Eric.

Ela olhou a mão como se lhe estivessem oferecendo uma serpente morta, e pude sentir como meus olhos se abriam de par em par, virtualmente saindo-se de suas órbitas. Estava pronta para lhe abrir um novo buraco no... o que acontecia com os vampiros velhos que não podiam se comportar como pessoas normais?... quando a mão do Sinclair se fechou sobre a minha... com força.

Chiei justo quando Marjorie decidiu estreitar a mão do Marc.

- Vive aqui com eles? - perguntou.

- Sim - replicou ele alegremente. - Não é um lar, mas é muito parecido. Olivia Goldsmith escreveu isso, por certo.

- Mmmm. É a que morreu de lipo aspiração, verdade?

- Não - corrigiu ele. - Morreu de complicações depois da lipo.

- Sei. Se vive aqui com eles, por que tem um trabalho?

- Uh... - Realmente pensou por alguns segundos - Porque não sou um parasita de duas patas?

- Mmm. - Lhe agarrou pelo decote do uniforme e puxou; com um chiado, Marc se inclinou para baixo. Media uns cinqüenta centímetros mais que ela, mas lhe manipulou (sem intenção de brincar) facilmente, como se fora um boneco feito de plumas. - Mas não foi mordido - disse em seu pescoço. - Ainda. Mmmm...

Abri a boca. O "Tira suas fodidas mãos dele AGORA" já estava em minha cabeça e tentando sair precipitadamente de minha boca quando Sinclair me apertou de novo. Em vez disso gemi; podia sentir os ossos de minha mão apertar uns contra outros. Não me estava fazendo mal, mas estava claro que não queria passar o dia fazendo isto.

- Marjorie, não tem coisas para fazer? - perguntou tranquilamente.

Totalmente distraída, ela levantou o olhar, e me surpreendeu ver que suas presas tinham surgido. - - Eh. OH. - Resultou óbvio, quando soltou ao Marc e ele se

endireitou, que estava imensamente decepcionada. - Sim, claro. Perdoem-me. Não jantei ainda esta noite, e isso me fez esquecer minhas maneiras. Irei embora.

- Prazer em conhecê-la! - exclamou alegremente Marc. E quando ela se inclinou e depois saiu pela porta, olhei Marc e o vi; não recordava o último minuto. Não tinha a sensação de ter estado em perigo, nem do comportamento inapropriado ou a crueldade de Marjorie. Pelo que a ele concernia, tinha conhecido a uma encantadora idosa ao entrar, e agora ia tomar sua ducha.

- Acredito que irei tomar uma ducha - disse. - Até mais tarde, tios.

Começava a ter uma idéia sombria de por que Sinclair a) se livrou do Jess, b) tinha sido tão cortês baixo extrema provocação, e c) não tinha me deixado pendurar a mim mesma.

- Espero que tenha olhado bem, querida - disse, escutando o carro se afastar. - Porque esse é o vampiro mais velho que provavelmente conhecerá.

- É uma crápula.

Ele encolheu os ombros.

- É velha... é difícil surpreendê-la. Você, entretanto - Sorriu, e foi como o sol saindo no último dia do inverno- fez muito bem.

- É difícil odiar a alguém com tão bom gosto para filmes. Embora se lhe tivesse posto outra mão em cima ao Marc, teria tido que lhe dar uma bofetada.

Tinha esse estranho olhar na cara, como se estivesse horrorizado, mas também queria rir.

- Você... não deve. Ou, se decide fazê-lo, deve discuti-lo primeiro comigo. Nunca a toque sozinha. Nenhuma vez, entende?

- Certo, Sinclair. Porque isso é taaaaão próprio de mim. Possivelmente possamos formar um comitê e votar cada pequeno detalhe.

Seus olhos se estreitaram, mas estava a ponto de sorrir.

- Escute, por favor. É velha, como disse, e tem muitos amigos. Amigos que tem feito ela mesma, se entende o que quero dizer. É... suponho que você diria que vive em seu tempo. Os velhos tempos.

- Sim, entendi. É velha; é uma idiota teimosa; acredita que os humanos são um bando de atrasados mentais; tem um milhão de amigos; e se eu não gosta, poderia me causar um montão de problemas.

- A nós - corrigiu ele. - É importante manter Marjorie e aos que são como ela de nosso lado. Quando fui a Europa no outono passado...

Nunca falava muito dessa viagem. Havia me trazido um bonito presente e tinha mencionado que tinha visitado amigos, e isso tinha sido tudo.

- Sim?

- Digamos que me desanimou ver quantos vampiros não estão de nosso lado.

- Sim, mas o arrumou, verdade? Sempre arruma tudo. Como esta noite. E ow, por certo- Flexionei minha mão, a qual, se ainda estivesse inteira, tinha estado

pulsando dolorosamente. - A próxima vez me faça um sinal ou algo, certo? Necessito esta mão.

- Para escrever sua coluna "Querida Betsy".

- Revirou os olhos - exigi. - Está- revirando os olhos para mim, Eric Sinclair?

- OH, não, minha amada. Nunca faltaria assim com respeito a minha rainha.

Ri.

- Está tão cheio de merda em seus olhos são marrons.

- São marrons - admitiu, me tomando entre seus braços. Beijou-me amorosamente por muito tempo, que esqueci a Margaret. Marjie. Como fosse.

- Realmente este não é o momento nem o lugar - murmurei em sua boca enquanto me descia a um dos sofás fenomenalmente cômodos da sala.

- Estarei alerta para o caso de se aproximar alguém - disse, abrindo minha blusa de um puxão e me abaixando as calças até os joelhos.

- E se for eu que vem? - brinquei, acariciando o bulto de suas calças.

Gemeu.

- Não faça isso a menos que queira que isto termine antes de começar.

- Eric, está falando como um homem que está sendo negligente.

Se jogou sobre o sofá, desabotoou o zíper, atirou minhas calças a um lado, e se deslizou dentro de mim, limpo como um truque de magia.

- Sou negligente - murmurou em meu ouvido. - Sempre que não estou dentro de ti, sou negligente.

- Isso é uma autêntica vergonha - sussurrei em resposta. Apoiei um calcanhar no braço do sofá e encontrei seus empurrões. - E vamos quebrar este sofá.

Que se dane o sofá.

Esse pensamento... frio e despreocupado, mas ardente ao mesmo tempo... foi bem a tempo; ouvi algo romper-se no sofá e então cheguei ao orgasmo, me aferrando a Eric enquanto sua voz percorria minha cabeça, um vívido sussurro de desejo.

- OH, minha, minha Elizabeth, minha Rainha, amo-te, amo-te, amo-te...

Esperava que "amasse" arrumar sofás, porque provavelmente isso era o próximo em nossa agenda.

Gemeu e se derrubou sobre mim, o que produziu como resposta meu gemido.

- Matá-me - resmungou. - Sou um homem velho, e você está tentando me matar.

- Ei, isto não foi minha idéia, colega. E ainda está na plenitude da vida. Na plenitude de sua vida imortal - ri.

- Está rindo de mim, querida?

- Não, Eric - disse gravemente, me mordendo o lábio inferior para não voltar a fazê-lo.

- Esmagaria minhas tenras emoções saber que ri de mim nestes momentos tão vulneráveis.

- Eu nunca faria isso, Eric. E quando foram esses momentos, quando se inventou o telégrafo?

Perseguiu-me escada acima, e tomei nota mental de fazer que com que alguém desse uma olhada nesse sofá ao longo da semana.

CAPÍTULO 15

Eram ao redor das cinco da madrugada, e estava me preparando para ir à cama (ao fim!, que dia mais longo e estranho) quando se ouviu um enérgico tamborilar na porta de meu dormitório.

- Entre - gritei, abotoando o último botão de um de meus novos pijamas. Aw, eram tão suaves, tão doces ao tato...

Jéssica abriu a porta, colocou a cabeça dentro e depois gemeu quando me viu.

- Jesus, Betsy! Compre uns malditos pijamas decentes, vale? Não tem que vestir esse pedaço de merda.

- O que? - gritei. - Estes estão completamente novos.

- Sim? E que disse Sinclair deles?

- Que parte do "novo" não entendeu? Não os viu ainda.

- Se vir isso, acabou-se o casamento.

- OH, cale-se de uma vez. - Aproximei-me do espelho e admirei a flanela azul marinho e o desenho de pontos vermelhos. Eram muito compridos de manga e calça (tinha-os encontrado na seção masculina, onde comprava freqüentemente porque era malditamente alta), mas umas poucas lavadas deveriam acabar com isso. E eram quentinhos. - Não subiu aqui para criticar meus pijamas. Ao menos espero que não. Porque, de verdade, seria lamentável.

- Não, claro que não. Mas poderia passar meia noite fazendo.

- Isso vem de alguém que usa camisas de futebol para ir à cama.

- Isso é totalmente diferente.

- Acho que gostava mais quando não me dirigia à palavra.

- Muito tarde. Escuta, queria te encontrar antes que os meninos fossem à cama... onde está Sinclair?

- Saiu disparado para o computador depois de que a Velha dos Dentes Largos partiu.

- Uh. Estava acostumado a contar virtualmente os segundos que ficavam antes que fosse à cama para que pudessem fazer o que for que fazem.

- Já o fizemos – admiti - depois de que partisse Maggie.

- Outra habitação profanada. E Maggie seria a vampiro a que não queria que eu conhecesse?

Estremeci.

- Não reclame. Tinha razão. É horripilante. Tem olhos como os de uma boneca.
 - Uma Barbie e uma American Girl?
 - Inexpressivos - Gesticulei para minha cara, tentando descrever em cinco palavras ou menos quão horripilante era a mulher. - Brilhantes.
 - Brilhantes? - Podia ver que Jess estava tentando não rir. Ela nunca tinha conhecido a Nostro. De fato, eu era o vampiro mais mau que tinha conhecido, depois de ler o Livro da Morte e me voltar má. O qual queria dizer, que nunca tinha conhecido a um vampiro realmente mau.
 - Quase morde Marc, e ele não só deixou que lhe agarrasse, como não recorda que lhe agarrou. Fique malditamente longe, sério.
 - Bom, se Sinclair se preocupa, isso é suficiente para mim. Já tenho muitos vampiros horripilantes dos quais me preocupar. - deixou-se cair no que eu sempre tinha pensado que era uma Cadeira Enjoe. - Escuta, parece-te bem que saia com o Detetive Nick?
 - Se for sair com ele, provavelmente deveria tentar se habituar a chamá-lo pelo primeiro nome.
- Disse isso com um ondeio da mão.
- Sim, sim. E bem?
 - Claro. Sim. Só que foi uma surpresa, isso é tudo. Uma surpresa boa - acrescentei apressadamente. - Sinclair tem razão, alguém deveria ter te apanhado faz anos.
- Sorriu fracamente.
- Sim, bom. Ninguém o fez ainda.
 - Só que estava pensando no que aconteceu desde que... não foi dave o último tio com quem esteve?
- Assentiu, brincando com o decote de sua camisa.
- dave Letra Minúscula, se, recordo.
 - Certo, então. Olhe, sabemos que Nick é agradável, é genial em seu trabalho, está... bom. Vá por ele. Mas...
- Interrompi-me porque me sentia mal. Advertia a minha melhor amiga que meu noivo faria qualquer coisa estivesse em seu poder para fazer com que essa relação funcionasse porque era enganoso e assim é como operava? Nick podia gostar de Jéssica por si mesmo (ou não; não tínhamos estabelecido isso ainda), mas ao Sinclair gostava de Nick por sua placa.
- Ou me calava por lealdade a meu noivo, o rei vampiro?
- Mas...? - animou Jessica.
 - Mas... deveria... levar... roupa íntima limpa.
- Lançou-me um olhar estranho.
- Obrigado pelo conselho.
 - Tenho que admitir, fiquei um pouco surpreendida de que dissesse que sim.

Encolheram-se os ombros e agarrou uma peça de roupa do braço da cadeira. Estava muito inquieta esta noite.

- Não sei. É genial estar com vocês e tudo isso, e viver aqui, mas a excitação de ser a melhor amiga da rainha dos vampiros não é exatamente manteiga em meu bolo de noite, sabe? Quero dizer na cama. Porque estamos toda a noite levantados e correndo por aí. Mas sabe o que quero dizer, verdade?

- Claro. Espero que funcione.

- Com o Sinclair de meu lado, como pode não funcionar?

- Sei! Deus foi estranho ou não?

- Seu menino tem uma sinistra metrosssexualidade - estive de acordo - e isso é um fato.

- É uma forma de dizê-lo. E, e fica com isto! Volto a ter trabalho. Escrevo uma coluna para o novo informático vampiro.

- O que acaba de dizer?

- Sei! - Sentei-me acurrucada na cama e apoiei o queixo nos cotovelos, estilo festa-de-pijama - Pode acreditar? Falo de coisas práticas. Acreditava que era totalmente improvável que os vampiros fizessem algo que não implicasse decapitações ou assassinatos em massa de inocentes.

- Talvez - sugeri - seja um informativo malvado.

- Genial. Algo mais com o qual me preocupar. O qual me recorda...

Ouvir-se um toque em minha porta, um que conhecia bem.

- Entre, Jon!

- Ooooooh - disse Jéssica, sem me olhar. - Esqueci de perguntar como reagiu Sinclair à notícia de que temos novo companheiro de piso.

- Não muito bem - resmunguei em resposta. Depois disse: - Olá, Jon! Uma-se a nós. Todo mundo está preparado para deitar-se.

- Sim... eu acabo de me levantar, em realidade. Este é o único momento do dia em que nossos horários realmente coincidem.

- Que interessante - disse Jess docemente - que tenha planejado isso já. Está aqui... o que? Um dia?

Parecia sobressaltado (e adorável!) aí de pé na porta de meu quarto, trocando o peso de um pé ao outro.

- Bom, não o único - explicou.- Porque, já sabe, é inverno. Assim ainda estarei acordado quando o sol comece a se pôr, e...

- Jon. Minha garota está pronta para ir à cama, e seu noivo estará aqui a qualquer momento. Assim que o que acontece?

Pela primeira vez, tive a impressão de que a Jéssica não se preocupava muito pelo Jon.

- Eu, uh, como estou na cidade, tive esta idéia. Em realidade, vou a escola. Estou tendo aulas de escritura na Universidade...

- Isso será muito útil na fazenda.

- Jéssica! - exclamei. O que tinha contra os fazendeiros?? Continue, Jon. Todos estamos escutando. Fulminei-a com o olhar.
- Bom, de qualquer modo, ia a U no ano passado e depois voltei para casa...
- O qual já sabemos... - Jéssica lhe animou fazendo um gesto de "aumentar a velocidade".
- ... em qualquer caso, hoje me tornei a matricular e uma de minhas novas aulas é... bom, o ano passado fui a uma aula chamada O Escritor Principiante... e este ano quero me concentrar na aula de bio.
- ...logia ou grafia? - perguntei, com problemas para ver aonde queria chegar.
- OH, Biografia.
- É essa em que escreve a história de sua vida? - perguntei deleitada. Sim! Algo para lhe manter ocupado, e longe de mim! E melhor ainda, fora do radar do Sinclair. - Que grande idéia, Jon! Tem uma vida incrível e tem, o que? Quinze.
- Vinte - disse fracamente. - E uma biografia é quando escreve de algum outro.
- Uh... OH - resmungou Jess.
- OH. Então... OH. OH! Uh... - Pisquei rapidamente e tentei evitar que minha boca ficasse aberta. - Bom, isso... é realmente adulator.
- Acredito que seria um grande projeto.
- Jon, não pode escrever sobre ela e depois mostrá-lo a todo seus pequenos cupinchas de aula.- Estamos tentando manter o anonimato aqui.
- OH, sei - disse com dolorosa seriedade. - Já falei com meu professor...
- Fez o que? - gritamos em uníssono.
- ... de que será ficção. Uma biografia falsa sobre um personagem fictício. Adorou a idéia.
- Então a aula perdeu o sentido, pensei, mas não disse.
- Quero dizer, vamos, tios. Quem iria levar a sério de todos os modos? "OH, aqui está a biografia sem disfarces de uma vampiro que vive aqui na cidade". É obvio que pensarão que é falsa. De fato - acrescentou orgulhosamente - não pode esperar para lê-la. Disse que em vinte anos ninguém em suas aulas tinham surgido com uma idéia como essa antes.
- A você tampouco te ocorreu!
- Ignorou-a e me olhou.
- Fará?
- Fazer o que?
- Me contar a história de sua vida.
- Abri a boca.
- Não - disse Jéssica.
- Olhei.
- Não - disse Jéssica - Bets, te vou fazer o maior favor de sua vida aqui, agora mesmo. Não, te digo que já tem muitos problemas agora mesmo. Com as pessoas. Já sabe. Não.

Jon a fulminou com o olhar.

- Não depende de ti.
- Não há um cachorrinho ao que tenha que trocar a caminha?
- Não há benefícios que teria que estar levando em consideração?
- Vamos, meninos - disse automaticamente, pensando.

Sabia aonde queria chegar Jess: estava insinuando que Sinclair ficaria totalmente louco. Mais ou menos como quando havia lhe dito que Jon ficaria conosco. O que podia ser pior que isso?

Aw, Sinclair não se importaria. Tinha coisas mais importantes que o trabalho escolar de Jon para se preocupar. Francamente, com vampiros como Marjorie rondando pela cidade, surpreendia-me que tivesse notado inclusive que Jon estava aqui.

E Jon parecia tão adoravelmente esperançoso, tão enrugado e doce com seu jeans e camisa amarela "Luke, eu sou seu pai!" E descalço! Meu Deus, praticamente podia ver a mecha despenteada de seu cabelo.

- Boooooommm...
 - Não.
 - Talvez possamos tentar – disse - Só para ver como vai ficar. Possivelmente um par de capítulos.
 - Nãooooooooooooo! - uivou Jéssica.
- Foi então quando Sinclair entrou.
- O que está acontecendo aqui?

CAPÍTULO 16

- Jon quer...
- A pergunta era retórica; ouvi a discussão enquanto subia as escadas. - Entrou em pernas no quarto, pôs uma mão sobre a cara de Jon, e empurrou. Jéssica saiu disparada para a porta e conseguiu abri-la bem a tempo para que Jon saísse a tropeções através dela. Lançou um olhar para Eric, disse - boa noite meninos, - e saiu ela, a uma velocidade um pouquinho mais digna.
- Sinclairrrrrrr! - uivei. - Não pode andar por aí empurrando meus amigos à força dessa forma. Não me estranha que pense que não devo me casar contigo.
- Sei exatamente porque esse menino acredita que não deveria se casar comigo. - encontrava-se de costas para mim e olhava as prateleiras cheias de CDs. Já fazia um par de meses que dormia aqui, mas ainda tinha que mudar seus pertences. Todos seus trajes, roupa íntima e artigos de penteadeira (se é que um vampiro necessita destas coisas) estavam em seu próprio quarto localizado mais à frente pelo corredor.

Porque nenhuma vez antes tinha me ocorrido pensar sobre que significava isso? Que vinha ter sexo comigo e logo iria embora? Diferença de mim, Eric podia andar a luz do dia, sempre e quando se mantivesse afastado dos raios diretos do sol. Assim que imaginei que qualquer coisa era uma melhoria comparada com todas as brigas e a enorme tensão sexual que era tudo o que conhecíamos. E assumi que depois do casamento dividiríamos o quarto e não só a cama.

Tinha assumido outras coisas antes. Sobre Eric. E tinha me equivocado.

Primeiro o pior.

- Está atuando como um menino grande nisto. Esteve se comportando como um idiota sobre o fato de estar se mudando faz tempo que...

- Não somos o Motel Super 8.

- Diz isso uma das três pessoas que se mudou para cá sem pagar um centavo! Sem nem sequer me perguntar. Ao menos eu vendi minha casa para o adiantamento.

- É infantil insinuar que é a mesma coisa, - desdenhou - Eu era o Rei, me mudando a um domicílio apropriado para estar perto da minha Rainha. Jon anda cheirando seu rastro como um touro no cio.

Wow. Estava realmente zangado. As metáforas sobre fazendas afloravam somente quando estava super cheio.

- Eric, é doze anos mais novo que eu! Nunca sairia com alguém como ele.

Desfez-se da parede de frieza que o rodeava. Seu traje noturno, não pude evitar notá-lo, era excepcional: calça de pijama de seda negra. E nada mais. Desejei que pudéssemos deixar de discutir para ver se seus mamilos estavam tão bem como pareciam ver-se. - Você é sessenta anos mais jovem que eu.

Malditos sejam os mamilos.

- O que?

- Disse, que você é sessenta anos mais jovem que eu.

- Qu... buh...- Honestamente nunca tinha voltado a pensar nele nesses termos. Tinha-o feito no passado, quando era uma vampiro recém estreada e ele queria que escolhesse entre ele e Nostro, mas uma vez que escolhi, nunca voltei a pensar nisso.

A não ser que Sinclair pensasse que era o momento de fazer outra eleição...

- Olhe Eric, está sendo simplesmente... - esfreguei as mãos impotentemente. - Bom, estranho. Estas se comportando de forma muito estranha em todo este assunto. É você quem amo. Nem a Jon. Nem a Nick.

Seus olhos se ficaram meio fechados.

- Que tem Nick a ver com tudo isto?

- Só disse por dizer! Todo mundo está muito preocupado com minha vida amorosa, e ninguém está escutando o que eu quero. Não importa quantos B ou policiais acabem morando aqui; não mudará que eu sinto por você. Fiz minha

escolha, você é a pessoa com a qual quero estar. Você! O tipo mais sigiloso, horripilante e machão que conheci em minha vida.

Relaxou-se um pouco

- Suponho que devo entender isso como um elogio.
- Não me importa como entenda, mas seja mais simpático com Jon. Deixe de sacudi-lo por aí; isso só põe em evidência – não posso acreditar que vá utilizar esta palavra em referência a você - insegurança.
- Esse termo expressa exatamente o porquê não trouxe para ainda o assunto sobre sua nova roupa para dormir.
- O que? Estendi os braços, como Cristo na cruz. - Acredita que sou insegura e que por isso uso isto. Está drogado ou o que! Não acredita que os lunares ressaltem meus reflexos?

Fez uma careta, começou a dizer algo, logo desistiu e voltou a levantar o muro de frieza.

- Como é que não tinha notado isso antes? - perguntou.
- Como parecia que tínhamos terminado de discutir, não disse nada, mas bom, estava pensando o bastante. Algo assim como: bom, se viesse aqui por algo além do sexo, provavelmente tivesse notado um montão de coisas interessantes.
- Vários Hits dos anos Oitenta. Cyndi Lauper. - Sinclair estava percorrendo a prateleira superior de CDs? Mesclas dos anos Oitenta. Madonna: Azul Verdadeiro. Pet Shop Boys. Os Beastie Boys.
 - Que posso dizer? Sou eclética.
 - Sim. Eclética. Admito que essa não é a palavra que passou por minha mente.
 - Não me diga que é um desses esnobes da música. - Mas é obvio que era. Não havia nada em sua coleção além de Rachmaninoff.
 - Não, não. Acabou o casamento.
 - O que?
 - Disse, tire isso.
 - Ah. - Estranho sentido auditivo vampiro. Era realmente bom ou realmente mau? Certo, certo. Quer que te empreste...
 - Não!
 - Bom, não grite. - De mau humor comecei a me desabotoar o Top de flanela - e deixa de empurrar a Jon, e me refiro a deixar de empurrá-lo literalmente. Você gostaria que ele pusesse sua grande luva de fazendeiro em sua cara e empurrasse?
 - Eu adoraria, - replicou Sinclair com uma sinceridade aterradora.
 - Isso que sinto o cheiro é o fedor de uma cabra morta, ou é sua testosterona? Ostras, desacelera. Além disso, essa não é a questão. Estou aqui contigo, ou não? Não vou aonde Nick vai e nem vou à cama de Marc... Dava-me conta de que não atuava estranho com respeito a Marc.
 - Supõe-se que isso é uma piada? Estaria imensamente mais preocupado por Marc se usássemos o mesmo número de roupas.

Hmm, bom ponto. Continuemos.

- Possivelmente um de meus superpoderes de não morta é o de fazer que os homossexuais se convertam em heterossexuais, mas não vejo porque se preocupar muito por isso.

- Não, - estive de acordo, sentado na borda da cama e tamborilando os dedos de sua mão direita em seu joelho esquerdo. - Isso não me preocupa muito.

- Bom!

- Além disso, não está tirando a roupa o suficientemente rápido.

- Tampouco estou na cama de B, onde seja que esta este...

- Segundo piso. Terceira porta do corredor, do lado direito.

- Vê? Está tão obcecado que deveria ser eu a pessoa que a se preocupar, talvez você que esteja dormindo com ele.

- Territorial, - concedeu. - Não obcecado.

- Mas é contigo com quem quero estar... Não resolvemos tudo isto em outubro?

- Gesticulei com os braços, o que fez com que, como estava desabotoando, minha roupa batesse os braços como uma corda de roupa estendida em uma tormenta de vento. - É sua voz a que escuto em minha cabeça, a de ninguém mais. Isso deveria te demonstrar que não tem nada com o que se preocupar.

- O que?

OH, merda.

CAPÍTULO 17

- Agora, não fique irritado. - Estúpida, estúpida! Tinha intenção de lhe dizer, mas não desta maneira. Tinha pensado em algo um pouco mais na linha de lhe dar de presente uma gigantesca bolacha decorada com “Posso te ouvir dentro de minha cabeça, carinho”. Talvez para o dia de São Valentim. Daqui a vinte anos.

- O que foi o que disse?

- Certo, a coisa é assim. – Fui para seu lado e me sentei junto a ele em mi... nossa!... cama, e lancei meus braços ao redor de seus ombros, o qual não foi muito diferente de abraçar um grande carvalho do pátio traseiro. - Quando fazemos o amor, posso ouvir o que está pensado. Está em minha cabeça.

Nada. Permaneceu sentado rigidamente, como se estivéssemos jogando a estátuas.

Abracei-o mais forte.

- E a coisa é que estive tratando de procurar o momento adequado para lhe dizer isso e nunca aparecia nenhum. Mas agora que vejo quão inseg... preocupado está com nosso convidado, imagino que é um bom momento para te provar meu

amor e que estamos destinados a estar juntos já que em toda minha vida e minha morte, nunca tinha escutado ninguém em minha cabeça, jamais, nenhuma só vez. Ficou mais rígido.

- Me ouve. A mim. Em sua cabeça? - perguntou-me cuidadosamente.

- Sim. Mas só quando fazemos o amor. Nunca antes e nunca depois. Quer dizer, não tenho nem idéia do que está pensando agora mesmo. Embora, uh, provavelmente poderia imaginar.

- Desde. Quando?

- Desde aquela vez na piscina... a primeira vez. E justo até..., bom antes. Na sala, depois que Margaret se foi.

- Marjorie, - corrigiu automaticamente. Afastou minhas mãos dele e afastou meus braços.

- Não se zangue - disse, provavelmente a frase mais estúpida da história, empatada com "ela não significa nada para mim".

Foi embora.

Fiquei ali sentada olhando para porta aberta. Certo, sabia que não iria receber nada bem a notícia e a forma de dizer tinha sido espantosa. Ao menos não disse por despeito. Mas igualmente... não tinha estado para nada preparado. E agora se foi, afastou-se.

Recompus a mim mesma. Não ia ficar sentada na cama, acovardada e esperando a que voltasse e me gritasse, ou possivelmente me atirasse alguma coisa na cabeça. Fiquei em pé e corri para a porta... onde me estreei de repente contra Sinclair que retornava, com tanta força, que golpeie o piso como um pacote jogado ao ar.

- Maldição, - resmunguei - Realmente deve ter subido a toda pressa essas escadas.

- Este não é momento para uma de suas graciosas quedas simulada, - exclamou. Passou por cima de mim (nem sequer me ajudou a levantar!) e deixou cair algo grande sobre a cama, algo que desprendia seu próprio pó.

Fiquei totalmente horrorizada ao ver que se tratava do Livro dos Mortos.

- Tire essa coisa de meus lençóis, ordenei. - Acabei de comprá-las na semana passada no Target! São de flanela!

Ignorou-me, inclinou-se sobre o livro, e começou a passar suas páginas. Finalmente... por obra de um milagre já que não tinha nem tabela de conteúdo nem índice... encontrou a asquerosa e desagradável página que procurava, endireitou-se, e assinalou.

- O que? Quer que eu... esquece, de maneira nenhuma. Acabei com isso... Ei! - Em uma piscada tinha cruzado o quarto, agarrado meu braço, e tinha me arrastado até o Livro. - Certo, certo, não empurre. Isto é novo também.

Inclinei-me sobre a horrível, horrível coisa, escrita com sangue por um vampiro demente que podia ver o futuro. E se poderia acrescentar, para fazê-lo ainda mais divertido, que nunca se revisou sua ortografia.

- Certo, lá vamos... aqui? Bem. - “E a Rainha reconhecerá os mortos, a todos os mortos, e nenhum deles poderá nem ocultar-se dela nem lhe esconder segredos”. Endireitei-me. - Correto, e? Podemos conjecturar que por isso posso ver fantasmas quando ninguém mais pode.

- Continue lendo.

- Eric...

- Lê.

Apressei-me a me inclinar novamente para o trabalho infernal.

–“E reconhecerá o Rei, e conhecerá seus hábitos durante todo seu reinado sobre os mortos, e o Rei conhecerá os dela”. Pronto, está contente?! - Endireitei-me (por favor Deus, que fosse a última vez.... não mais leituras por esta noite). - Viu? Eu conheço seu proceder e você conhece o meu. Assim... quero dizer, que isto é profundamente significativo por que...

- Como disse. Você pode ler minha mente durante... momentos íntimos.

- Sim, - assenti. - Já lhe disse isso. Recorda? Que lhe contei isso? Como em, não guardar um segredo? Durante mais de oito meses? Cérebro, se cale.

- Eu não posso ler a sua, - apontou

- Sim, imaginei, - confessei - Tratei de, digamos, algo assim como, uh, te sentir um par de vezes. Mas não percebi nenhuma resposta.

Simplemente me olhou fixamente. Conhecía esse olhar: penetrante e distante ao mesmo tempo. Por trás desses olhos negros estavam se passando.

- Eric...

Retrocedeu um passo.

- Certo, está zangado. Não te culpo; foi uma maneira horrível de averiguá-lo. Só que eu já sabia que você ficaria assim! É por isso que temia dizer. A pior. Desculpa. Jamais. Pronunciada

- Não estou zangado, - disse

- Eric, você é o único com quem quero estar.

- O Livro suplica poder diferir.

- Jesus, só estivemos juntos por dois meses... nos conhecemos nada mais que desde abril. Me dê tempo para “conhecer” sua maneira de ser, demônios, e você necessita tempo para “conhecer”... conhecer a minha. Só porque não possa... já sabe. Só porque não possa neste mesmo momento não significa nada. Sinto muito, certo? Lamento não ter lhe dito antes. Queria fazê-lo

- Entendo, - disse, mantendo uma horrorosa distância— porque não pôde.

- Eric, você é o homem com quem vou casar-me!

- Sou o homem com o qual continua mudando a data, - disse. - Possivelmente porque se deu conta de que não sou seu igual. - Sendo uma miserável de coração brando, posso ver a razão pela qual não estaria à altura da tarefa de me dizer na cara que seus sentimentos mudaram.

- Isso não tem nada a ver! - chiei. - OH meu Deus, acaba de me chamar miserável? - E covarde também! Acabava de transformar a telepatia em uma desculpa para cancelar o casamento?

Homens!

- Como pode chegar à semelhante conclusão?

- Sim, tem razão, é simplesmente uma incrível coincidência.

- Somente sou desorganizada, idiota! Não é uma observação pessoal! Vê, vê? Por isso é que não disse antes, sabia que se zangaria e ficaria como um louco.

- Não estou zangado, - disse com frieza. E... não soava zangado. Não soava como nada que pudesse imaginar. Não sabia se correr e abraçá-lo, ou saltar pela janela e me afastar dele. A distância entre nós se ampliou; podia ser à borda de um precipício. - Estou... surpreso.

Era um mentiroso, isso é o que era. Finalmente, reconheci a emoção. Nunca a tinha visto antes em sua cara, assim que não era de estranhar que tivesse levado uns minutos para reconhecer: era medo.

Não por mim. Tinha visto isso antes, um montão de vezes. Não isto era algo mais. Estava assustado, estava claro.

De mim.

CAPÍTULO 18

Querida Betsy,

Sou um novo vampiro (faz oito anos fui atacado e morto por outro vampiro enquanto estava em uma viagem de fim de curso), e agora não estou completamente seguro do protocolo a seguir. As coisas eram diferentes sob o reinado de Nostro, mas não estou seguro de como são as coisas contigo. Há uma garota em minha vida a que “vejo” de vez em quando, e ela me deixa mordê-la, mas acredita que é parte do jogo. Às vezes também fico amigo de uma nova garota e a mordo umas poucas vezes. É difícil porque tenho que me alimentar todos os dias, mas não quero matar a ninguém. Tem algum conselho?

Chupando-as em Chaska

Querido Chupando:

Bem, Está certo, seja como for. Não as mate, a nenhuma delas, se puder evitá-lo. Elas não têm culpa de estarem vivas como tampouco você tem culpa de estar morto. Eu trato de sair e morder a meninos maus... já sabe, os que tentam me

arrastar a um beco escuro para “conhecer” seus amigos, alguém a quem pego tentando me roubar o carro... gente desse tipo. Sinto como se os estivesse castigando por qualquer crime que estavam tentando cometer e me alimento. Prova isto por um tempo e veja como funciona. Se alguma vez conhecer esse alguém especial, pode lhe contar seu segredo e talvez ela possa te ajudar. Além disso, à medida que envelheça precisará te alimentar menos. Se alegre. Isto, também, passará.

- Ficou muito bom, - disse Jéssica. - Como o informativo é novo, imagino que teve que inventar as primeiras perguntas?

- Sim.

- Bom, muito em breve começará a receber cartas reais, assim está bem. Mas isto não está tão mal.

Comecei a chorar.

- Jesus! - disse Jéssica, abaixando o papel e vindo até mim. - Não tinha nem idéia de que fosse uma editora tão sensível! É genial, é realmente grandioso para ser sua primeira vez. Um montão de... uh... Um montão de bons conselhos.

- Sinclair se foi de meu quarto, - solucei.

- Bom carinho, de fato nunca soube que mudou para ali.

Chorei mais forte.

- Uh, desculpa. Tiveram uma discussão?

- Uma grande. A pior.

- Pior do que quando acreditou que estava se insinuando a sua irmã?

- Desejaria que fosse por isso, - solucei

- Certo. É por algo que possa me contar?

- Não, lacrimejei. - A humilhação de Sinclair ainda estava fresca; A última coisa que faria era apregoá-lo.

Tinha servido um novo copo de chá para mim -estávamos na cozinha- e agora estava sentada na cadeira ao lado da minha. Minha insossa carta repousava sobre a mesa colocada ante nós. Tinha estado desesperada para me distrair da briga. Desde aí o, “Querida Betsy”.

- Bom, carinho, é com respeito a algo mau que você tenha feito?

- Não acredito. Eu acreditei que era uma coisa boa. Prova de algo bom. Mas ele não esteve de acordo. E então se foi. Já se passaram duas noites, e não voltou; nem sequer lhe vi na casa. Vi George o demônio mais que o meu próprio noivo.

- Certo, mas... não anda por aí matando a meninas exploradoras ou algo assim, verdade?

Sacudi a cabeça.

- Nada disso.

- E não tem lido o Livro... Betsy! - Quase gritou ante meu frouxo assentimento. - Ficou malvada outra vez?

- Quem dera. Só li o parágrafo que ele me obrigou a ler. Estava estabelecendo um fato. Logo o fechou de repente e o levou, e se foi também.
- Bom, é algo do que pode dizer que está arrependida?
- Não acredito que possa me desculpar por isso. Além disso, já o fiz. Embora, ambos estávamos muito zangados. Pode que não se deu conta. Mas foi um segredo guardado durante muito tempo. Suponho que posso me desculpar por não ter contado logo.
- Isso é um começo, não é certo?
- Agora está com medo de mim, - praticamente sussurrei
- Jéssica rompeu em gargalhadas. Riu tão forte que de fato golpeou a mesa com a palma da mão.
- Assustado! Sinclair! De ti! - Palmada, palmada. - OH, essa sim que é boa. - Suspirou e se secou os olhos. - Conta outra vez; necessitava isto.
- Fulminei-a com o olhar.
- Estou falando a sério, Jéssica. O que lhe disse fez com que ficasse com medo de mim. No passado pensava que era genial que eu pudesse fazer coisas que os outros vampiros não podiam...
- E não nos esqueçamos, de que não pôs reparos em te utilizar para conseguir o que queria, - apontou ela, com as bochechas ainda brilhantes pelas lágrimas de risada.
- Sim, sei. Mas nunca estive, já sabe, assustado com as coisas que podia fazer. Só... algo assim como impressionado. Achou genial que tivesse matado a Nostro ou como- se chame, e achou sensacional que o diabo fosse a mãe de minha irmã, mas nunca teve medo de mim. Digo-lhe isso. Isso é o que está acontecendo agora.
- Esta coisa... o que seja... fez com que ele te temesse.
- Esfreguei-me os olhos (por hábito já que não tinha lágrimas) e assenti.
- Certo, assim deve se desculpar por ocultar um segredo e logo esperar a que ele se sobreponha a seu mau aspecto.
- Esperar?
- Carinho, viu esse homem? Dá a impressão de ser o tipo de tio que tem medo de algo, ainda mais de sua própria noiva? Vai necessitar bastante tempo para mudar de idéia.
- Qu... quanto tempo?
- É imortal, - assinalou. - Que pressa há?
- Mas... o casamento. Temos que planejar o casamento. Não posso fazer isso sozinha!
- Então, cancele outra vez.
- Não posso, - disse, novamente apenada. - OH, simplesmente não posso. Colocou na cabeça que... não importa. Mas uma coisa que absolutamente não

posso fazer é cancelar. A todo vapor com todos os preparativos para o casamento.

- Tem certeza que esta horrível coisa que fez, não é malvada? O que estou dizendo, é Sinclair. A maldade não lhe assusta. Provavelmente lhe excita, no mais fundo do coração.

- Confie em mim. Não é algo malvado. - Elizabeth, OH minha Elizabeth... é tão doce, é como o vinho, é... tudo. Amo-te, não há ninguém mais. Ninguém. Provavelmente alguma vez voltaria a ouvi-lo, assim se acostume ao playback mental, carinho. - É radicalmente oposto à maldade. Eu acreditava... acreditava que era algo maravilhoso Mas ele... ele...

Chorei um pouco mais. Era penoso, mas não podia parar. Justo quando pensava que a única coisa com a que podia contar com certeza era tendo ao Sinclair a meu lado sem importar o que acontecesse...

- Entretanto ainda está aqui, verdade? - perguntei, procurando a volta um lenço, outra vez pela força do costume. Não tinha nem um só muco. - Na casa? Não foi embora?

- Não que eu saiba, carinho. Provavelmente tenha voltado para seu antigo quarto até que resolva as coisas. abaixei o olhar à mesa, e Jess me apartou a desordenada franja dos olhos. - Pobre Bets. Se não for uma coisa é a outra. Quer que fique esta noite?

- Sim, poderíamos... Não!

- OH, isso é adulator, - resmungou

- Não, quero dizer... esta noite é a grande noite. Seu encontro com o Nick. Não pode perde.

- Posso marcar para outro dia, - disse gentilmente.

- Que nada!

- E isso é algo que não esta na agenda para o dia de hoje, - disse alegremente. - É possível que me tenha convidado para sair porque sabe que você está comprometida...

- Estou? - resmunguei

- Uma coisa que não vamos fazer é falar a respeito de meu traseiro. Nem de suas tetas, nem de sua faiscante personalidade... a qual devo dizer, não é tão genial neste momento.

Estava- e tirando o sarro e sorri um pouquinho.

- Não desmarque seu encontro. Vai. Encontrarei... encontrarei algo que fazer.

Como se houvesse lhe dado o pé, as portas de vaivém do extremo leste da cozinha se abriram com um estalo e Jon fez sua entrada como o pistoleiro mais jovem do mundo

- Alguém está disposto a me contar a história de sua vida? - disse alegremente, agitando sua agenda eletrônica.

- Bom, - disse-me Jess, levantando-se de seu assento, - se o que seja que tenha feito foi malvado, e não estou dizendo que foi, porque sua palavra é o suficientemente boa para mim, mas se foi, seu castigo por isso começa justo neste momento.

CAPÍTULO 19

- Há, uh, viu Sinclair por aqui esta noite?

Jon soprou.

- Dificilmente. Tentamos evitar um ao outro. Tenho o pressentimento de que não está muito contente de que esteja ficando aqui.

- Bom, esta não é sua casa, verdade? - perguntei acidamente. OH, genial. Grita com o menino porque seu noivo não conversa contigo? Desculpe estou resmungona esta noite.

- É porque não se alimentou? - perguntou ansiosamente, com sua agenda eletrônica preparada. Notei que o tinha aberto para poder escrever em seu diminuto teclado.

- Não. Mas me ocuparei disso alguma outra noite. Escute, Jon, se fizer isto por ti, você tem que fazer algo por mim.

- Entendo Betsy. - Olhou ao redor para ver se estávamos sozinhos na cavernosa sala. Tínhamo-nos transladado ali quando a governanta voltou do supermercado e nos expulsou da cozinha. - Eu não... uh... aprovo este tipo de... coisas, mas é tão... quero dizer, farei uma exceção contigo. - Corajosamente tirou a camiseta e se inclinou para mim. - Além disso, será bom para o livro.

- O que? Não! - empurrei-lhe longe, e saiu voando sobre a borda do sofá e se estrelou contra o tapete. O pó voou. Ele tossiu. Eu me assustei. - Desculpa, desculpa, desculpa! - Apressei-me a rodear o sofá e lhe ajudei a levantar-se. - Não pretendia te empurrar tão forte.

- Está bem, - ofegou, em meio de um grande espasmo de tosse. - Eu também sinto muito.

-A culpa é minha culpa. Suponho que fui um pouco imprecisa. Não, temo que o favor que tenho em mente é muito pior que te chupar o sangue.

- O que seja, - afogou-se - farei. Mas primeiro... deve conseguir que alguém venha aqui com um aspirador, e me refiro a agora mesmo.

- Com quem acredita que está falando? Jon, eu não poderia encontrar o aspirador nem que me apontasse com uma arma na orelha. O qual, se a memória não me engana, fez.

Ruborizou-se e se acomodou em uma cadeira frente a mim. - Tudo isso está superado, agora.

- E nós os da comunidade vampira agradecemos, me acredite.

- Estávamos falando de ti, - disse. - por que não começa pelo princípio?

- Bom, nasci em Cannon Falls, uma pequena cidade de Minnesota, fui à Escola Elementar de Cannon Falls, onde a Sra. Schultz era minha professora favorita. Mudamos para Burnsville quando tinha...

- Não, - interrompeu-me, - refiro-me, ao princípio, quando se converteu em vampiro.

- Ah. Uma espécie de biografia curta. Quer dizer, ainda não me aconteceram muitas coisas. Como vampiro, quero dizer.

Revirou os olhos.

- Betsy, realmente eu gosto de você, é bonita e tudo isso, mas está tão cheia de merda.

- Não estou! Nem sequer cumpri um ano como vampiro, a isso é a que me referia, e fui humana durante tr... vinte e cinco anos pelo menos. Maldita seja, o espetáculo de Miss Burnsville era muito mais estressante que a política vampírica.

- Sim, recolherei algum desses dados logo para preencher, - prometeu, mas estava mentindo. - Vamos às coisas interessantes.

Suspirei.

- Está bem, está bem. O saboroso. Bom, imagino que as coisas interessantes começam no último dia. E me lhe deixe dizer isso azedou. De fato, o dia em que morri começou mau e piorou a passos aumentados...

CAPÍTULO 20

-... e logo saltou do teto da funerária e foi atropelada por um caminhão de lixo.

- Jon, não há necessidade de que me lembre disso; já conheço a história. - pôs-se a rir.

- É uma história incrível! Estou relendo para me assegurar de que não estou perdendo nada. Tal e como está ninguém vai acreditar que é uma história real.

- Bom, me alegro, - estávamos na entrada, e eu estava me encolhendo dentro de meu casaco. Laura tinha chegado e vinha subindo pelo meio-fio, e essa noite nós duas íamos cuidar de Bebê Jon. - Porque esse é o objetivo, está fingindo que é uma biografia real sobre um vampiro.

- Sei, sei, só me disse isso milhão de vezes. Deixe-me ver...

- Jon, tenho que ir. Podemos continuar amanhã?

- Sim, só deixe -me assegurar de que tenho tudo até agora... tentou se afogar no Rio Mississippi, se eletrocutar, se envenenar e logo roubou uma faca de açougueiro e tentou se matar apunhalando a ti mesma? Isso é tudo?

- Uh... - Não ia falar dos violadores aos que tinha matado acidentalmente? Quase tudo.

Entrou Laura... havia-lhe dito fazia umas semanas que deixasse de bater na porta... e disse alegremente, como sempre fazia. - Boa noite, querida irmã, está pronta para partir?

- Sim, - muito, muito pronta. “Não estava de humor para outra ronda desta é Sua Vida”. - Laura, te apresento Jon - Jon, esta é minha irmã, Laura.

Podia ver que estava exercendo seu efeito habitual nos homens: Jon tinha deixado cair sua agenda eletrônica. E não percebeu. Provavelmente estivesse metendo-se o pé em seus pequenos e delicados circuitos, e Jon não o tinha notado.

Em troca, estava olhando fixamente a minha irmã, e não podia lhe culpar: ela fazia que Michelle Pfeiffer parecesse uma bruxa. Esta noite usava botas lunares (que estavam na moda, logo deixaria de estar, e voltava a estar, e não me importava quantas vezes voltassem a estar na moda, odiava-as, eu não era um maldito astronauta), jeans negros e uma enorme e esponjosa parca azul escura que deveria ter a deixado parecendo um Boneco Michelin loiro, mas, como Deus era cruel, não o fazia.

- Nunca me disse que tinha uma irmã, - disse ele, olhando profundamente nos azuis, azuis olhos da Laura.

- Nunca me disse que tinha um Jon, - ela soltou uma risadinha, obviamente também gostava do que via.

- Tampouco lhes havia dito que tenho uma úlcera que sangra. Fora daqui, ambos. Vamos, Laura, chegaremos tarde.

- Prazer em conhecê-lo, - disse ela, oferecendo uma mão enluvada.

- Eu também, - resmungou ele, ainda com a boca aberta. Estava arrepiado, mas parecia não dar-se conta de que estava de pé sem camisa com um frio de menos zero grau.

- Espero te ver novamente logo.

- Buuu, - respondeu. Ao menos isso foi o que eu entendi.

- Bom adeus! – disse ruidosamente... para que entendesse bem claro, esperava. Praticamente empurrei Laura pela porta dianteira e a fechei de um golpe a nossas costas.

- OH, que bonito! - já se estava se pondo efusiva enquanto caminhávamos para o carro. Eu caminhava com dificuldade; ela saltava. – De onde lhe conhece? Tem namorada? Claro que tem namorada.

- Laura, tome uma pastilha.

- Só se você deixar de ser uma... - grunhiu como resposta. Uma mão enluvada voou para sua perfeita boca com forma de arco. - OH, Sinto muito! É só que estou... estou um pouquinho nervosa por esta noite.
- Bebê Jon não vai te morder. Nem sequer tem dentes. Embora, possa vomitar em cima de você.
- Cuidei de bebês antes, - disse alegremente - não vai ser minha primeira vez.
- Demônios, eu tive encontros que não foram tão prazerosos.

CAPÍTULO 21

Ant nos saudou com um:

- Entrem rápido! Há um assassino solto - Me agarrou pelo pescoço da jaqueta... a primeira vez que me tocava em anos... e me transportou para o vestibulo. Laura se apressou a entrar detrás de mim bem a tempo para evitar que a porta se fechasse em sua cara.
- Esses não são assassinos - expliquei, desabotoando o casaco - São Clube Scouts. Somente querem vender algumas coroa de flores e papel embrulho.
- Muito gracioso, Betsy. - Ant parecia uma coroa de flores, com um vestido verde venenoso, o qual tinha complementado com um cinto vermelho brilhante de duas polegadas de largura, largas unhas vermelhas falsas, e grandes brincos vermelhos de aro. Seu lápis de lábios fazia jogo com seus acessórios, e suas pálpebras eram tão azuis como o mar caribenho. Suas pestanas falsas eram tão largas que ao princípio pensei que um casal de centopéia tinha subido pouco a pouco ali e tinham morrido.
- Não, é o Assassino do Caminho de Entrada - estava insistindo, ajudando Laura (Laura tinha esse efeito nas pessoas) a tirar-se seu grande e volumoso casaco - atacou outra vez! Levou uma de minhas vizinhas justo em sua porta de entrada. Ao princípio acreditamos que ela, já sabe, somente tinha deixado seu marido - Ant fez o movimento universal de "pequeno" com o polegar e o dedo indicador.
- Mas então seu corpo apareceu no estacionamento do Lago Street Wal-Mart. Lago Street! Pode imaginar, que pobreza!
- Er - foi tudo o que disse Laura. Ant podia te pôr a prova com seus formidáveis poderes de amabilidade.
- Sinto muito por sua vizinha - disse, e o sentia, embora o sentimento fosse provavelmente desperdiçado com Ant, para quem aparentemente a idéia de onde aparecia seu corpo era de longe muito mais importante do que o modo como viveu sua vida.

- Somente estava ocupando-se de seus próprios assuntos, entrando em casa ou partindo, não temos certeza, e ele a agarrou. Fiquei muito assustada e fora de mim, depois disso!

- É difícil de imaginar - disse docemente.

- Assim é que devem ter muito cuidado por aqui, garotas.

Assumi que se referia a Laura.

- Se algo te ocorresse, não sei o que faria.

Estava, contra todos meus melhores instintos, emocionada.

- Aw, Antônio. Não sei o que a dizer.

- Tomaremos cuidado - prometeu Laura.

A babá eletrônica estava na mesinha que se usava para colocar as chaves do carro, e podíamos ouvir um fino choro saindo dele.

- Por favor, por favor, fiquem de olho! Ninguém mais ficaria com Bebê Jon enquanto esta assim.

- Jesus, Antônio. Tem cólica, não a raiva.

- E estou atrasada.

- Chegamos bem a tempo, assim não quero ouvir queixa. Quando comeu pela última vez?

- A enfermeira deixou um recado na geladeira. - Ant estava vestindo seu casaco negro de lã. Seu cabelo não se moveu, o qual foi um bom truque já que chegava pelo ombro. - Supõe-se que a festa terminará por volta da uma.

- Onde está o senhor Taylor? - perguntou Laura.

- OH, ele... - Ant fez um gesto vago. - Não se preocupe, se beber em excesso pegarei um táxi.

- Menos mau - disse. - Se estiver muito bêbada, só tire um cochilo na porta de entrada e espera aí companhia.

Olhou-me encolerizadamente.

- Suponho que acredite que está sendo graciosa outra vez.

Olhei-a zangada.

- Um pouco graciosa.

Laura avançou rumo à cozinha.

Ant partiu.

Fui para cima, agarrei a meu grialhão irmão, e o aconcheguei contra meu ombro enquanto ficava sem fôlego e decidia abandonar o pranto. Meu preciso e afinado sentido vampírico me informou que não precisava trocar de fralda.

Descemos a escada e alcançamos Laura, que estava de pé em frente o mostrador lendo uma nota cuidadosamente detalhada assinada por Jennifer Clapp, Enfermeira.

- Tem uma enfermeira para recém-nascidos, e precisa de nós? - Estalou a língua a Jon, o qual grunhiu em troca.

- A enfermeira só trabalha em horário específico. E meu pai se negou a ter uma enfermeira de noite quando Ant está em casa todo o dia.

- O senhor Taylor lhe disse que não?

- Ocorre de vez em quando - sustentando o almofadado traseiro de Jon em meu antebraço e sua cabeça em meu ombro, abri a geladeira e fiz uma careta. Estava cheio de leite desnatado, de alface iceberg, soja, ovos batidos, e garrafas de leite de fórmula. Se estivesse viva, então este seria um autêntico problema. Pobre Laura!

E "o senhor Taylor"? O pai biológico de Laura. Ninguém sabia desse pequeno feito exceto eu, ela, e o diabo.

Era realmente complicado e teria sido tonto se não fosse tão aterrador. Verás, o diabo possuiu a minha madrastra durante algum tempo. E acredito que tenho que assinalar que a Ant era (é!) um ser humano tão miserável que ninguém se deu conta. Quero dizer, maldição, não é incrível?

OH, é má e está louca, atropela pedestres com sua bicicleta e reparte maus desejos, incentiva às pessoas a saltar de edifícios altos... nada novo, né, Antônia?

De qualquer maneira. Acontece que a segunda esposa de meu pai esteve possuída pelo demônio durante algum tempo, sim, é certo, o diabo, e teve um bebê, minha irmã Laura. E logo voltou para Inferno.

Ant, encontrando-se com um bebê recém-nascido a quem cuidar, logo abandonou Laura na sala de espera de um hospital e voltou para sua antiga vida sem olhar atrás.

Assim... aqui é onde a coisa fica estranha... Ant e meu pai são os pais biológicos da Laura. E o diabo é sua mãe. E Laura foi adotada pelos Goodmans (ora! Os Goodmans?), E cresceu nos subúrbios do Minneapolis.

Mencionei seus diabólicos poderes malvados, como a mola de suspensão feita de fogo infernal e a forma em que pode comer o que quiser e nenhuma vez tem nenhuma espinha?

Assim era a coisa. Era um pouco estranho quando se referia a nosso-seu-pai como "o Senhor Taylor" Era sempre "o Senhor Taylor" ou "o pai do Betsy". Eu não tinha idéia de como mudar isso, assim simplesmente deixava correr. Simplesmente outra coisa pendurada sobre minha cabeça como uma guilhotina instável.

- Só há merda para comer - anunciei, fechando a porta - como sempre.

- Podemos pedir uma pizza, - estendeu os braços, e pegou o bebê.

- A mim não importa; não posso comer de todas formas. É por ti por quem estou preocupada. Se estiver o suficientemente desesperada, sempre posso beber a garrafa de molho de soja. Mmmm... salgado. De qualquer forma, jantou antes de vir?

- Não - admitiu ela.

- Meu deus, que patéticas somos. Não comece - adverti ao bebê, que se havia posto rígido nos braços da Laura e parecia a ponto de começar com os choros outra vez. - Tenho trinta anos e estou cuidando de meninos e bisbilhotando na geladeira em busca de comida. Depois chamarei meu noivo para lhe dizer que venha e assim poderemos nos enrolar.

- Pelo menos você tem um noivo, - assinalou Laura.

Sorri agriamente e não disse nada.

- É tãoooo lindo, - disse Laura. Esta noite Bebê Jon usava uma camiseta, Pampers, e grossas meias trêz - quartos verdes. Ganhou um pouco de peso, mas ainda parecia um rato zangado e sem cabelo, comparado com os bebês gordinhos Gerber que via na televisão. - Não é a coisa mais encantada que viu alguma vez?

- Este é um lado teu horripilante, Laura, e acreditava que já tinha visto coisas realmente aterradoras.

- Vaaaamos - replicou, fazendo cócegas em Bebê Jon sob seu bicudo queixo. Jon a olhou e então o aroma de seu descontentamento encheu o ar. - Ooooooh, alguém necessita uma mudança de fralda. - olhou-me.

- Filha do diabo, - disse.

- Rainha dos vampiros.

- Certo, certo, eu trocarei. Dê-me ele.

Jon riu gostosamente quando lhe peguei de novo, o qual, dado sua idade, sabia que era impossível. Em realidade não ria, igual que em realidade não olhava encolerizadamente. Ainda assim, era tão bonito.

Eu fingia que ele realmente gostava, entretanto a esta idade não podia diferenciar nada. Abracei-lhe com suavidade enquanto subia as escadas, onde Laura não podia ver.

A verdade era que, noites como esta era um momento de maior interesse na minha vida agora mesmo. Saltava sempre que Ant chamava. Havia tocado fundo? Bebê Jon era o mais próximo que alguma vez estaria de ter um bebê próprio. Nada de lágrimas, nem suor, nada de menstruação... nada de bebês.

Nunca.

Sinclair e eu poderíamos fazer um montão de coisas... faríamos um montão de coisas, se ele conseguisse superar nosso pequeno problema do mês. Mas não poderíamos ter nossos próprios bebês.

Jess me havia dito repetidas vezes que não fosse tola, havia só um trilhão de bebês no mundo que necessitavam uma boa casa, e Marc a tinha respaldado com histórias de horror na Urgências sobre abusos. Ela estava certa... ambos estavam... e eu tentava não me sentir mau.

Mas aos trinta, não tinha pensado que nunca poderia ter meus próprios filhos. Era gracioso... nunca tinha pensado em ter um menino. Simplesmente tinha assumido que os teria. E então morri. Não é assim como funciona algumas vezes?

- É uma tolice, - disse a Bebê Jon, tirei-lhe fralda suja e o deixei a um lado (mais tarde o colocaria sob a cama de Ant, ficaria louca tentando encontrá-lo). – As pessoas mortas não podem fazer um montões de coisas. Passear, Falar, desfrutar de do sexo. Casar-se. Queixar-se. Tenho sorte, posso fazer algumas coisas, em lugar de só estar em um ataúde e me converter lentamente em fertilizante. Então como encaro a situação? As coisas boas? Os poderes fanfarrões? Não, me queixo e choramingo porque Sinclair não pode me deixar grávida. Tem sentido? Soa como uma pessoa que conta suas benções?

- Fleh, - replicou Jon.

- Diga a mim . – Limpei como com sal a um assado, sacudi os pós, e logo lhe pus um fralda nova. Suspirou e ondeou seus pequenos braços, e apanhei uma mão diminuta e a beijei. Arranhou-me com suas unhas lobunas, mas não me importou.

CAPÍTULO 22

- Não posso te agradecer o suficiente por ter vindo. - disse Ant. De novo. A Laura.

- Foi um prazer para nós, Senhora Taylor. Seu filho é adorável.

Ant olhou dubitativamente para a babá eletrônica, que de vez em quando vibrava com os rancos de Bebê Jon.

- Isso é... muito amável de sua parte. Espero que não tenha causado nenhum problema.

- É encantador! - exclamou Laura, lhe acariciando para que arrotasse sobre seu ombro.

- Sim, um sorriso por minuto - grunhi. - E estarei ocupada amanhã, assim nem pense nisso.

- Eu estou livre - saltou Laura.

- Isso é perfeito, garotas. Minha arrecadação de fundos foi adiantada de todos os modos. E Freddy pode vir.

- Freddy? - perguntei bruscamente. - Freddy a-viciada-por-seus-medicamentos-para-dor-de-cabeça?

- Não está viciada - Ant, nada sentida pelo abuso de substâncias, insistiu. - Simplesmente tem muitas enxaquecas.

- Não me importa se tem tumores cerebrais! Não vai cuidar de Bebê Jon!

- Isto não lhe diz respeito - respondeu Ant bruscamente. - Além disso, se não, quem?

- Quando é a reunião? - interveio rapidamente Laura. - Tenho certeza de que poderemos fazer algo.

Ant soprou para apartar uma mecha de cabelo da cara, a qual não se moveu.

- Laura, agradeço que tente fazer todo o possível, mas não há nada a fazer. Eu serei quem decida sobre o que é melhor para o bebê.

Preparei-me para lhe arrancar a cabeça dos ombros e chutar escada acima, uma surpresa horripilante para meu pai se retornasse alguma vez, quando Laura perguntou:

- Como decidiu antes?

O que?

- O que? - perguntou Ant.

- O que? - Adverti, congelada no ato de alcançar a diminuta cabeça de Ant.

- O bebê. Antes. Decidiu que era o melhor para ela... que não poderia se ocupar dela.

- Agora? - perguntei a minha irmã, que aparentemente ficou louca enquanto eu não olhava. - Escolhe este momento para fazer isto? - Maldito sentido de oportunidade: uma herança genética da qual a pobre Laura não podia escapar.

- Eu não... não

Deixei cair os braços ao lado. Ant tinha muito mais do que preocupar-se agora mesmo do que de ser decapitada à mãos de sua enteada.

- Foi uma boa opção -acrescentou Laura - se foi a melhor para ti. De todos os modos, alguma vez te perguntaste o que foi dela? Pensa alguma vez nela?

- Não - disse Ant, olhando diretamente aos incríveis olhos azuis da Laura? Nunca penso nela. Como quando você não está aqui, nunca penso em ti. Foi há muito tempo, e nunca penso em que quando leva o cabelo recolhido, parece com minha mãe. O aspecto que tinha quando gostava mais de nós que da garrafa. Nunca penso nisso, e nunca penso nela, e nunca, nunca, nem por um momento, penso em ti.

- OH - Laura tragou ar, como eu lutava para não cair no chão. Sabia! Sabia! E nunca havia dito nada!? Já Vejo.

- É uma garota realmente agradável, Laura. Encantou-me te conhecer. Estarei encantada de que venha para me ver. Mas é tarde, e é hora de ir.

- Por... é obvio.

- Um prazer arrebatador - disse, seguindo a Laura para a porta. - Como sempre. Idiota.

Ant não disse nada. Só permaneceu de pé na entrada durante muito tempo. Assegurando-se de que o Assassino do Caminho de Entrada não nos pegasse. Ou assegurando-se de que fôssemos realmente.

CAPÍTULO 23

Caminhamos para meu carro. Entramos. Arranquei. Ficamos sentadas um minuto, esperando a que esquentasse. (Não estávamos muito preocupadas com o assassino do Caminho de Entrada). Pusemo-nos em marcha. Vimos Ant fechar sua porta dianteira. (Deveria ter congelado seu gordo traseiro ali fora, vendo como íamos)

Não podia suportar por mais nem um segundo e meio e soltei.

- Não posso acreditar que soubesse! Não posso acreditar que soubesse! Provavelmente soube no minuto em que pousou seus olhos em ti, já que se parece com sua mãe alcoólica morta. E simplesmente... simplesmente nos deixou vir e fazer de babás! Todas essas vezes! E você estava em sua festa de apresentação do bebê! Levou um maldito presente da Tiffany's!

- É... uma mulher forte - disse Laura fracamente.

- É uma YAAAAAAAAAAAAAGGGGGGGGGGGG-GGHHHHHHHHH!

- O que? O que? - Laura se retorcia em seu assento, com a mão no punho de uma espada invisível. Havia uma espada ali, mas saía somente quando Laura desejava. E só ela podia tocá-la.

Olhei Laura, e logo outra vez pelo espelho retrovisor a loira que estava sentada no assento traseiro, e de novo a Laura.

- Eu... uh... vi um esquilo.

Laura olhava diretamente para o assento traseiro, no chão, ao redor do carro.

- Pelo amor de Deus, onde? Atrás do freio?

A loira me olhava fixamente, e tentei fixar minha atenção na France Avenue.

- É só que... me deu um susto de morte. Aparecendo assim. - Olhei no espelho. - Sem advertência.

- Sinto muito. - disse a loira.

- Bom, não me assuste assim! - exclamou Laura. - Foi uma noite o suficientemente estressante.

- Diz isso a mim? - disse a loira no assento traseiro.

Meu coração batia desbocado por causa da adrenalina (OK, cócegas de adrenalina, e por “desbocado” queria dizer perto de dez batimentos por minuto), o que já era suficientemente estressante sem ter que olhar para Laura, o fantasma atrás e à estrada.

- Estava... você... — finalmente cuspi — Tinha planejado isso? Apague isso: desde quando estava planejando isso?

- Na verdade não tinha planejado, confessou. - Carpe diem.

- Bom, Laura, espero que... espero que saiba que para a... para sua mãe, foi bastante bom. Quero dizer, estive quase agradável. O que para ela, é realmente agradável.

- Sim, sei.

- Só lhe dê tempo. Irá, uh... – Irá nascer uma alma? - E Laura... não leve a mal, mas se tinha planejado dizer algo a nosso pai...
- Jesus! - disse a mulher do assento traseiro. - Isto é melhor que "Os dias de nossa vida".
- Cele-se!
- Esse é um bom conselho, - disse Laura
- Não,... uh quero dizer, eu não recomendaria... possivelmente não agora, de todas as formas...
- Não se preocupe, - disse Laura com os lábios apertados. - Não vou contar.
- Essa é uma carga a menos em minha mente - disse a mulher morta do assento traseiro.

CAPÍTULO 24

- Bom, foi... - Desconcertante. Tenso. Se tivesse viva, me teria cagado em cima ao menos duas vezes na ultima hora -... realmente algo.
- Não vai entrar? - perguntou Laura, detendo-se na porta dianteira. Nenhuma de nós utilizava nenhuma das portas laterais. Não sabia por que. Sim, sabia. Ninguém queria ser confundido com um empregado. Inclusive os empregados (as faxineiras, a garçonete, o jardineiro) usavam a porta dianteira.
- Não, não. Vou ficar aqui fora —no frio glacial, temperatura abaixo de zero e o amargo vento - E respirar um pouco de ar fresco. - Mesmo que não respiro. A testa perfeita da Laura se enrugou.
- Tem certeza?
- O que? - protestou o fantasma, - não vai me deixar entrar?
- Não, é uma noite verdadeiramente agradável. E quero... admirar o jardim à luz de lua.
- Tem que estar brincando - protestou o fantasma. - Estive fora por mais de uma semana, e não vai me deixar entrar?
- Pensando bem – disse - Entrarei.
- Esperemos que seja melhor anfitriã que condutora - se queixou a morta.
- Cale-se, está conseguindo o que queria, ou não?
- Quão único disse foi 'tem certeza' - protestou Laura.
- Sinto muito, sinto muito. Estou zangada com Ant por ti, e isso está surgindo em ocasiões totalmente inadequadas.
- Essa vaca - disse o fantasma. - Deixava que seu cachorrinho que latia sem parar cagassem em meu jardim cada maldita semana. Pensava que eu não estava vendo.
- Suficiente, - disse.
- Estou de acordo, - disse Laura quase bruscamente. - Foi uma longa noite.
- Carinho, não sabe de que demônio está falando.

- Ainda está pensando ficar amanhã?
 - Compras de Natal, - disse Laura, acalmando-se ante meus olhos. Pelo menos seu cabelo não tinha mudado de cor, graças a Deus. – Nos vemos aqui às seis, esta bem?
 - Nossa não posso esperar - disse a morta.
 - Está bem - disse. - Boa noite.
- Observei Laura ir conduzindo seu VW amarelo de carinha feliz, que seus muito-bons-para-ser-verdade-mas- de verdade bons pais adotivos tinham economizado três anos para comprar.
- Olhei para o fantasma, que era alguns centímetros mais baixa que eu, com o cabelo loiro escuro preso para trás em um pequeno rabo-de-cavalo. Usava uma camiseta verde descolorida do Mundo Marinho com as mangas arregaçadas até os cotovelos e calças de lycra negros. Meias três - quartos. Sem sapatos nem casaco. Mas é obvio, não tinha frio.
- Por que não entra?
 - Por que não? - estive de acordo. - Obrigada pelo passeio. Pensei que ia ficar presa em Edina para sempre. Falando do inferno.
- Entrou através de mim na casa, e me senti exatamente como se alguém tivesse jogado um balde de água com gelo na minha cara.
- Maldição! - Ofeguei, me lançando para fechar a porta.
 - Sinto muito, - disse com ar satisfeito.

CAPÍTULO 25

- Voltou! - gritou Jon.
 - Jesus, me deixe tirar o casaco. E agora não, certo?
 - Quem é o bonito? - disse o fantasma, comendo-lhe com os olhos. Passou a mão no meio das suas pernas, o qual, por sorte, ele não notou.
 - Pare com isso! É ilegal fazer isso, inclusive se estiver morta.
 - O que? - perguntou Jon.
 - Obtenho minhas emoções quando posso - explicou o fantasma - assim não se meta.
- Tina tinha seguido Jon à entrada.
- Boa noite, Sua Majestade. Estava a ponto de sair.
 - Quantos loucos vivem neste lugar? - perguntou o fantasma.- É como o Real World dos perdedores.
 - Todos esses shows são assim - lhe disse. E Jon: Sério, agora não. Tenho alguns recados e outras coisas que fazer antes que amanheça.
 - OH, não se preocupe comigo - soluçou o fantasma. - Estou segura de que preferiria estar se despiando com o Super Bonito.

- Pela milionésima vez, não quero estar nua com ele!
- Não me tinha dado conta, mas a julgar pelos ecos de entrada, tinha gritado.
- Uau -disse Jon, retrocedendo.
- Desculpe minha audácia, Majestade, mas tem você... um convidado?
- Dah-DAH-DAH-HHHHHH - cantarolou o fantasma dramaticamente.
- Coloquei a mão sobre os olhos.
- Deus, sim. E é realmente irritante.
- Porque não morre? - sugeriu o fantasma
- Muito tarde - soltei. - Vê-a, Tina? Desta altura... - sustentei minha mão à altura de meu nariz. - Com cabelo loiro preso em uma vulgar tira, vestindo um vulgar suéter, sem sapatos.
- Se soubesse que ia ter que andar por aí com umas meias três - quartos suadas por toda a eternidade - protestou o fantasma - Teria me vestido um pouco melhor.
- Ah, sim - disse Tina, entortando os olhos e abrindo logo os olhos quando o fantasma lentamente se fez visível para ela. - Boa noite, senhorita. Meu nome é Tina; esta é Elizabeth I.
- Espera um minuto. Ando por aí dias e dias e ninguém pode me ver, e agora porque ela diz você diz pode me ver também?
- Ela é minha rainha - disse Tina simplesmente.
- Isto funciona assim, sou um vampiro...
- Não acredito! - Disse o fantasma com um grito sufocado.
- Juro!
- Pensei que fosse somente um fenômeno, como esse menino do filme. Não sabia que estava, ou seja, morta.
- Bom, estou, assim não insistamos nisso, certo?
- OH, Devo ser sensível com seus sentimentos porque está morta?
- Isso não é o que quis dizer, - disse através de meus dentes apertados. - E se te calasse por um minuto, explicaria como é que Tina pode te ver. Não é só que eu seja um vampiro, sou como, se disséssemos a chefe de todos eles. E uma das (estúpidas) regras é que se vir um fantasma e o faço notar a outro vampiro, eles também podem vê-lo.
- Que incrivelmente lamentável - comentou. - A mim parece invenção.
- Bom, pois não é assim - exclamei. - E em minha opinião deveria ser mais agradável.
- Bom, ninguém pediu sua opinião, carinho. É um prazer te conhecer - disse a Tina - Pode me ajudar?
- Supõe-se que devo te ajudar.
- O fantasma me olhou duvidando.
- Sim, bom, genial. Parece que consegui toda a ajuda que necessitava.
- Porque não nos sentamos na sala? - sugeriu Tina

- Sim – concordei - por que não o fazemos? É a primeira porta a sua esquerda. Enquanto seguíamos ao fantasma, virtualmente sussurrei a Tina - Viu, uh, a Sinclair esta noite?

- Não - murmurou como resposta - Não lhe vi em dois dias. Não queria me intrometer, mas...

- Ooooooh - disse o fantasma em voz alta, atravessando a parede da sala. - Mais travessuras dramáticas.

Suspirei e a segui. Embora eu passei pela porta.

- O primeiro é o primeiro - disse o fantasma. Não se sentou, mas nós sim, assim tínhamos que olhar para cima esticando o pescoço. - Estou morta, verdade? - quero dizer, tenho certeza. Mas só quero me certificar.

- Sim - disse Tina.

- Sentimos muito - acrescentei. – Se serve de algo, você é muito jovem. Parece da minha idade

- Não se exalte, só tenho vinte e seis. Quero dizer, tinha vinte e seis. - Suspirou e olhou ao redor através de nós. Literalmente. - Imaginava. A última coisa que lembro é um enorme estrondo, uma grande luz em meu cérebro, e então de repente estava de volta em minha vizinhança e ninguém podia me ver. Esse maldito cão da Antônia fez caca através de mim.

- Como podemos te ajudar? - perguntou Tina, sempre direta.

- Sinto que tenha morrido - adicionei

- Direi como eu posso ajudar – disse - Meu nome é Cathie Robinson, e sou...

- A última vítima do assassino da Porta de Entrada - disse Tina. Olhou para mim. O Tribune publicou um artigo quando, ah... quando seu corpo foi encontrado, Senhora Robinson.

- Em um estacionamento, verdade? - perguntou com tristeza. Sentou-se, atravessou o sofá, e desapareceu através do piso. Escutamos um afogado: Merda! E logo como lutava para subir novamente à sala. - Em um maldito estacionamento!

- Sim, temo que assim é.

- Sinto muito - disse novamente, porque honestamente, não me ocorria outra coisa que dizer.

- Esse pedaço de merda! Esse pequeno rato!

- Recorda algo sobre... sua morte? - perguntou Tina com tato... em todo caso, com tanto tato como podia perguntar algo assim. - Sobre o lugar onde a levaram? Sobre o assassino?

- Carinho? - perguntou Cathie, imobilizando Tina com um repentino olhar penetrante. – Lembro de tudo.

Tina sorriu. Foi espantoso; virtualmente podia vê-la babando ante a idéia de pôr suas garras sobre o assassino do Caminho de Entrada.

- Então ao final, teve um pouco de sorte, Senhora Robinson. Nosso amigo está na polícia.

Cathie suspirou e se reclinou para trás (com cuidado para não cair através da parede).

- Sabia que havia uma razão para estar te seguindo por todos os lados - me disse.

- Conte-nos o tudo. Depois nos preocuparemos com as dificuldades.

- Que dificuldades? Direi-te onde está... em todo caso, onde me pegou... e você irá pegá-lo.

- Nosso amigo... o da polícia... não só não sabe que somos vampiros, definitivamente não sabe que podemos falar com os mortos. Seria difícil compartilhar esta informação com ele sem comprometer nossa segurança.

- Mas encontraremos a maneira - assegurei precipitadamente a Cathie, que estava começando a parecer super zangada. - Obviamente, apanhar este homem é a prioridade número um em nossa lista.

- Bem, bem poderia esperar isso! - disse ela bruscamente - deixei uma família, sabem. E era uma boa garota... justo neste momento deveria estar no céu. A única razão pela que ainda estou aqui é para lhes ajudar a apanhar a esse porcaria, pedaço de merda, safado.

Ainda estava admirando o rico e colorido vocabulário de Cathie quando escutei uns passos familiares no corredor.

- Conte a Tina a história completa - disse apressadamente, saltando para me pôr em pé.

- Ei! - protestou Cathie. - onde demônio acredita que vai?

- É muito mais importante que você conte a Tina que a mim - disse, praticamente correndo para alcançá-lo. - De qualquer forma ela é, assim, dez vezes mais inteligente que eu.

- Isso deduzi sozinha. Mas o que é mais importante que isto?

Pessoas morta pensei, me precipitando ao caminho de entrada. São os mais egoístas do planeta.

- Sinclair! – gritei - me espere!

CAPÍTULO 26

- Aonde... - Aonde vai?

- Sair - replicou.

Isso era óbvio; estava usando seu, sobretudo de lã negra e seus sapatos Kenneth Penetre, que estavam lustrados até parecer brilho de lábios. Golpeava impientemente suas luvas de couro negro na palma da mão enquanto educadamente esperava a que eu fosse ao assunto.

- Sair... para que?

- Preciso me alimentar Elizabeth - disse simplesmente

Quase cambaleei ante as implicações do que acabava de dizer. Desde que estávamos juntos, tínhamos uma espécie de regra não escrita com respeito a nos alimentar... O fazíamos somente um do outro.

Esse era o problema das regras não escritas. Qualquer um poderia reescrevê-las... ou as ignorar.

- Mas... não quer... comigo? - Não podia acreditar o que lhe estava perguntando; eu, a que se arrepiava completamente ante a mera idéia de compartilhar sangue. Mas a idéia dele encontrando a uma formosa garota... deslumbrando-a... tirando dela... e é óbvio ela se apaixonaria por ele... e então o que faria ele? Ficar com ela?

Não era como se não o tivesse feito antes. Demônios, estava acostumado a ter um harém de garotas que adoraaaaaaaaaaaaavam que bebesse delas. Quando se mudou para cá proporcionou a todas uma tonelada de dinheiro, mandou-as a seguir com suas vidas e se arrumar. Amável e engenhoso.

Exceto agora...

Seu tamborilar com as luvas se acelerou.

- Assumi, em vista do que aconteceu anteriormente, que essas coisas estavam fora dos limites. Para ambos.

- Bem, quando ASSUMI, converte a ambos em asnos. Aí tem!

- O que?

- Acabamos de brigar, isso é tudo, só uma estúpida briga. Não é o fim do mundo. E francamente, não quero que saia ao frio e remoa a alguma outra mulher, aí tem!

- Outro "aí tem". Deve ter sentimentos profundos sobre esta situação.

- Bom, você ficou louco quando Jon, ao qual não tenho nenhuma intenção de morder ou amassar, mudou-se para esta casa. Agora vai de caça, e se mostra surpreso de que me incomode?

Sua boca se endureceu; parecia mais uma cicatriz que os lábios que tinha chegado a conhecer tão bem.

- Dificilmente é a mesma coisa

- Incorreto, pestilento! - É exatamente o mesmo.

- Muito bem.

Em uma piscada... poderia ver o que tinha passado somente se o reproduzia em minha mente... atirou as luvas, tirou-se os sapatos de uma patada, e me arrastou escada acima. No tempo que demorou a me dar conta de que tinha deixado cair

suas luvas, tinha fechado a porta do (nosso) dormitório com uma patada, torcido minha cabeça para um lado e fincado fundo as presas.

Gritei, estremecida até os dedos dos pés pelo que tinha feito... Não, por como o tinha feito. Tratei de me liberar, mas ele tinha uma mão cruzada sobre meus ombros e a outra forçando meu queixo para um lado, proporcionando um fácil acesso a minha jugular. Escapar era como tentar escapar de uma árvore que se plantou a si mesmo ao meu redor.

- Para, Eric, para, por favor, para - roguei, e odiei a mim mesma por rogar.

Sim, pare o que está fazendo - Por que a está machucando? Mantenha seu orgulho e isso é tudo o que terá, assim detenha, detenha, DETENHA!

Apartou-se e lambeu meu sangue dos dentes. Observou a pequena gota de sangue que descia por meu pescoço, capturou-a com um dedo, e o lambeu também até secá-lo. Logo me soltou e eu girei me apartando.

Eu sabia o que aconteceria. Sabia o que aconteceria. E me mantive firme esperando por isso. Penitência? Não me importava uma merda. Esbofeteei-lhe tão forte que se cambaleou para trás, ricocheteou contra a parede, e caiu no chão como uma barata atordoada.

De pé sobre ele, vi que suas presas ainda eram visíveis, e pus uma mão sobre a mordida em meu pescoço.

- Disse que sinto muito, certo? - Odiava a forma como me tremia a voz. Por que não o tinha visto vir? Tão parva podia chegar a ser? - Disse. E não vou repetir mais. Assim que de duas uma ou o supera de uma vez, ou não. Uma vez que decidir isso, se mude daqui ou não o faça. E quero dizer, que se mudar daqui, nada de aparecer de noite por sangue e sexo depois partir. Mas já basta de emburrar, irritações e gemidos, certo? Acredite ou não, tenho problemas mais sérios que seu orgulho ferido. Agora tire seu traseiro daqui. Vamos, eu te ajudo.

Agachei-me, com a intenção de levá-lo e atirá-lo pela janela, estava bastante certa de que era o suficientemente forte para fazê-lo, e morria por comprová-lo. Também tinha contado com o estranho humor contrito de Eric, que durava muito, como descobri quando me puxou para baixo me fazendo aterrissar sobre ele.

- Vejo que não escutou meu discurso - disse através dos dentes apertados - Suponho que vou ter que repeti-lo toda outra vez.

- Escutei. Quais são seus problemas mais sérios?

- Que é isto, um quiz show? A Roda não-morta da Fortuna?

- Disse "Acredite ou não, tenho problemas mais sérios que seu orgulho ferido". - Seus olhos estavam a duas polegadas de meus. Podia cheirar meu sangue. Odiava a mim mesma por querer que me morderse novamente. - Estava me perguntando quais eram.

- Depois da cena que acaba de montar? Esquece amigo, não te direi uma maldita palavra!

- Porque sou um rei que não “conhece” os hábitos de sua Rainha - disse quedamente.
 - Não, estúpido, porque acaba de subir aqui e praticamente me violou porque está de mau humor! Importa-me uma merda que não possa ler minha mente quando estamos fornicando, e francamente, deveria se sentir aliviado! Realmente quer ter toda essa quantidade de coisas em sua cabeça?
 - É só uma questão de tempo - disse com um timbre monótono de voz que me assustou de morte - se o desejar, pode me atirar pela janela agora.
 - Sinclair! - Esbofeteei-lhe cruzando a cara, um golpe ao estilo “desperta, está se incendiando!”, mas não disse nenhuma palavra. - Amigo, tem que se recompor! Realmente te necessito neste momento. Mais que nunca, assim, por favor, por favor, se recomponha. Eu lamento, você lamenta, todo mundo lamenta, podemos, por favor, voltar a ser como éramos há uma semana?
 - Ao contrário, finalmente sou capaz de ver as coisas como são exatamente. É... angustiante.
 - Vamos, Eric. Foi um dia asqueroso, e já me assustou muitíssimo uma vez.
 - OH, isso - disse ausente. - Desculpe-me. Estava faminto, e você estava me irritando. Não voltará a acontecer.
 - Não diga isso! Não foi o que fez, e sim como fez, por favor, não diga isso!
 - Irei - disse devagar - Mas antes de fazer isso, eu gostaria de te recordar que é possível que possa ter um bebê humano com um homem humano. Sei quão afeiçãoada está com Bebê Jon, e estou seguro de que poderia ter um próprio uma vez que recupere o sentido e me jogue de sua vida.
 - Mas... poderia? Mas... mas eu não quero...
- Sem ser consciente de minha enorme confusão, sentou-se e gentilmente me separou dele, da mesma forma que espanta a uma joaninha de sua mão quando vai entrar, ficou de pé, deixou-me sobre a cama, deu a volta, e se foi.

CAPÍTULO 27

- Ei, acorda.
- Amassei-me profundamente sob as mantas, um grande verme não morto.
- Ei, Betsy. Acorda.
 - Hnnnnnnwwwwww - balbuciei, o que qualquer pessoa normal tivesse interpretado como “vai embora, estou dormindo”
 - Sua irmã lhe está dando uma tremenda surra nesse vampiro que vive no porão. Isso captou minha atenção. Sentei-me e ali estava Cathie, sentada na cadeira de Enjoe, sem sapatos e com aspecto assustado.
 - O que? Do que está falando?

- Sua irmã. Veio faz um momento, imagino que para ir às compras de Natal. Foi abaixo, e como estava aborrecida até as tetas, segui-a. Começou a bater nesse menino de cabelo comprido que está no porão, que não pode falar. Não queria pedir a seus amigos que interviessem... uma de suas companheiras parece que tem um encontro, e seu acompanhante está aqui, perambulando por aí e esperando-a...

- Cristo, gemi.

- ...E você é o único vampiro ao que posso despertar

Deixei de lado os lençóis e joguei um olhar ao relógio: 5.35 pm. Tinha dormido até tarde, mas os outros não se levantariam até dentro de uns minutos, não até que o sol abaixasse.

- Bonito pijama. Comprou em um mercadinho de garagem?

Comecei a correr como uma louca em direção às escadas. Estava fora de meu quarto em um segundo e meio, nas escadas em outro segundo, e ricocheteando para baixo pelos degraus que conduziam ao porão enquanto a manta estava ainda caindo no piso de cima.

Parei com um chiado diante da larga e nua área do porão a que chamávamos de seção de luta.

Cathie não tinha exagerado. Laura estava brigando com George, e se não tinha estado morto antes, o ia estar logo. Não é que ela fora tão boa combatente, embora o fosse, o que passava era que não lhe estava devolvendo os golpes. Cada golpe que lhe atirava soava repulsivo e se via pior.

- Laura!

- Brigue, origem do demônio, brigue!

- Laura, pare!

- Brigue, assim posso te mandar com minha mãe. Brigue, assim pode lhe dizer que me está indo muito bem aqui em cima e que ela não tem necessidade de interferir... outra vez!

Quase me deprimi ao ver que o cabelo de Laura era uma labareda vermelha... da cor do carvão ardente depois de um fogo feroz. Seus olhos eram da cor do pasto de outono... verde, mas morrendo. A adolescente loira de bochechas rosadas que todos conhecíamos e queríamos tinha desaparecido. Agora nos encontrávamos ante a filha do diabo.

- Jesus - murmurou Cathie, quando chegou finalmente ao porão

- Eu gostaria - disse.

- O que é o que lhe passa?

- Tem problemas com seus pais.

- Não, eu tive problemas com meus pais. Ela esta totalmente louca.

- Depois. Laura! - vociferei. - Deixa-o agora mesmo! Agora, agora, não em um minuto, agora!

- Não se meta nisto, Betsy! - respondeu-me estridente. Descarregou em George outro bom, só posso imaginar quanto devia estar doendo a mão, a julgar por como abriu a bochecha de George, ele cambaleou e quase caiu mas não lhe devolveu o golpe.

- Laura, odeio te fazer ver minha posição, mas sou a Rainha, e esse é um de meus súditos assim tire suas asquerosas mãos de cima dele agora!

Golpeou-o outra vez, whamthud!, não podia acreditar. Estava eu sequer na mesma maldita habitação?

Corri ao redor deles justo quando sua espada se materializava em seu quadril. Não podia nem olhar à coisa, era feita de fogo do inferno e me provocava uma instantânea dor de cabeça, era como olhar ao sol, assim apartei o olhar e de alguma forma... não estou muito segura agora de como consegui fazê-lo... mas de algum jeito consegui me colocar diante de George, com os braços estendidos protetoramente, e assim foi como minha irmã acidentalmente afundou sua espada em meu peito

CAPÍTULO 28

- Betsy? Betsy? Betsy?"

- Gllllkkkkkkkkkk!"

Essa era eu? Não. Quem estava se afogando? Não sou eu, verdade?

- Laura, gosto muito de você.... - Sinclair? Que estava fazendo ele aqui embaixo? E soava como se estivesse estrangulando a minha irmã... para ser honesta, não sabia exatamente como me sentia respeito a isto. Yay? Boo?

- Gggggglllkkkkk!

-... sim, obrigado, mas se ela morrer, temo que seu você também morrerá. É este pequeno e estranho tic territorial que tenho. Dou-me conta de que é um problema, e estou lutando com isso, mas neste momento devo ater-me ao que disse.

- Betsy? Pode me ouvir? - Marc! Esse era Marc.

Excelente! Ao fim, tinha um dia livre quando realmente podia ser útil.

- Tem uma grande espada de merda se sobressaindo de entre suas tetas. - Essa era Cathie? É obvio que não pode te ouvir. Por que me incomodo sequer em falar com idiotas?

- Não estou morta!

- Suponho que não é boa idéia procurar sinais vitais. - Tina

- Bom, não tem pulso, e não está respirando, assim diria que está morta. Além disso, há uma enorme espada se sobressaindo de seu peito.

- Idiotas! - gritou Cathie.

- Mas esteve morta antes, assim que isto me deixa um pouco perplexo.

Tina murmurou e logo disse, - A nós também... Onde está Nick?

- Graças a Deus, Jéssica o está mantendo ocupado lá em cima. De todos os estúpidos este momento é o pior que podia escolher para começar a ter encontros outra vez.

- Amém a isso, - disse abrindo os olhos. Sobressaltei-me ao ver que Marc e Cathie tinham razão... havia uma enorme espada se sobressaindo de meu peito. Tinha visto Laura apunhalar a vampiros com ela antes, e se desintegravam instantaneamente. Estava bastante assombrada ao ver que não tinha me convertido em uma pilha de cinzas. - Sinclair! Solte-a. Laura vêm aqui. Me tire esta coisa.

Ambos me olharam, a cara da Laura estava tão vermelha que parecia que lhe foram estalar as veias. O qual, dado o firme agarre que tinha Sinclair sobre seu pescoço, era provavelmente iminente. Ele a soltou, e ela se chocou contra o pavimento, soprando.

- Não posso deixar a nenhum de vocês sozinhos por um dia sem que se desate todo um inferno, - disse zangada - Onde está George?

- O colocamos na ducha para lavar o sangue, - informou Tina. Estava a meu lado apoiada em um joelho apertando meu braço para assegurar-se de que não iria me desintegrar.

Laura tinha ficado de joelhos e logo depois de pé. Se eu tivesse sido ela, não lhe teria dado as costas a Sinclair tão ligeiramente, mas ela só tinha olhos para mim enquanto cambaleava até nós.

- Betsy, OH Betsy! Me perdoe! - Tropeçou-se e caiu, mas em todo caso, a julgar pelo que veio depois, provavelmente tivesse intenção de ficar novamente de joelhos: - Juro-te, que você não foi o objetivo! Sou uma asquerosa cadela traíçoira, uma que você aceitou dentro da sua família e te pago desta maneira...

- Fez um gesto para a espada. - Por favor, por favor, suplico-te que me perdoe. Eu...

- Laura.

- Sim?

- Podemos fazer isto depois que tirar esta coisa de mim?

- OH. OH! Sim, claro. Eu... Ah... nunca ninguém... - Agarrou o punho com tranqüila familiaridade. - Minha espada atravessa sem danificar... só alterando a magia... ou mata. Nunca... fica entupida a metade do caminho.

Senti-me um pouco doente.

- Bem, podemos desentupi-la, por favor?

- Sim, claro, mas depois de haver causado tanto dano sinto que devo te advertir que pode doer um pouquinho...

- Elizabeth! - disse Sinclair afiadamente desde seu melancólico canto. Todos saltamos ao redor para olhá-lo boquiabertos; não era uma boa coisa quando elevava a voz. - Devo insistir para que cancele o casamento imediatamente.

Ofeguei com fúria renovada.

- E os golpes seguem chegando! Cancelar o casaaaaameeentoggg! - Aferrei-me ao peito, que graças a Deus, não tinha nenhum buraco. Sua vaca, isso realmente doeu!

- Provavelmente menos, - disse ele, que parecia enormemente aliviado, porque estava distraída.

- Sim, obrigado por “me ajudar” me dando o susto de minha vida - resmunguei enquanto Tina e Marc me ajudavam a me levantar. Marc mediu entre minhas tetas, mas não tomei como algo pessoal, e logo deu a volta a meu redor para poder apalpar minhas costas.

- Como se sente? - perguntou Tina ansiosamente.

- Furiosa! Levantei-me há quanto, dez minutos? Merda. Isto é pior que o baile de graduação de 91. Laura, tem umas quantas explicações que dar.

- Fecha os olhos, - disse-me Marc?, e pense na Inglaterra. - Logo levantou a camisa de meu pijama.

- Ack! Faz frio aqui dentro, termina já com isso. - Separei-me de um puxão. - Estou bastante segura de que se tivesse uma grande ferida de punhalada em meu peito, todos saberíamos.

- Não posso acreditar que não esteja morta, - exclamou Laura. - Quero dizer, me alegro disso, mas nunca antes tinha visto isto acontecer. - Sinclair se aproximou de nosso pequeno grupo, e ela de certa forma se encolheu para longe dele. - Tratei de lhe dizer isso antes... não tinha intenção de apunhalá-la. Ela ficou no meio.

- Sssssiiiiimmm, - ronronou Sinclair? E a quem estava tentando apunhalar quando ela, ah, meteu-se no meio?

- Não era.... Não ia a sério. - De repente Laura aparentava uns doze anos. As tranças ajudavam. Também fazia o fato de que tinha guardado sua espada.... onde quer que fosse quando não estava matando vampiros com ela. - Só estávamos praticando.

- Suponho que o que aconteceu casa de Ant te doeu mais do que demonstrou, sugeri.

Laura se encolheu. Não olhava a nenhum de nós de frente. Seu cabelo era loiro outra vez, e seus olhos eram azuis. Aparentemente, o azul da mãe de Ant, ou do Diabo.

- É um vampiro selvagem, - assinalou na defensiva?. Não é como se realmente pudesse feri-lo... lhe causar um dano permanente.

Mentira.

- Era só um exercício de treinamento.

Mentira.

- Não tinha nada que ver com minha vida familiar, - insistiu. Era terceira e (com sorte) a última mentira

- Não...

Brigue, assim poderei te enviar com minha mãe!

-... significou...

Brigue, assim pode lhe dizer que me está indo muito bem aqui acima!

-... nada.

- OH, por favor, - disse Cathie. Tina a olhou, mas ninguém mais tinha idéia do que havia dito. - Disse que tinha problemas com seus pais? Porque o que tem é um maldito grande problema. Quero dizer, vamos, Liz. Você não acredita nesse alegre lixo, verdade?

- Não me chame assim. Está bem Laura, - disse depois de um incômodo momento. Minha vida: uma série de momentos incômodos. - Foi um acidente. Sei que nunca pretendeu me ferir.

- Sim, assim é, - disse ela, com seus ingênuos olhos azuis alagados de lágrimas. - Jamais desejaria te ferir. Morreria antes de te machucar.

- De verdade? - perguntou Sinclair com a cabeça inclinada.

- Me deixe, ah, somente ir ver como está George e logo podemos terminar nossas compras.

Sua cara se iluminou.

- Ainda.... Ainda quer ir?

- Está brincando? Que parte de “trinta por cento de desconto sobre tudo o que há na loja” não entendeu? Precisa de muito mais que isto para me manter afastada dali. Encontro-me contigo fora no carro.

- OH, - disse tristemente. - Suponho que esta é a parte na qual todos falam sobre o que irá fazer comigo.

- É mais como um assunto secreto de Natal, - disse empurrando-a para as escadas.

CAPÍTULO 29

- Jesus, disse, olhando dentro da ducha. - Moeu a golpes.

- Sim.
- Devo supor que ele não disse nada
- Não, - disseram Tina e Sinclair ao unísono. Marc subiu para ajudar Jess e lhe assegurar que tudo ia bem. Quem podia saber que intenções tinha Nick... com sorte não se intrometeria muito. Cathie, foi a não sei onde, atravessando uma parede e se queixando porque tínhamos deixado “escapar” a minha irmã.
- Pobre menino, ocupando-se de seus próprios assuntos e ela vem e começa uma matança.
- Comecei a morder um de meus punhos... o acostumado lanche de George... quando Sinclair me deteve.
- Grande parte da fé de sua irmã depende da redenção. Parece sentir-se mau a respeito disso. Assim por que não fazer com que ela alimente George durante um ou dois dias?
- OH, mas isso é bastante... - Queria dizer diabólico? Brilhante, - confessei. - Certo, a farei saber. Terá que lhe alimentar, de uma forma ou outra, até que ele se cure de tudo o que lhe fez.
- E eu... ah... deve assegurar-se.... ah.... - Tina estava gaguejando como uma loira aprendendo latim. E eu devia sabê-lo bem.
- Tina qual demônios é seu problema?
- A coisa! - exclamou? Devo me assegurar de que alguém se encarrega da coisa.
- O que? - perguntei, mas Tina já tinha saído do quarto de banho. Me deixando com Sinclair, que não queria falar, e com o George, que não podia falar.
- OH.
- Bom. - Tosse, tosse. - Acredito que é melhor eu ir às compras...
- Parece que quando eu não estou perto, sempre acertas para que lhe disparem ou lhe apunhalem ou lhe ataquem de alguma forma igualmente fatal - E era isso por acaso um sorriso espreitando nas comissuras de sua boca?
- Ei, eu não fiz nada. Estava me ocupando de meus próprios assuntos, e Laura me apunhalou no coração. - Certo, até eu sabia quão penoso soava isso. Ele estava sorrindo.
- Sua irmã ficará com alguns hematomas.
- Certo. Abrirei os pacotes de gelo. Para que saiba, desaprovo todo esse assunto de estrangulamento.
- O sorriso se foi, desapareceu em qualquer que fosse o lugar ao que se foram os sorrisos de Sinclair.
- Deveria se considerar extremamente afortunada de que isso seja o único que vá ter.
- Venha, vamos. Foi um acidente. Você viu quão afligida estava.
- Certamente parecia estar desgostada, - coincidiu.
- O que? Estava mentindo?
- Não sei. Essa é a parte da qual eu não gosto.

- Bem, não deveria ter agarrado ela dessa forma e estrangulado como se fora um rato, é tudo o que vou dizer. Embora fosse um pouco... não importa. Mau, mau Sinclair! Mas obrigado por vir em meu resgate. Outra vez.

Suspirou e me aproximou dele, deixei-me levar, cautelosamente.

- Parece que não importa quão zangado esteja contigo, não posso suportar verte ferida ou em problemas.

Tive vontades de pular. Esmaguei o impulso.

- Isso é porque estamos apaaaaaixooooonaaadoos.

Fez uma careta.

- Que encantador.

- Me escute, estive pensando.

- Que fascinante!

- Fecha a boca. Realmente o fiz. Refiro-me a pensar. Sobre a briga, e as coisas que disse. Talvez não devêssemos nos casar, - disse tensa. O adestramento de toda uma vida lendo Modern Bride (Noiva Moderna) elevou-se dentro de mim e gritou com horror, mas demônios, isto era mais importante que qualquer desejo que eu pudesse ter.

- Tem certeza de que não pegou na cabeça essa coisa infernal? - perguntou, apalpando minha testa.

Afastei sua mão de uma palmada.

- Estou falando sério. Sempre vai acontecer este tipo de coisas. Com nossos amigos. Todo o tempo vai surgir algum desastre que ameace arruinar tudo. Tem que admitir, que considerando a importância do assunto, isto foi algo menor. E posso te assegurar, que o pior até está nos esperando na da esquina. Talvez...

- Não.

- Só estou dizendo...

- Você mesma disse. Sem este estúpido ritual humano, não sentirá que me pertence. Assim o faremos e ao demônio, contudo. E não penso passar por outra prova de menus, ou por outra reunião sobre flores. Não. Absolutamente, não.

- Isso é... tão doce, disse finalmente. - Assim sente que não me merece, mas insiste com o casamento, quando antes pensava que o fato de que eu mudava as datas significava que secretamente não queria me casar contigo. É isso mais ou menos correto?

- Secretamente ou não, este ritual humano obviamente tem um grande significado para ti. Assim que o faremos. Depois até você admitirá que me pertence.

- Uh.... Não utilizaremos a palavra “obedecer” nos votos.

Sorriu.

- Não deseja que te surpreenda, querida?

CAPÍTULO 30

- O que é o que acaba de acontecer? – perguntei a Jon no caminho à porta de entrada. Reconciliamo-nos? Estamos juntos outra vez? Alguma vez estivemos separados? Mudou de opinião quando viu que me apunhalavam? Deveria lhe guardar rancor pelo assunto da agressão em meu quarto? Ou deveria declarar que estamos à mão porque eu lhe esmurrei justamente depois do acontecido? E por que estou te perguntando a você sobre isto? Onde está Tina? Onde está Jess?

- Assim é verdade - gritou Jon, gesticulando procurando por sua agenda eletrônica com uma mão e afastando freneticamente os revoltos cabelos dos olhos com a outra. - Betsy, devemos continuar onde paramos.

- Shhhhhh! - Podia escutar Jess e Nick conversando na outra habitação. - Não enquanto Nick estiver aqui.

- Nick seria... - consultou suas notas. - Detetive Nick Berry. Ooh, isso é um inconveniente.

- Por dizer pouco. Não estamos seguros do que sabe, assim pelo amor de Deus não ande balbuciando sobre vampiros e espadas e merda como essa enquanto ele está pelos arredores.

- Não se preocupe. Pode contar comigo. Você sabe que pode.

- Bom, obrigado. - Sorri-lhe. Logo franzi o cenho. - Sabe, estava excitada sobre Jéssica se encontrar com este tipo, mas agora estou começando a me perguntar....

- Mas quando podemos nos reunir outra vez? - choramingou

- Vêem às compras com a Laura e comigo. Ela conhece a maior parte de meus sujos segredinhos. Não terá que manter a boca fechada quando estivermos com ela. - E tinha o pressentimento de que o que tinha passado no porão estaria fora dos limites de qualquer conversa sensata, por um longo, longo tempo.

- Certo! - disse, e inclusive pegou um murro no ar. Chorei sem lágrimas pela cretina perdedora que era e fui procurar meu casaco

Querida Betsy,

Morri faz uns dez anos, e como sabe, basicamente o único com o que me preocupei desde esse então é com a sede. Mas as coisas são diferentes agora. Estive lendo o jornal de minha cidade natal, e soube que meu pai está a ponto de aposentar-se. Ele só tinha 39 anos quando me converti em vampiro. Depois nunca me viu, nem ele nem nenhuma outra pessoa de minha família. O que devo fazer? Sei que se supõe que devo me manter oculta, mas realmente estranho os meus e eu gostaria de ver o que estiveram fazendo.

Me dê um sinal,

Amigavelmente Familiar Fridley

Querido Fridley,

Por favor, vá ver seu pai. Se não quer que se inteirem que é um vampiro, invente alguma merda... Foi recrutado por uma agência secreta do governo assim esteve desaparecido todo este tempo. Tão secreta que não pode falar dela, ou nem sequer ficar muito tempo, mas eles deveriam sentir-se muito orgulhosos de ti porque está aí fora salvando o mundo.

Algo pelo estilo. Confie em mim, estarão encantados de que não está morto. Nem sequer pensarão em te fazer perguntas incomodas até muito depois de que tenha ido embora.

Sua rainha, Betsy

CAPÍTULO 31

Acabávamos de passar pelo terceiro grupo de cantores de canções de natal quando Jon fez o comentário.

- Está época do ano deve ser um inferno para os vampiros. Literalmente um inferno.

Eu soltei umas risadinhas.

- Alguns cantores de canções de natal vieram à casa, Tina e Sinclair correram para o porão com as mãos sobre os ouvidos. E não há necessidade de dizer, mas se negaram a sair às compras comigo. Um singelo “Feliz Natal” proveniente de um desconhecido lhes provoca indigestão durante o resto do dia.

Ao fim, Laura começou a rir. Estava andando como um robô: não falava, não se mostrava encantadora, só giros forçados e mudanças.

- Mas não te incomoda.

- Caramba não, eu adoro esta época do ano.

- Está louca ao vir ao centro comercial uma semana antes de Natal - observou Jon.

- OH, se cale. O que sabe você disto?

- Sei que terminei com minhas compras natalinas em outubro.

Estremeci. Era um desses tipos estranhos. Mais anormal que os vampiros, se me perguntassem.

- George se recuperará? - perguntou Laura timidamente.

- Ah, George. Sim, falemos disso, quer? Sinclair idealizou um grande castigo para você.

- Nossa - murmurou Jon, tão baixo que quase pude lhe ouvir.

Decidi não me deixar distrair. Me concentrar no fato de que a filha do diabo quase nos mata a mim e a um indefeso vampiro psicótico.

- Necessita sangue fresca... de uma veia viva... senão retrocederá, esquecerá como é caminhar, e todo isso. Eu estive alimentando-o, mas adivinha o que!

- OH, não - se lamentou.

- Posso observar? - perguntou Jon.

- Assim é, por ter batido em um convidado sem ter sido provocada, e por tratar de reduzir à rainha dos vampiros a um monte de cinzas, seu grande prêmio é... deixar que George chupe o seu sangue até que todas suas feridas estejam curadas! Obrigado por jogar!

Estremeceu-se.

- É asqueroso.

- Devia pensar nisso antes de caçá-lo.

Ohhhh, Sinclair era um gênio escuro. Isto era sensacional. Estava tão horrorizada como nunca a tinha visto.

- Que acontece se me nego a fazê-lo?

Encolhi meus ombros.

- Então que tenha uma boa vida, e não volte nunca.

- Não faria! Por causa dessas... essas coisas?

- Laura.

- Sinto muito. Simplesmente não o vejo como você vê. Não é um homem, sabe.

- Tampouco é o menino que está no assento traseiro...

- Ei!

-... Mas deixamos ele ficar conosco. Em resumo, Laura, sei que me queixo de meu cargo como rainha, mas o caso é que não pode simplesmente vir a minha casa e moer a golpes a um de meus vampiros. Simplesmente não pode fazê-lo. E não finja que não entende, porque sei que o faz.

Não disse nada. O silêncio se alargou, assim Jon saiu com:

- O que aconteceu depois que se deu conta de que não podia me matar?

E retomamos minha vida a partir de abril.

CAPÍTULO 32

Sinclair estava me esperando em meu quarto quando retornamos das compras. Saudei-lhe com um chiado, "Não olhe, não olhe!", enquanto me apressava a levar minhas sacolas cheias até meu armário, lançando-as dentro, e me apoiava na porta.

- Atrevo-me a supor que comprou um presente para mim depois de minha terrível infração de ontem à noite?

- Se está admitindo que foi um imbecil, não vou discutir isso, mas me senti melhor contigo depois de que estrangulasse minha irmã até a semi-inconsciência. O que posso dizer? Sinto debilidade pelas coisas antiquadas. – Me dei conta de que em realidade não tinha respondido a sua pergunta pelo que adicionei. - A coisa que tinha encarregada finalmente foi retirada, isso é tudo. Não imagine coisas.

- Esteve com Jon então?

Gemi miseravelmente e me sentei na cama para tirar os sapatos.

- Vamos, Eric! Não comece com essa merda outra vez, quer? Estava também com Laura, mas isso não significa que fora um ménage.

- Acredito que quer dizer que não foi a três. - corrigiu. - E não começava com essa merda outra vez. Minha irritação com Jon agora se estende muito além de suas intenções românticas.

- OH sim? Deus, as coisas que passam pela mente de uma pessoa. Que fez agora, começar outra vez com sua antiga merda? Os B estão ativos outra vez?

- Não. Mas suas atividades atuais são igualmente perigosas para ti. A história de sua vida não é apropriada para ser publicada, em nenhum lugar.

- Mas é uma brincadeira! Está fazendo se passar por ficção, uma graciosa idéia para um projeto de aula. A piada é que se supõe que se trata de uma pessoa verdadeira, e alguns de nós sabemos que assim é, mas todos outros acreditam que...

- Sou consciente do propósito da “brincadeira”, que é o que ele me faz desejar fazer, por certo.

- Mas Sinclair! Isso era... me atreverei a pensar na palavra... uma brincadeira? Um conto? Uma história cômica? Tem febre, náuseas, câibras?

- Além disso, suspeito que maquinou tudo isto como uma desculpa para permanecer perto de você.

Suspire e coloquei meus sapatos no armário, rápido, para que Sinclair não visse dentro das sacolas.

- Elizabeth? Espero sem fôlego seu comentário.

- O que posso dizer? Talvez sim. Talvez seja um pouco estranho que de todos os projetos nos quais poderia ter pensado, o que escolheu é o que lhe faz me seguir a todos lados e me fazer perguntas.

- Ah! - Olhou-me com um gesto aprovador.

- Céus, Sinclair, não sou um gênio, mas também não estou em coma, outros tipos gostaram de mim antes; reconheço os sintomas, pobres bastardos...

- Sim - disse ele. - Somos uns pobres bastardos.

Não soube que responder a isso, assim continuei com minha linha de pensamento.

- Não sei. Talvez sinta lástima por ele. Possivelmente pensei que lhe devia um descanso. Veio de tão longe e basicamente conseguiu que lhe pisoteassem o

coração. E a única razão pela qual deixou de estacar vampiros foi porque gosta de mim. Senti que devia ser... não sei...

- Magnânima na vitória?

Estremeci.

- Claro que isso é o que acaba de sair disparado do extremo de sua língua, Sink Lair, que surpresa.

Notei que ele estava com sua postura habitual quando conversamos: com os braços cruzados, apoiando-se contra minha porta (as pessoas tinham a tendência de entrar depois de apenas um breve golpe ou pior ainda, nenhum golpe), com a cabeça inclinada a um lado enquanto escutava cada palavra que saía de minha boca. Tirei as meias três - quartos de lã e as atirei na cesta, mas ao menos ele não tentou afastar-se mais quando o fiz. Não acreditava que pudesse suportar outra vez.

- Quase preferiria que lhe tivesse aversão - comentou ele. - Os homens são capazes de levar às mulheres para sua cama usando nada mais que a pena.

- OH, certo! - Disse-lhe bruscamente. - Como se tivesse existido alguma mulher no universo que transou com você porque sentia pena!

- Tenho a esperança - disse ele, separando-se da porta e vindo até mim, de que haja ao menos uma. Comportei-me de forma abominável.

- Sim, foi um verdadeiro idiota - Olhei com receio. Isto era muito bom para ser verdade! Por não mencionar que a) nada tinha mudado, e b) Eu não era um grifo.

- Me alegro de que esteja arrependido, mas não posso deixar de estar irritada - estalei os dedos - assim de fácil. Não posso simplesmente acender e apagar.

- Devo rogar para que me perdoe - disse sério. Dei-me conta pela primeira vez de que seu cabelo... seu cabelo... estava desalinhado, como se não o tivesse penteado em horas. Isto era tão assombroso como se tivesse saído de casa sem calça. - Sei que quando fazemos amor..., é a natureza dos vampiros, suponho... somos... rudes... ocasionalmente, mas essa não é nenhuma desculpa para te assaltar.

- Tem maldita razão!

- Minha única desculpa...

- Ei! Acredito que havia dito que não tinha desculpa.

- É que me deixe levar pelo medo, o qual é uma nova experiência para mim. - Franziu o cenho. - Uma desagradável.

- Bem. - Zanguei-me e permiti que me abraçasse. Fez isso cuidadosamente, como se abraçasse um barril de serpentes. Um aberto por ambos os extremos. - Surpreendi-te. E não de boa maneira. Realmente não tinha intenção de guardar segredo tanto tempo, e não queria soltar dessa maneira.

- E se desculpou, em várias ocasiões, por isso.

- Sim, fiz, então o que? já não está preocupado por isso?

- Sendo “isso” a forma espantosa e intimidante como pode entrar em minha cabeça durante nossos momentos mas íntimos, enquanto que você mesma segue sendo uma porta bloqueada para mim?
- Bem - lhe grunhi - se ficar dessa maneira, qualquer coisa que diga vai soar mau.
- Então me afrouxei e lhe beijei no queixo. - Ah, vamos. Não era uma virgem quando te conheci, e de certo modo eu gostei desta “primeira vez” contigo. Ajudou-me... ajudou-me a decidir muitas coisas. Uma coisa importante, este outubro. Quero dizer, você sabia que ia permanecer contigo para sempre, ou ir embora para sempre, verdade?
- Ummmm - disse, porque estava farejando em minha garganta. Joguei-me um pouco para trás, e me beijou de modo tranquilizador no mesmo ponto onde tinha mordido na noite anterior. Havia, claro, sarado perfeitamente, mas não podia evitar me sentir nervosa.
- E parte da razão pela qual decidi ficar foi porque, em minha cabeça pelo menos, não foi oculto e estranho.
- Levará um certo tempo - disse ele, abrindo caminho por meu decote, o que foi tão maravilhoso como um sonho.
- Tempo? - Ri e segurei sua cabeça. - Carinho, sendo tão rápido em revisar o livro por cada pequena coisa, se esqueceu de que estaremos grudados um no outro durante mil anos?
- Qualquer coisa que diga vai soar mal - disse ele, me elevando e me atirando sobre a cama - quando se coloca dessa maneira.

CAPÍTULO 33

Tinha subido para um beijo depois de passar uma quantidade desumana de tempo entre minhas pernas, e eu estava tentando averiguar se poderia morrer, sim, morrer, com um orgasmo. Parecia provável. Também parecia uma grande maneira de ir-se.

Pode me ouvir agora?

- Sinclair, não estamos fazendo um anúncio de telefone móvel neste momento! - Grunhi. - Agora pegue essa coisa e coloque isso em mim e nos preocupemos com outras coisas! Qualquer outra coisa!

Mas pode... pausa para empurrar. Gemi quando entrou, quando se enterrou em mim, quando pude senti-lo por todas as partes... *me ouvir.*

- Sim - Gemi. - Ouço.

E quando penso no quão preciosa é para mim, e quão perto estive de romper as costas de sua irmã quando vi a espada entre seus peitos, pode ouvir isso também?

Retirando-se agora. Era estranho, ter uma conversa assim. Sobre isto. Mas eu não era nada além de adaptável.

- Sim, Ouço.

Esta bem, então. Posso viver com isto.

- Isso não é nada, - queixei-me - comparado com o que tenho que suportar.

- Li sua colunas, - disse depois.

Gemi e me escondi entre as mantas. Depois de alguns segundos me buscando, encontrou-me e me puxou.

- Ahá! Estive dizendo isso em minha cabeça durante mais de um minuto, inutilmente. Assim realmente é só durante...

- Disse isso a você. Temos que voltar a reviver cada briga, todo o tempo? E não quero ouvir o relatório editorial sobre minhas colunas.

- Eu gostei - continuou, sem fazer caso de minha ordem. Era minha imaginação, ou a prova de que eu não fosse uma telepática constante lhe animava? - Pareceu-me que tinham muito sentido, e é claro que causaria certo escândalo entre os mais velhos...

- Não são para os velhos. Esses tipos já decifraram todas as regras. Tenho que admitir, eu sou do tipo que consegue uma patada pelo que escreve.

- Talvez ver o lado mais suave da rainha apaziguará um apouco aos mais, ah, alguns dos vampiros que estão mais arraigados em seus costumes. Particularmente à facção européia.

- Eu não tenho nenhum outro lado - admiti. Depois:- Facção européia?

- Sim, esse grupo de vampiros mais velhos que está considerando seriamente te derrocar.

Incorporei-me.

- O que?

- Alguma vez se perguntou por que fui repentinamente para a França no outono passado?

- Claro que sim, mas, nessa época estávamos, eu estava resolvida a não demonstrar muito interesse em suas atividades porque continuava zangada contigo por ser um monstro trapaceiro, e esta é a classe de coisas sobre as quais estive falando!

- Mas lhes persuadi a não rebelarem-se - disse, mostrando-se totalmente desconcertado. - Resolvi o problema para você.

- Primeiro, por que não podem meter-se em seus próprios assuntos? Podem preocupar-se com eles mesmos, e eu posso me preocupar comigo. Jesus!

- Porque matou a dois vampiros importantes em três meses, um deles o líder. - Explicou ele. - Era um assunto inquietante.

- E em segundo lugar, Por queeeeeee foi secretamente lá e logo não disse nenhuma palavra sobre por que foi até lá e nem sobre o que aconteceu quando voltou? Em troca disse “Sinto saudades, Betsy, por que não se deita comigo?”

- Senti sua falta - assinalou. - E me perguntava por que não compartilhava minha cama. Ou vice versa - adicionou, abaixando o olhar a meus lençóis verdes de flanela.

- Mas disto é do que estou falando! - Enterrei-me entre meus lençóis como um verme. - Não pode me ocultar esta merda!

- Mas resolvi - disse. Honestamente, estava totalmente desconcertado. Sem dúvida perguntando-se por que eu não estava de joelhos lhe beijando os pés de pura gratidão. Homens!? Resolvi o problema. Não havia necessidade de te incomodar com nada disso.

Lutei para não estrangulá-lo até lhe tirar toda a merda vivente...

- Mas era um problema meu?

- Você não me falou de sua... telepatia ocasional...

- Isso foi algo totalmente diferente. Algo que não podia evitar, e que todo o tempo tive intenção de te contar, e finalmente o fiz, e entendi por que estava mal não lhe dizer isso e seguimos adiante! - Estava me mexendo daqui para lá, envolta em meu edredom. - Isso não foi escapulir para a Europa.

- Eu nunca escapulo - disse o friamente.

- OH, amigo, você inventou o de escapulir-se!

- Sabia aonde ia e soube quando voltei.

- Semântica! E hei aqui a pergunta, damas e cavalheiros...

- Com quem fala quando faz isso?

- Por que não me levar? Huh? Iam derrocar-me, por que não me deixar ir e advogar sobre meu caso?

Abriu a boca. Não saiu nada. Ou o havia encantado com minha sólida lógica, ou não queria me dizer que tinha pensado que eu colocaria o assunto a perder. Fosse como fosse...

- Foral!

- Está bem - disse brandamente, saindo da cama - Mas foi você que estabeleceu seus termos de me mudar de uma vez, ou me largar...

- Sei o que disse! - chutei o edredom com raiva. - Isso não me importa agora! Se olhar para você outro segundo vou... te chutar as bolas!

E agora vá embora!

Se foi.

CAPÍTULO 34

- Espera um momento, espera um momento. - Jéssica fez o gesto de tempo morto. – Reconciliaram-se depois de uma briga, mas agora brigaram outra vez? Assenti miseravelmente.
- Crianças. De verdade. Realmente acredito que deveriam se casar... falando de nervos antes do casamento! Estão destroçando um ao outro!
- Talvez meu pai possa ajudar, - sugeriu Laura. - Aconselhou muitos casais antes de seu dia especial.
- OH, Perfeito. Podia nos ver a Sinclair e mim sentados no escritório do sacerdote.
- Obrigado de todos os modos, Laura.
- O que está fazendo você aqui? - exigiu Jess. Sentia ciúmes de qualquer mulher que passasse muito tempo comigo, incluído meus familiares. Não tinha ido embora?
- Tive que dar de comer a George outra vez, - retirou a manga de seu casaco com desânimo para nos mostrar a mordida e a carne avermelhada. - Agora já está curado, mais ou menos.
- OH. Bem, bom trabalho. - Tentei sorrir de forma alentadora, mas foi um sorriso bastante tirante. - Não lhe mate ainda. Imagine que isto é um aprendizado para ti. Etcétera. Hora de voltar para meus problemas: Pode acreditar neste idiota?
- Bom. Foi para Europa para te proteger de um grupo de velhos e medrosos vampiros e impedir que viessem aqui e lhe matassem - indicou Jess.
- Você só gosta dele porque seus cheques para o aluguel nunca são devolvidos.
- Não, mas francamente, vejo outra vantagem... independente do que seja... se superarem isto, superarão tudo.
- Me desculpem, - disse Cathie, justo perto de meu ouvido, e derramei o chá, soltando um grito. - Mas se formos falar dos problemas de alguém, falemos de meus.
- Há um fantasma no quarto, - expliquei a Laura e Jess.
- OH, carinho. Outra vez não. - Jess não acreditava em fantasmas (Irônico, para alguém que convivia com vampiros). Sem importar o que eu fizesse, era incapaz de conseguir vê-los. Se só...
- Eu vou embora. - Jess se levantou, deixando a xícara e o prato na pia, na hora que Laura abria a boca. Sacudi a cabeça, e esperamos em silêncio até que Jéssica partiu.
- O que quer? - perguntou Laura em um sussurro.
- Posso ouvi-la bem - exclamou Cathie.
- Ela também pode te ouvir - traduzi. - É a última vítima do Assassino do Caminho de Entrada.
- A que estão procurando, a Senhora Scoman?

- É que há outra? - gritou Cathie. - Maldição, maldição! Por isso estou aqui, flutuando neste esgoto, tentando que me dêem atenção! Isto é o que tentava evitar! Maldito filho da puta de merda!
- Bom, não grite – Tampei o rosto com as mãos e tremi durante um minuto. - Está como louca porque há outra vítima.
- Bom... outra mulher desaparecida. Foi raptada na rua ontem à noite, já deram o alarme. - Laura tentava obviamente animar à mulher morta, a qual não podia ver nem ouvir. - Em realidade não encontramos, um, nenhum morto.
- Então vamos pegá-lo! Agora mesmo!
- Quer ir atrás do tipo mau, - disse a Laura.
- Pois claro que sim! Verdade Senhora Robinson?
- Sim, sim, vamos!
- Esperem, esperem, esperem. Cathie, meio atravessava na parede, quando parou e me olhou. Laura, que meio passava pela porta, também parou.
- Aonde acham que vão? Sabem onde vive? Quão único Cathie sabe é que foi golpeada na rua... isso não é precisamente muito. E tem uma ligeira idéia de que estava em 'uma casa velha' e que logo despertou estando morta. Temos que falar com Nick deste tema...
- Como? - perguntou Laura. – Claro, tem razão, devemos dizer ao poli, mas como explicaremos nossos "conhecimentos"?
- Poderíamos dizer que recebemos um bilhete anônimo.
- Que irá querer ver. - Laura parecia empenhada em encontrar inconvenientes. - Ao menos, sei que eu iria querer vê-lo.
- Uma chamada telefônica?
- E por que chamariam a ti? Ou a mim, já que estamos?
- Porque Jéssica sai com Nick?
- Poderia fingir que é uma vítima que escapou, - sugeriu Laura, - e logo lhes contar tudo o que te diz o fantasma.
- Isso não está mau, - disse Cathie - mas não há muito tempo. Como o fará? Ele não nos dará muita margem; tem medo.
- Medo de ser apanhado? - perguntei, distraída.
- Não, medo de nós. As vítimas. Matará esta noite e a jogará em algum horrível estacionamento público onde todos poderão vê-la nua e rirão.
- Ninguém... - comecei, impressionada.
- Não, mas isso é o que ele pensa. É o que quer. Agora podemos continuar com como explicaremos logo? Ao menos vamos para onde recorro que está a casa!
- Algum endereço, algo?
- Não, mas ao menos podemos inspecionar a zona. Talvez recorde algo. Vale a pena tentar, maldição!
- Tem razão, - disse depois de contar a Laura todo que Cathie estava dizendo. – Certo vale a pena tentar.

- Vamos, vamos, venha!
- Tem razão - disse Laura, e assumi que era uma resposta ao que eu havia dito, não porque pudesse ouvir Cathie. - Vale a pena tentar. Vamos de uma vez.

CAPÍTULO 35

- Má, má, má, má, má, má, má, mas muito MÁ idéia - disse outra vez.
 - Vire à esquerda, - ordenou Cathie desde atrás. - E basta de queixa. Estou farta de queixa.
 - Não somos policiais! De acordo? Neste carro está uma secretária, uma estudante, e uma treinadora de cavalos a meia jornada.
 - Teria sido uma jornada completa, - disse Cathie, - "mas agora estou morta, assim que o folgado do Gerry vai se arrastar para me levantar o posto.
 - Deveríamos ter contado isto a Nick e que tivesse entrado no bairro com, mais ou menos, nove equipes da SWAT.
- Sem esquecer quão difícil seria lhe explicar a situação, - começou Laura.
- Claro, e espantar o assassino com um grupo de uniforme que correm pelos arredores! - exclamou Cathie. - Não, temos que agarrar a esse bode. O Assassino do Caminho de Entrada... Imbecil do Caminho de Entrada diria eu. À esquerda!
 - Resulta-te familiar? - perguntou Laura.
 - Não, Mas não posso esquecer seu fedor. Pestilento como nenhuma outra coisa.
 - Tão mal cheirava o tio?
 - Não, ele, não, o bairro. Substâncias químicas suponho, como...
 - Uma fábrica, como "Refinarias Glazier"? - Tinha visto o pôster ao passar. Tinha umas duzentas chaminés, e jogavam uma fumaça que cheirava a pizza podre.
- Cathie sentiu náuseas na parte de atrás. Poderiam vomitar os fantasmas? Tratei de não me despistar. - Suponho que esta é a área.
- Deus, esse aroma! Como pôde a polícia não cheirá-lo em minha... maldição, porque nos banha e logo se desfaz de nós.
 - Ainda assim, qualquer um pensaria que haveria alguma pista, - disse duvidosamente.
 - Isto não é CSI, - interveio Laura, olhando pela janela. - Não é que eu veja a série... uma hora em que a gente pode averiguar novos e interessantes modos de matar uns aos outros?... Não, obrigado. Mas isto é a vida real, não a televisão. E esta é uma cidade enorme. Milhões de pessoas, fazendo milhões de coisas, em uma área gigantesca. Vivi aqui toda minha vida, e nunca tinha ouvido falar deste sítio. Acredito que quando o pegarmos será óbvio o que fazia e onde as seqüestrava, mas primeiro devemos capturá-lo.

- Certo, certo! Garota, acredito que estamos de acordo...
- Eu não disse que estou de acordo com nada, - disse Cathie.
- ... em que esta é uma missão de investigação. Não devemos atacar o tipo. Precisamos algo concreto para atrair a Nick e logo a poli pode vir a detê-lo. Estamos só farejando para encontrar pistas.
- E se o encontramos atacando a uma mulher com uma grande faca de açougueiro? - perguntou Laura.
- Na verdade, - interveio Cathie amavelmente, - prefere nos estrangular. Com seu cinturão.
- Estremeci.
- Pondo ele em evidência, o pegaremos. Não se preocupe, Cathie, Laura e eu somos muito capazes de nos ocupar desse tipo e chamar à polícia. Distrairei ele deixando que me apunhale por um momento e logo Laura lhe chutará. Utilizaremos um telefone público para fazer uma chamada anônima. Se a Senhora...uhh...
- Scoman. É realmente péssima com os nomes, - repreendeu-me Laura brandamente.
- Sei. De todos os modos, se tiver que ser levada para o hospital, faremos isso. Podemos... olhem, estamos colocando o carro antes que os cavalos. Vamos ver se podemos encontrar a maldita casa primeiro.
- Tirou o cinto e me estrangulou até que eu morri. - Chocou-me ao ver que Cathie se escapuliu e sussurrava ao ouvido da Laura. - Fez isso porque é fraco e porque tem medo das mulheres. E depois de morrer, me tirou a roupa e se burlou de minhas tetas.
- Cathie! Quero dizer, Jesus, não digo que não tenha direito, mas que coisa!
- O que? - Cathie pegou meu espelho retrovisor outra vez. - Não disse nada. Só olho as casas.
- Esta vez a ouvi! - disse Laura excitada. - Sobre suas tetas e isso. Acredito que consegui um novo poder!
- Não, - disse me dando uma patada mental por ter pensado que esta situação não poderia piorar. - Acredito que sua mãe está por aqui.
- O que?
- Surpresa, - disse Cathie e sorriu.
- Mãe! - Laura se retorceu no assento e fulminou com o olhar o diabo. - Posso fazer isto sem sua ajuda!
- Estou segura de que pode, - continuou o diabo com a voz de Cathie, sorrindo com a cara de Cathie. - Mas por um momento me pareceu que fosse tomar a saída de covarde. Deixá-lo inconsciente e esperar à polícia... - O diabo revirou os olhos. - Isso é simplesmente patético.

- Vai para o inferno, - resmungou Laura entre dentes,e... não tinha certeza de como fez isso no assento de passageiro de um Dodge Stratus... tirou sua espada e atravessou a Cathie com ela. Quem rapidamente a repreendeu,
 - Que demônios acha que está fazendo, puta asquerosa?
- Laura me olhou.
- Está falando de novo?
 - OH, sim.
 - Bem. - A espada desapareceu. Laura voltou a se virar. Ninguém disse nenhuma palavra durante 6 quilômetros.

CAPÍTULO 36

- Sua espada interrompe a magia, - comecei, porque alguém tinha que dizer algo.
 - Sim.
 - Então, por que não matou Cathie?
 - Não sei. Só matei alguns vampiros com ela. Tentei matar a um homem lobo uma vez, mas só se transformou em uma mulher. Estava tão assustada que fugiu e nunca a voltei a vê-lo.
 - Há homens lobo? - Perguntou Cathie. - De verdade?
 - Tem que estar zombando de mim, homens lobo. Como se não tivesse suficientes problemas com os que tratar. - Estava fodida.
 - Foi só uma vez, - atacou Laura. Tenho certeza de que nunca se encontrará com eles. Talvez porque são mais escassos que os vampiros.
 - Rezemos por isso. Cathie, o que te parece este lugar?
 - Só vi a casa por dentro, - desculpou-se. – Lembro de como era por dentro... e o aroma do lugar. isso me lembro.
 - Ah, algo é algo. - Laura apontou para uma casa ao final do caminho. Estava pintado de marrom escuro. O caminho de entrada e as calçadas tinham sido arrumados com esmero.
 - Ali - sussurrou Cathie, inclinando-se para adiante de modo que sua cabeça apareceu entre os assentos dianteiros.
 - Como sabe? Cathie, soou o sino?
 - Pelo aroma. Como sabe?
- Laura suspirou, um som terrível, olhou a pouco agradável casa do mesmo modo que eu olharia a um pederasta.
- É uma casa negra? Toda negra, até as calçadas? Até a neve ao redor?
 - Não, - respondemos Cathie e eu ao unísono.
 - Pois me parece negra - disse Laura simplesmente.

CAPÍTULO 37

- Olá, Eric? Sou Betsy. Escuta, não alucine, mas Laura e Cathie... não importa, é uma história muito longa... de todos os modos, acreditamos ter encontrado o lugar onde vive o Assassino do Caminho de Entrada, assim vamos comprovar. Estamos no 4241 do Treadwell Lane em Minneapolis. De todos os modos, quando ouvir isto, nos chame. Vou ter que desligar o celular, assim poderemos nos mover sigilosamente se nos encontrarmos com o assassino, assim não se preocupe se não responder. Bom, te cuide, adeus!

- Já está contente? - exclamou Cathie. - Pode levantar o traseiro e me ajudar, ou tem que fazer alguma outra chamada mais?

- Ouça, você já viu filmes de terror. A heroína nunca diz a ninguém aonde vai... coisa que me enche o saco. Ou se lembra que leva um celular, está sem bateria. Ou não tem cobertura.

- Ou seu noivo está chamando pela outra linha e não responde a suas chamadas, - apontou Laura amavelmente.

- Você se cale. E guarde essa coisa no bolso a menos que precisemos.

- Melhor não precisar, - disse enquanto estacionamos em um par de edifícios na frente e saímos do carro. - Isto só detém a magia; não funciona com as pessoas normais. Com humanos, quero dizer.

- OH.

- Estive tentada a perguntar, - sussurrou quando nos aproximávamos sigilosamente da casa e Cathie atravessou apressadamente (literalmente) vários bancos de neve enquanto nos rogava que nos déssemos pressa, rápido, rápido, rápido! - Agradeço a Deus cada noite não ter te feito mal, mas, uh, por que não te fez mal minha espada? Deveria te haver matado.

Encolhi os ombros.

- Não tenho nem idéia, boneca. Mas cada coisa a seu tempo.

- OH. De acordo.

- Agora se lembre, - sussurrei enquanto espiávamos pela janela dianteira. Fatos. E se a mulher esta aqui salvaremos ela.

- E se não houver nenhuma mulher, só o tipo mau? - perguntou Laura.

- Poderá lhe reconhecer, verdade? - perguntei a Cathie.

- É claro que sim.

- Bem, bom, pois então nos retiremos e chamemos os meninos bons e esperemos até que estejam aqui.

- E se vai embora antes que...

- Cada coisa a seu tempo, certo? Não sabemos se tem alguém na casa.

- Na sala de estar não há ninguém, - observou Laura.
 - Um minuto, - disse Cathie, e revoou para a janela. Escondemo-nos (a plena vista no jardim dianteiro), nos sentindo como idiotas (ao menos eu sentia) enquanto ela inspecionava a casa. Surgiu da garagem e nos disse. - Não está aqui. Mas há uma mulher no porão!
 - Abre a porta da garagem, - sugeriu-lhe Laura.
 - Tudo está fechado, - exclamou Cathie.
 - Estou segura de que se tira... - comecei.
 - Mas garotas, - protestou Laura, - se fizermos isso o verás!
 - E a quem lhe importa? Você dê um jeito para que leve um susto de morte. Talvez lhe ocorra fazer alguma estupidez.
 - E talvez fuja e não lhe apanhemos.
 - Está bem, não podemos deixar sozinha a pobre mulher aí abaixo na escuridão pensando que vai morrer.
 - Maldição, Correto ! - disse Cathie - Uma de nós rompe algo e entra ah! O único eu posso fazer é flutuar por aí e fazer buuuuu. Por Deus Bendito!
- Agachei-me para agarrar um dos tijolos que estavam na calçada e o joguei na janela dianteira. O ruído foi tremendo. Por não mencionar o desastre. Cathie e Laura me olharam, impressionadas.
- Talvez pense que foram alguns meninos. - Era absurdo, mas era tudo o que me ocorria. - Possivelmente pense que a polícia não virá porque quebraram uma janela.
 - OH, muito boa. - Cathie se afastou flutuando aprovadamente, e Laura se levantou com cuidado e entrou na sala de estar.
 - Cuidado com o vidro, - adverti e logo me cortei com um e blasfemei. Por sorte, o sangue fluiu como sempre: escassamente.
 - Aqui embaixo! - gritou Cathie, e se dirigiu como uma flecha a uma porta de madeira que estava fechada.
- O mais gracioso era que me estava acostumando ao aroma da refinaria... tínhamos estado conduzindo por todo o bairro durante vinte minutos, depois de tudo. Mas Cathie tinha razão, eclipsava qualquer outro aroma. Se matava as mulheres no porão, não se podia cheirar da cozinha. Nem sequer podia cheirar a cozinha da cozinha.
- Laura e eu nos apressamos escada abaixo, escadas que eram como era de supor, escuras e misteriosas até que Laura encontrou o interruptor. As luzes fluorescentes piscaram, e no canto mais afastado, pudemos ver uma mulher com o cabelo loiro sujo, curto, amarrada e amordaçada com fita isolante. Seu aspecto em geral era, devo dizer, um verdadeiro desastre.
- Já! - gritou Cathie, atravessando a chaminé e flutuando ao nosso redor. - Disse isso, disse isso!

- Tudo vai bem, - disse Laura, aproximando-se da mulher. Agora está a salvo. Er, isto poderia picar um pouco. - E arrancou a fita da boca da mulher. É como com depilação, - explicou-lhe. - Não pode fazê-lo pouco a pouco.
- Voltará... para me matar... - ofegou a Senhora Scoman (suponho que era a Senhora Scoman). Disse-me que... ia usar seu amigo especial... e me matar... - Então se inclinou e vomitou sobre os sapatos da Laura.
- Não passa nada, - disse-lhe Laura, acariciando à aterrorizada mulher. - Teve uma noite difícil.
- Se esses tivessem sido meus sapatos, - resmunguei a Cathie, - seria incapaz de ser tão agradável com ela.
- OH, sua irmã é um monstro, - disse-me Cathie, minimizando o incidente dos sapatos com um ondeio da mão. - Só a conheço há um par de dias, e já averigüei isso.
- É diferente e encantadora, - disse na defensiva, - mas isso não a converte em um monstro.
- Confia em mim. Ter sido assassinada por um, faz-te reconhecer aos de sua classe.
- Retira isso! Não pode pôr no mesmo saco a alguém como Laura e ao crápula do Caminho de Entrada.
- Vamos parar as duas com isso? - Exclamou Laura, lutando com a fita. - Estão assustando a pobre Senhora Scoman! E não pertencem ao mesmo grupo que o Crápula do Caminho de entrada
- Eu só quero que me tirem daqui, - gemeu Senhora Scoman?. Quero sair daqui. Me desate os pés, não me importa levar as mãos atadas, posso correr com elas assim.
- Então o ouvi.
- Partindo - disse a Laura. - É... temos que ir já.
- Cathie se lançou para o teto.
- O que? - perguntou-me Laura.
- Comecei a rasgar a finta com pequenos puxões, complicado porque não queria ferir a Senhora Scoman.
- Ouvi a porta da garagem. - afirmei.
- Cathie desceu em picado até o porão.
- Voltou! E garotas, está irritado, está murmurando sobre os malditos meninos de acolhida, seja o que for que signifique isso.
- Depressa, - sussurrou-nos a Senhora Scoman.
- Por favor não vomite em cima de mim. Se o fizer mais rápido ou mais forte, poderia te romper os ossos das mãos.
- Tanto faz! Os pés! Quebre os pés! Corta se for necessário, mas me tirem daqui!
- Carrie? Tem a algum amigo aí abaixo, Carrie?
- Ah, magnífico, - resmunguei. - O previsível assassino arrepiante chegou.

Cathie apontava para o homem... eu não podia lhe ver porque nos encontrávamos escada abaixo e junto a elas... que descia as escadas.

- Chegou sua hora, filho de puta, - foi como lhe saudou ela, e maldição, gostava do estilo desta mulher.

- Por que a ninguém lhe ocorreu trazer uma faca? - perguntou Laura ao ar.

- Droga, porque somos a maldita rainha dos vampiros e a filha do diabo, e não precisamos facas. A menos que, é obvio, o tipo mau prenda a suas vítimas com fita adesiva Então estamos fodidas. - Ah! Por fim consegui lhe soltar os pés e me dediquei às mãos. Como teria que passar na frente do assassino para fugir, empurrei-a de barriga para baixo quando tentou levantar. - Está bem, - disse-lhe. - Daremos cobertura. Realmente somos o leite... não importa. Tiraremos-lhe daqui a um minuto.

O assassino se virou e entrou no porão. Viu-nos. (Bom, a maior parte de nós... à exceção do Cathie.) Por um momento pareceu assustado, mas se recuperou rapidamente.

- Carrie, disse-te, que nada de amigos em dia de colégio

- Meu nome não é Carrie, - sussurrou a Sra. Scoman. Não olhava o assassino.

Cathie lhe atravessou o peito e permaneceu de pé dentro dele.

- Crápula. Bode. Tirano. Bicha, - gritava-lhe desde dentro de sua própria cabeça. - Perdedor. Virgem. Imbecil. Cabeça de bagre. Deus, o que daria para ser corpórea agora mesmo!

- Está subestimando - resmunguei.

- Não posso acreditar que a última coisa que vi foi a cara deste perdedor.

- Vocês não são meninas de acolhida, - disse o assassino psicopata, que parecia realmente perplexo, - acreditava que os meninos do final do bairro tinham quebrado de novo minha janela.

- Bingo, - soprei. O que disse? Hein?

- Sim, na verdade foi uma boa idéia, - confirmou Cathie. - E porquê não estamos chamando à polícia neste mesmo segundo?

- Por que matou a aquelas mulheres? - perguntou-lhe Laura, da mesma maneira que perguntaria a alguém por que comprou um carro vermelho em vez de um azul. - Por que sequestrou à Senhora Scoman?

- Porque são minhas, - esclareceu-nos, como se estivesse falando de sua última camisa. Tudo estava sendo muito civilizado e distendido, o qual me aterrava como o inferno. Eu podia cheirar os problemas. Não era um grande talento, considerando as circunstâncias, mas me punha nervosa como um gato escaldado.

- São todas minhas. Carrie esqueceu, assim tenho que recordar-lhe.

- Psicopata! - tossi em meu punho.

- Realmente você... - começou Laura e logo teve que tentar de novo, - realmente não as estrangulou até morrer e logo riu delas depois de despi-las?

- Laura, está louco. Não vai conseguir uma resposta lógica. Olhe!

Infelizmente, olhá-lo não ajudava muito: parecia um advogado. Agradável camisa de trabalho azul, limpa. Calças claras. Sapatos mocassins. Não parecia absolutamente um maluco com a baba pendurando.

Então, ele disse.

- É que quando lhes tira o sutiã, descobre que não ocultavam nada maravilhoso. Não me importa que mintam sobre todo o resto, mas diga a verdade sobre suas tetas, é o que meu papai costumava dizer. De outro modo, é como mentir.

Para então, é obvio, já estava morto, porque Laura se agachou, recolheu um tronco do montão da chaminé, e lhe partiu a cabeça pela metade. Eu gritei. A Sra. Scoman gritou. Inclusive Cathie gritou, mas acredito que isso foi de felicidade. Eu não. Eu estava no Inferno. E acredito que a Sra. Scoman opinava como eu.

CAPÍTULO 38

Utilizei meu poder de vampiro para convencer à Senhora Scoman de que tinha conseguido escapar e não tinha nem idéia de por que estava morto o assassino, ou quem o tinha matado. Recordei-lhe que desse a direção do assassino a Nick e às forças da lei. Pensamos que estaria bem... o sangue do assassino não a havia tocado. Estava todo sobre a Laura.

- Certo – disse de caminho a casa. - Estou um pouco preocupada.

- Perdi o controle - disse Laura, olhando pela janela. Sou a primeira em admitir.

- Monstro - cantou Cathie do assento de atrás.

- Isso é outra coisa - disse bruscamente, olhando pelo espelho retrovisor. - Supõe-se que desapareceria e estaria no céu ou onde quer que seja depois que soluciono seus problemas.

- Sim, sei, mas eu gosto disto.

- O que?

- Isto. – Ondeou suas mãos seus fantasmagóricas através de minha cabeça. Estremeci, e o carro chacoalhou. Fui enganada? Repete comigo: vida prometedora cortada muito cedo.

- Sim, mas... - fiz uma delicada pausa. - Está morta. É o momento de seguir adiante.

- Olhe quem fala. Além disso, ajudei, verdade? Pude entrar na casa enquanto vocês estavam de pé fora na grama como idiotas. Acredito que poderia ser muito boa nisto. De qualquer forma, acredito que ficarei por aqui.

- OH, Cristo!

- O que?

- Bem-vinda a bordo! - Disse com falso entusiasmo.

- Ainda está aqui? - perguntou Laura. - Isso é estranho.
 - Não trate de mudar de assunto! Assassinou a esse homem. Só estava ali de pé, e você lhe matou!
 - Matou-lhe bem - coincidiu Cathie. - Como uma grande barata loira de motel. É um monstro, mas neste momento estou totalmente apaixonada por sua irmã.
 - Você fique fora disto.
 - Se pensar nisso, todo o assunto é um pouco minha culpa - confessou Cathie
 - Não importa! Laura, em que estava pensando?
 - Em que estava muito, muito, muito, muito zangada. E me deprimiu saber que estaria caminhando por aí respirando o mesmo ar que meus pais?
- Pontos concedidos por honestidade, ao menos.
- Laura, a coisa é assim. Não sei se está tendo um mau mês, ou se estão se cumprindo certas profecias, ou o que, mas tenho que admitir, estou preocupada. Certo? Quero dizer, sou um vampiro e não ando por aí... Certo, posso fazer, mas isso é algo completamente diferente.
 - Sei que esteve mal - disse Laura, me olhando com seus francos olhos azuis? Mas tem que admitir, que depois de hoje, lhe vai ser difícil tirar o cinto e estrangular a alguma outra mulher. Não é assim?
- Quase sorriu, e foi um brilho verde o que vi em seus olhos?
- Decidi que era minha imaginação.
- Antes que pudesse seguir com o assunto... não é que tivesse a mais ligeira idéia do que dizer, não exatamente tendo a moral pelos chãos... o Mustang azul que vinha detrás de mim piscou as luzes duas vezes. Logo golpeou diretamente contra meu pára-choque, e meu telefone celular vibrou.
- Multam as pessoas morta por velocidade? - perguntou Cathie
 - Esse não é um policial, é meu noivo.
- Cantarolei as primeiras linhas de *My Boyfriend's Back* e logo atendi o telefone.

CAPÍTULO 39

Eric, esta vez só se tratava de um tipo ordinário! Não é que fosse enganada por vampiros ou me apanhassem na metade de outro golpe de estado.

Ele pôs as mãos detrás das costas. Eu sabia por quê; era para não me estrangular.

- O que é esta aversão que tem em esperar minha ajuda?
- Não é aversão. O que passa é que nunca está perto quando te necessito. - Hum. Certo, isso soava melhor em minha cabeça. Ei, eu te chamei. Não é culpa minha que não respondeu ao celular.

- Estava disponível vinte segundos depois! É fisicamente incapaz de esperar menos de meio minuto?
- Bom, quase desejaria que o tivéssemos feito, porque o caso é... - rompi a chorar.
- OH, Elizabeth, não faça isso. - Embalou-me entre seus braços. – Estava te gritando? Não me desculparei por estar preocupado, mas quero esclarecer as coisas: estava preocupado, não zangado.
- Não é isso. Laura... matou ao tipo mau.
- E isso é..., mau?
- É como o fez. Ele nem sequer nos atacou nem nada. Só estava parado ali. E havia todas essas pilhas de madeira no porão, porque ele tem... tinha... Uma estufa de lenha, e ela se inclinou e pegou um grande pedaço velho de madeira, e simplesmente lhe deu com ele! E escutei o crack... Escutei como se rompia sua cabeça! Estremeci. - E seu cérebro... Sabia que o cérebro é rosado e vermelho? Não responda a isso - ordenei entre lágrimas. - E tudo saiu. E de repente estava... morto. E nem sequer lhe importou! Depois somente disse que tinha perdido o controle.
- Isso... - disse depois de pensar um momento, - é um bom motivo para preocupar-se. Devo admitir, que... fiz minha... minha cota de refugos na sociedade em meus dias. Mas Laura parece estar...
- Passando-se para lado escuro.
- Ou algo assim - estive de acordo. - Mas poderia argumentar que salvou vistas.
- Definitivamente poderia argumentar. Suponho que o Idiota do Caminho de Entrada tinha algo contra as loiras de cabelo curto porque quando era adolescente, essa garota chamada... não importa, é horripilante e estúpido ao mesmo tempo. E certamente conduzia seu carro por aí, procurando o tipo de garota adequado, que estivesse no lugar adequado, à hora adequada. Me diga como em um mundo cordato pode estar permitido que aconteça uma coisa assim. Poderia ter estado tirando a compra do carro dez minutos depois e não estar morta.
- Mas Laura e você estão em um mundo cordato - sugeriu ele - Corrigindo enganos.
- Em realidade não acredito que essa seja a tática que devemos usar quando falarmos com ela disto, certo? - Separei-me um pouco para poder olhá-lo nos olhos. - E vê isto? Como voltei direto a casa e lhe contei isso tudo e estamos discutindo como pessoas razoáveis que se falam um ao outro?
- Bom, eu te segui para me assegurar de que faria precisamente isso - admitiu.
- Isto, isto é o que fazem os casais C-O-M-U-N-I-C-A-R. Memoriza essa palavra, Sinclair. Pratica.
- Me considere castigado. - Embora, não parecesse que estivesse terrivelmente arrependido. - Voltando para tema de sua irmã....

- Não sei o que fazer. O que posso lhe dizer? Que matar está mau? É obvio que está mau, todo mundo sabe. Ela sabe também. O problema é que isso nos converte nos maiores hipócritas do mundo. Por não mencionar, que não é como se tivesse matado a uma menina exploradora. Fez ao mundo um favor. Então que lhe digo?

- Que a está vigiando - disse tranqüilamente. - Que todos a estamos vigiando.

- Acredito que desta vez escolherei a tática de “Estaremos aí para ti”.

- Qualquer das duas. Vêem aqui, carinho, sente-se. - Massageou meus ombros, e me sentei na cama. - Teve uma semana difícil, não?

- É minha nova pior semana de minha vida - choraminguei

- Bom, em honra a nossa nova política de “nos contar isso tudo” tenho notícias para ti.

Suspirei e apoiei a testa sobre seu ombro.

- E agora quem se morreu?

- O Star Tribune publicou sua coluna “Querida Betsy”.

- O que? - Sacudi a cabeça. - Só publicaram o que? Dois informativos? E acreditava que isso era impossível! Que alguém se fixasse no informativo!

- Ao parecer alguém o fez. Marjorie tomou o assunto em seus mãos. Rodarão cabeças, posso assegurar isso. É possível que literalmente. Suspeitamos que já seja um empregado do Tribune que é vampiro, ou um empresário humano se introduziu no sistema informático e a entregou a um repórter.

- Então o que... o que é o que vai acontecer?

- Felizmente, parece ser que a reação foi que não levaram a tomar a sério. O editor acredita que é uma brincadeira, os leitores parecem gostar, e os leitores vampiros mantêm a boca fechada.

- Assim só umas poucas pessoas na cidade sabem que é uma carta real dirigida a vampiros reais?

- Sim. E como a discrição de Marjorie está em jogo, está movendo céu e terra para encontrar o responsável. Imagino que em pouco tempo obteremos respostas.

- Bom... suponho que as coisas poderiam ter saído pior.

- Estão para ficar assim, asseguro isso.

Gemi e me deixei cair na cama.

- Todo este fiasco de nos dizer-absolutamente-tudo, agora me está castigando por isso, não?

- Querida, sabe que vivo para obedecer até seu mais pequeno capricho. Quando antes queria te proteger dos problemas de governar uma nação, agora vejo que é meramente minha forma torpe de te controlar. Bom, esses dias ficaram atrás! - declarou, sobre meus gemidos de horror

- Onde no passado senti que a discrição era a melhor parte do valor...

- OH, agora só lhe está inventando essa merda para me foder.

- ... agora tudo deve ser revelado, constantemente.
- Olhe, dou-me conta de que não me oculta coisas para ser cruel. Simplesmente não pode evitar.
- Ah, mas a partir de agora, conseguirei evitar.
- Entendo que acredite que resolver os problemas demonstra seu valor. Inalou forte.
- Eu não iria tão longe.
- Não pode evitar, está apaixonooooonaaaaaddo.
- Pare com isso. Iria dizer, que Jon transcreveu quase o primeiro capítulo inteiro de seu rascunho do pequeno livro contando tudo.
- Eu acreditava que ia ser, como, um artigo.
- Está se convertendo em um livro, querida. Trezentas páginas na última contagem.
- OH, ele te contou isso?
- É possível que pediu a Tina que se entrasse em sua agenda eletrônica - admitiu
- Genial! Bom isso não é nada novo, verdade?
- Dadas as conseqüências de que o Tribune ficasse com sua coluna...
- Que conseqüências? Acreditava que todo mundo tinha coincidido em que era uma brincadeira.
- ... peguei Jon a sós e lhe convenci de que nunca tinha escrito o livro, de que nunca tinha lhe ocorrido a idéia, de que nunca teve interesse na história de sua vida.
- OH, Jesus.
- Logo a apaguei.
- OH, Sinclair, OH, senhor – Coloquei as mãos sobre os olhos. - Isto é ruim.
- Pode prosseguir – disse - com os gritos.
- Tratei de manter a calma. Tinha-o feito por amor.
- Equivocado, estranho amor, mas amor. Está tratando de me proteger. De uma maneira estranha e equivocada.
- Bem, Eric, isso é ruim. Bastante ruim. E penso depois do que Jon fez por nós, penso que deve desfazer seu conjuro.
- Mas tive todo esse trabalho - e explicou pacientemente, como se eu não entendesse o que tinha feito - para me assegurar de que se esqueceria de tudo.
- E agora quero que lhe faça recordar! Olhe, entre outras coisas, não passará em sua aula. Realmente quer que ande por aqui abatido porque não passou em bio ou como demônios seja que se chame - E segundo, eu estive de acordo em fazer isto. Assim ao ter se intrometido e ter desfeito, faz-me ficar mau. Muito, muito mal.
- Olhou-me durante todo um comprido minuto.
- Admito - disse ao fim - que não tinha considerado nesses términos. Sua autoridade não deve ser escavada. Nem sequer por mim.

Especialmente por ti, mas esse era um tema para outro momento.

- Assim que o desfará?

- Tentarei – disse –. E com este espírito de sinceridade total, devo te dizer que não estou seguro de que funcione. Nunca antes tratei que desfazer um conjuro, como você o chama.

- O que, em toda sua vida nenhuma vez cometeu um engano?

Sorriu.

- Não, mas nunca ninguém me tinha pedido que voltasse atrás e tentasse retificar meus enganos. Nunca ninguém se atreveu.

- Provavelmente por isso tem esse problema de atitude.

- Provavelmente - estive de acordo, e me arrastou para seus braços.

Meneei-me até que estive com uma perna a cada lado dele.

- Não sei você, mas eu não comi em dias.

- Esteve ocupada - disse e logo gemeu quando encontrei seu zíper e abri-. Devo dizer que não acreditei que desfrutaria desta regra de total sinceridade que instaurou... Ah... não deixe de fazer isso...

- Não é gracioso - disse.

- Considere uma ordem de seu rei.

- Estou histérica de risada aqui.

Meneei-me para baixo, e enquanto o fazia tirei suas calças, e o despojei das meias três - quartos. Frenética, tirei seus boxers negros até que se converteram em pequenos farrapos de algodão, tomei seu membro em minha mão, tirei-o de meu caminho, e lhe mordi diretamente na artéria femoral.

Suas mãos se afundaram em meu cabelo e se fecharam em punhos, quase tão forte como para que doesse, mas não muito. Era tão bom nisso. Em chegar até o limite, mas sem transpassá-lo. Tratei de não pensar em toda a prática que devia ter tido para conseguir ser tão bom.

Seu sangue fresco, salgado quase transbordou minha boca, e pela primeira vez em dias, não estive morbidamente sedenta. Em troca bebi dele e senti seu pênis pulsar em minha mão, senti que se entregava, senti-lhe indefeso, literalmente indefeso em minha mão enquanto se derramava por todo o lençol, ao me entregar o controle.

Amo-te. Amo-te. Amo-te

E a pior semana de minha vida foi emendada.

CAPÍTULO 40

- Olhe, nem sequer tem que ir à floricultura, certo? Tenho um livro cheio de imagens para que veja.

- Querida, confio em seu impecável gosto. Estou seguro de que algo que escolha será apropriado para tão... adorável ocasião.

- Está mentindo! Acredita que tenho mais gosto!

- Tenho certeza - disse Sinclair, com a cara totalmente em branco - de que nunca utilizei essa frase.

Tina, que entrava na cozinha a procurar Deus-sabe-o que, deu a volta abruptamente.

- Alto aí! – gritei - Tenho um osso que cortar contigo também.

- Como posso te servir, minha Rainha? - perguntou, toda inocência. Quando queria, podia parecer uma menina de dezesseis anos.

- Que te parece não entrar dentro dos computadores de meus amigos e ajudando Sinclair a comer-se trezentas folhas? O que te parece isso?

Tina olhou para Sinclair, que repentinamente havia aberto novamente as cotações do Wall Street Journal. Não haveria ajuda por aí.

- Olhe, sei que é o homem do rei... er, é uma forma de falar... E que se sente como se não pudesse lhe dizer que não, mas...

- Não é isso.

- O que?

- Não é exatamente isso - se corrigiu. - Se posso ser franca, Majestade, não acredito que seu pequeno projeto de aula fosse de tudo apropriado. Você tem inimigos, sabe.

- Não me diga. – Olhe para os dois, os não mortos Frick e Frack.

- Refiro a inimigos Humanos. Por que lhes facilitar as coisas? Há uma diferença entre desonestidade e descrição.

OH, como se algum deles soubesse.

- Olhe, só deixe as coisas de meu amigo em paz, certo? Já falei com Sinclair sobre o tema, e vai desfazer esse assunto de “você tem muuuuuuuito sooooonho”

- Sério?

- Farei - disse Sinclair para o periódico

- O Amor - disse Tina, boquiaberta. - Realmente é uma coisa incrível de observar.

- Shush, Tina.

- Meu Rei. - Forçando um sorriso, agarrou o correio e se foi.

- No que a ti respeita. Nem sequer tem que escolher as flores que você goste, certo? Só escolhe as que detesta absolutamente, as que não pode nem ver, e me assegurarei de que no grande dia, essas não se encontrem perto de ti.

- Querida - disse, passando uma página - Diretamente, não tenho grandes e intensos sentimentos a respeito das flores.

- Mas se criou em uma fazenda! Deve ter algumas preferências.

- Querida, tenho pênis. Tanto não tenho preferências.

- Quando vão você e seu pênis a seguir o programa? - perguntou Jessica, entrando pela porta que acabava de sair Tina. - Só faz o que te diz, e tudo terminará muito mais rapidamente. Para todos nós.

- Boa forma de fazê-lo soar entretido, Jess.

- Não é entretido, Bets. Para ninguém exceto para ti.

Tomou uma cadeira e se sentou. Eric estava olhando-a com certo interesse.

- Ao fim - disse. - Alguém o diz em voz alta.

- Eric, esteve planejando este casamento desde que estava na sétima série. Juro Por Deus. Estava acostumada a levar a revista Brides à sala de aula, e mostrava o vestido, o smoking, o bolo, as flores. Inclusive tinha o nome de seus filhos. Ainda o faz.

Ei, ei -protestei?. Não olhei um exemplar do Brides em anos. Um ano. Seis meses. Olhe voltemos para o assunto, está bem? Sinclair? Está bem? Está pálido, inclusive tratando-se de ti.

- Não, não estou bem. - Arrumou para sorrir. Tinha parecido algo assim como aterrorizado enquanto Jéssica expunha as coisas. - Já se deu conta, que depois deste... casaento... também será Sinclair.

OH... Deus... Meu... até agora tinha dado um jeito de manter esse enorme problema fora de minha cabeça. Tinha sido fácil, com meu radar ocupado com fantasmas e policiais e assassinos em série. Mas agora, havia regreeeeessado, ameaçador em minha cabeça como uma enorme flor morta. Por um segundo fiquei totalmente horrorizada. Logo me recuperei.

- Não, não o serei. Conservarei meu nome.

- Não, não o fará.

- Como o inferno que sim!

- Uh... OH - murmurou Jéssica

- Se eu tenho que passar por esse pavoroso evento, o menos que pode malditamente fazer é ser a Senhora Elizabeth Sinclair.

- O que significa pavoroso? - perguntei suspicaz.

- Feliz - disse Jéssica.

- Ah. Certo. Olhe Sinclair, dou-me conta, de que tendo um milhão de anos, não possa evitar ser um antiquado asqueroso porco chauvinista. Mas simplesmente neste caso terá que superá-lo, porque se por acaso não notou, estamos no século vinte e um, e as mulheres não têm que inundar suas identidades baixo as de seus maridos.

- A verdadeira razão para casar-se - começou Sinclair -, é... - se interrompeu e inclinou a cabeça para a esquerda. Jéssica deu a volta e olhou também. Não podia entender a que vinha tanta comoção; era Laura. Apesar dos recentes acontecimentos, era bem-vinda em nosso lar.

Abriu facilmente as portas da cozinha e entrou.

- Oolaaaaa - Posso entrar?

Jéssica a olhava fixamente.

- O que está fazendo aqui?

Logo me dei conta. Era sábado de noite. Laura sempre ia a missa na noite de sábado. Dizia que isso a mantinha afastada de problemas, além disso podia dormir até tarde ao dia seguinte.

Encolheu os ombros e se aproximou de uma cadeira.

- OH, já sabe. Só... não tinha vontade de ir esta noite.

Estava tratando de não olhá-la fixamente, sem conseguir.

- Pela primeira vez em sua vida. Seus pais vão me matar! Vão pensar que sou uma má influência.

- É - disse Jéssica.

- Ei, vamos não é para tanto. Talvez vá amanhã.

- Nos desculpe por te olhar assim - disse Sinclair. - É só que é tão... devota. Foi uma surpresa, verte aqui quando normalmente está... em outro lugar.

- Não é para tanto - repetiu, e esta vez todos escutam a nota de advertência em sua voz.

Providencialmente, George o Demônio, escolheu esse momento para entrar na cozinha. Suponho que estávamos celebrando uma festa e se esqueceram de me dizer isso.

- O que está fazendo ele aqui em cima? - perguntou Jéssica. - E pensar que quase não entro para procurar um copo de leite. Olhe tudo o que teria perdido.

- Não sei - disse, olhando-o fixamente.

George arrastava a metade da manta que esteve tecendo, subiu a um tamborete de cozinha, bebeu todo meu chá... a primeira vez que manifestava interesse em outra coisa que não fosse sangue...o cuspiu no chão com desgosto, e começou novamente a tecer.

Laura esclareceu garganta.

- Eu, ah, quero aproveitar esta ocasião, Senhor George, para me desculpar... pelo que lhe fiz na outra noite. Estava procurando briga porque estava muito zangada com alguém mais, e essa é uma pobre desculpa. De fato, não é de nenhuma forma uma desculpa. Assim que outra vez, desculpo-me. Sinto muito, muito. E minhas desculpas também a ti Betsy e a ti Sinclair, por pôr as mãos sobre um de seus súditos.

Respondi a isso com um encolhimento de ombros e um murmúrio.

- Bom que vamos fazer?

Mas Sinclair, indubitavelmente acostumado a este tipo de coisas, sorteou-o com um comentário real.

- Não pense mais nisso, Laura, querida. Sabemos que suas ações normalmente são irreprováveis.

Sim normalmente.

- Parece melhor depois de que lhe alimentei - sugeriu Laura.

Contive o impulso de me dar um golpe na testa. Claro que estava melhor idiota! Ficava melhor depois de beber meu sangue... sangue real. Quanto melhor lhe sentaria o sangue pertencente à linha sangüínea do Diabo? Provavelmente agora poderia até calcular meus impostos.

- Isso é o que lhe trouxe a semana passada - disse Jéssica, olhando a manta cor lavanda que era quase tão grande como minha cama. - Deve estar terminando. Corrirei ao armário para comprar um pouco mais.

- Vermelha, por favor - disse George o Demônio.

Pandemônio. Caos. Mas sem importar com o que lhe tentássemos, nem quanto lhe enrolássemos, nem quantas vezes Sinclair o ordenasse, ou quantas vezes eu lhe rogasse, não voltou a dizer nenhuma palavra mais.

CAPÍTULO 41

- É este o terceiro encontro? Ou o quarto?

- Cadela intrometida, - riu Jéssica. Pela vigésima vez comprovou seus brincos de diamantes.

- Sim - lhe assegurei. - Ainda estão aí. - Tinha economizado para comprar o brinco na Tiffany; nesse mesmo momento a clássica caixa azul estava envolta na prateleira decorada com volantes e festões da sala.

OK, Sinclair me tinha ajudado. Não é que estivesse imbuído de espírito natalino. Mas gostava da idéia de dar a Jéssica um presente extravagante. Seria a primeira vez que dávamos de presente algo a alguém nós dois.

- Parece uma apetecível árvore de natal.

- O que quer dizer que meu traseiro se vê gordo neste vestido verde.

- Não, não. Somente que te vê muito espírito-para-estação.

- Já decidiu o que vais dar de presente a Sinclair?

- Sim. Retirei a petição que lhe tinha feito para que transbordasse seu conjuro sobre o Jon.

- Assim agora Jon... - Jéssica pensou nisso - não recordará que escreveu um livro a respeito de ti.

- Assim é. Quero dizer, é horrível lhe fazer algo assim, mas esta vez simplesmente não posso pensar em mim mesma. Há um montão de vampiros que contam comigo para que cuide deles... finalmente me dava conta disso quando salvei ao George do ataque da Laura. Bom, uns dias depois que salvei George. Embora eles não saibam que estou cuidando-os, supõe-se que o devo fazer. Assim... não há capacidade para nenhum livro sobre minha vida.

- Bom, se isso significar para ti ser rainha, então, como é a rainha, suponho que isso é tudo.
- Sim, isso é tudo. Quero dizer, dificilmente poderia me casar com Sinclair e proteger aos vampiros e não ser a rainha. Inclusive para mim, isso é bastante estúpido.
- Estúpido é uma palavra dura - disse ausente, passando em seu cílios uma máscara.
- Não deve entregar Jon sua bio depois das férias natalinas?
- Sim. - Ri malvadamente. - Sinclair está fazendo para ele. E será melhor que tampouco lhe aconteça isto a Tina. Uma história sobre a vida e a época do Grover Cleveland. Aparentemente Sinclair o conhecia. - Ri mais forte. - O castigo perfeito!
- Já falou com a Laura?
- Não. - Deixei de rir. Não sei o que lhe dizer sem parecer uma imbecil. Suponho... Suponho que temos a esperança de que tenha sido um deslize. Quer dizer, note quem é sua mãe. Está destinada a ter um temperamento explosivo. E não é como se o tipo não o merecesse.
- É esse o argumento principal? O merecia?
- Não - disse quase bruscamente - Mas é o melhor que posso fazer. Não vejo Nick chorando por isso.
- Provavelmente lhe dêem a promoção de sua vida - admitiu. - E isso é o que estamos celebrando. O grupo de trabalho está por dissolver-se. Nick voltará para sua vida habitual. O Assassino do Caminho de Entrada é história. E a família Scoman vai ter um excelente Natal.
- Assumindo que a Senhora Scoman alguma vez deixe de ter pesadelos.
- Seu pequena fantasma te contou isso? Que bisbilhoteira.
- Escutei isso! - disse Cathie, e então apareceu outra vez, provavelmente chegava de dar a lata (não é que pudessem ouvi-la) aos tipos que armavam a árvore. Íamos atrasados este ano, e por deferência a Sinclair e Tina, Jess, Marc, e eu não tínhamos nos unido à cerimônia de colocar os adornos na árvore. O mero feito de deixar que Jéssica comprasse um e o fizesse enviar à casa já tinha provocado uma briga o suficientemente grande.
- Demais está por dizer, que esses dois estariam evitando completamente toda a asa leste da casa até depois de fim de ano.
- Obviamente, se tivesse tido que escolher entre sua vida e os pesadelos, é uma eleição fácil. Ainda assim, desejaria que tivéssemos podido evitar toda a experiência
- Vamos. Salvou-a. E o tipo mau obteve seu castigo. E te vai se casar! Provavelmente.
- O que?
- Bom, estou bastante segura. E eu finalmente vou ter sexo.

- É um milagre de natal ?disse com zombadora alegria. - Com demônios e vampiros e assassinos em série mortos.
- Converteu-se em um pouco comercial – concordou ela retocando seus lábios. - Mais tarde quer te escapulir abaixo e pôr uma cruz na árvore?
- Não, será melhor que não o faça... Pobrezinhos, já sofreram muitos calafrios.
- Venha já, essa é uma frase que nunca pensei que iria associada com vampiros mau encarados.
- ?Com qualquer classe de vampiro. Trabalharemos nisso para o ano que vem. Se forem ficar fora do quarto de todos os modos, porque não podemos pôr uma cruz na árvore?
- Pôs-se a rir e atirou um xale negro de caxemira sobre seus ossudos ombros.
- Bom ponto. Agora, em uma escala do um a dez, com o um sendo um traseiro de rato, e o dez Halley Berry...
- Nove ponto seis. Definitivamente.
- Que mentirosa é, minha menina.
- Beijou-me, deixando uma marca laranja em minha bochecha, e flutuou para fora em uma nuvem de Chanel.

CAPÍTULO 42

E eu com meu cachecol, e Ma com seu cap....

Isso infelizmente, era tudo o que eu sabia. Minha mãe podia recitar de cor a coisa inteira, todos os vinte versos ou a quantidade que fossem. Jess, Marc, Jon e eu íamos a sua casa amanhã de noite para o jantar de Véspera de natal. Ela me diria isso então.

Fechei a porta de minha... nosso... quarto atrás de mim e vi Sinclair feito um miserável farrapo na metade da cama.

- Está aqui agora, verdade? - perguntou-. Posso sentir me drenando a força.
- OH, Jesus, comporta-te como um bebê! Só é uma árvore de natal. Não um artefato nuclear.

Estremeceu-.

- Você diz tomate, eu digo tou-mah-tee.
- Nem sequer é tão grande! – Coloquei minha mão ao nível de minha cintura. - É só deste tamanho. Tivemos que devolver a maior parte das decorações novamente ao apartamento de cobertura.
- Desmontarão depois de amanhã, verdade?
- Acabamos de adorná-la! OH, enquanto penso nisso, suponho que não irá quer ir ao jantar de já-sabe-que que fará amanhã minha mãe.

Fez uma careta, como se estivesse cheirando algo desagradável.

- Sua mãe é uma mulher encantadora em todos os aspectos, e normalmente estaria encantado.

- Obrigado, mas não, obrigado né?

- Não vou sair desta casa até o dia vinte e seis.

- São algo assombrosos. Juro-lhe isso.

- Você nunca entenderá, o quão alucinante é que lhe atemorizem de uma vez.

- Uh... huh. Provavelmente tem tanto medo que será incapaz de conseguir uma ereção, verdade?

Arqueou uma sobrancelha para mim.

- Nem tanto.

EPÍLOGO

_ Obrigado por não deshipnotizar ao Jon, _ resmunguei, sonolenta, muito mais tarde.

Seu peito retumbou sob minha bochecha quando começou a rir.

- O que me recorda, que meu trabalho sobre o Presidente Cleveland está quase terminado.

- Já! Mereceu isso. Obrigado.

- Há um pequeno problema.

- Com o trabalho?

- Não. Temo que por outra coisa.

- Não existem problemas pequenos, bonito. Dispara.

- Tina e eu procuramos por toda parte, apagamos tudo o que pudemos. Mas ao parecer Jon fez uma cópia do livro antes que eu lhe alcançasse. Fez algo com ele. Não estamos seguros do que.

- Por que odeio o rumo que está tomando esta conversa?

- E se perguntou, se realmente me meter em sua mente para lhe perguntar, poderia pôr em perigo...

- Os rastros que já deixou ali - disse com tristeza. Acredita já o mostrou a seu professor?

- Eu... espero que sim. Porque se não for, um extenso manuscrito sobre nossas vidas desapareceu. E se retoma sua coluna, alguém poderia vê-la e...

- Bom... É provável que apareça. Estava fazendo para as aulas; não é como se tivesse um motivo sinistro ou algo assim. Verdade? Sinclair? Verdade?

- Provavelmente - Que era o mais perto que Mr. Buzzkill estaria nunca de admitir que provavelmente nada sáísse disso.

- Entretanto tem um título pegajoso - disse ao tempo que ambos sentíamos que o sol começava a sair nesta manhã de Véspera de natal. - "Nem morta nem casada".
- O título apesta - disse, e então chegou o amanhecer, e todo se obscureceu e eu parti para onde seja que vão os vampiros quando não estão fazendo compras natalinas.



Nossa Comunidade:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=97125945>

Nosso Blog:

<http://traducoes-revisoes-rs-rts.blogspot.com/>